

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Joyce Nancy da Silva Corrêa

DIVERSÕES EM RIO BRANCO:

A alegria em meio à crise (1910-1930)

Belo Horizonte

2024

Joyce Nancy da Silva Corrêa

DIVERSÕES EM RIO BRANCO:

A alegria em meio à crise (1910-1930)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer.

Linha de pesquisa: Memória e história do lazer

Orientadora: Flávia da Cruz Santos

Belo Horizonte

2024

C824d Corrêa, Joyce Nancy da Silva
2024 Diversões em Rio Branco: a alegria em meio à crise (1910-1930). [manuscrito] /
 Joyce Nancy da Silva Corrêa – 2024.
 162 f.: il.

Orientadora: Flávia da Cruz Santos

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 150-162

1. Lazer – Rio Branco (AC) – Sec. XX – Teses. 2. Diversões – Rio Branco (AC)
– Sec. XX – Teses. 3. Recreação – Rio Branco (AC) – Sec. XX – Teses. I. Santos,
Flávia da Cruz. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação
Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da
Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA
ATA DA 103ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
JOYCE NANCY DA SILVA CORRÊA

Às 14h00min do dia 26 de novembro de 2024, reuniu-se no Miniauditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "As diversões em Rio Branco: A alegria em meio à crise (1910-1930)", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

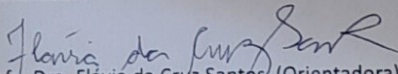
Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos (Orientadora)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	
Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama (UFMG)	X	
Prof. Dr. Georgino de Souza (UNIMONTES)	X	
Profa. Dra. Juliana de Alencar Viana (CEFET)	X	

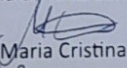
Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

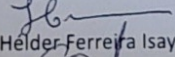
O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

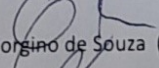
Belo Horizonte, 26 de novembro de 2024.

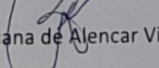
Assinatura dos membros da banca examinadora:


Profa. Dra. Flávia da Cruz Santos (Orientadora)


Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)


Prof. Dr. Hélder Ferreira Isayama (UFMG)


Prof. Dr. Georgino de Souza (UNIMONTES)


Profa. Dra. Juliana de Alencar Viana (CEFET-MG)

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos dessa tese não poderiam começar de outra forma senão homenageando o professor Rafael Fortes, que foi meu orientador, durante quase todo o meu doutorado, e nos deixou nesse ano. O Rafa era uma pessoa ímpar, ranzinza e engraçado, ao mesmo tempo. Mas, o que mais se destacava nele era o tino para a pesquisa e a dedicação que entregava ao trabalho acadêmico. Além disso, um ótimo orientador, sempre paciente e dedicado a ajudar na construção da pesquisa. Deixo aqui, nessas linhas, o meu mais profundo agradecimento.

Um agradecimento especial a Eliza, minha doce companheira, pela paciência, pelo carinho, pelo cuidado e apoio, durante todo o processo, e por ter lido e contribuído com a tese. Agradeço aos meus amigos, que me apoiaram durante este percurso, Bruna, Laura, Débora, Ana e, especialmente, ao Pedro que me incentivou em cada etapa da minha formação acadêmica. Ao Danilo Ramos, pelas ajudas nas burocracias e pelas oportunidades. E a minha família.

Agradeço aos professores, que marcaram a minha trajetória acadêmica, desde a graduação. Os ensinamentos, as lições, as trocas de experiências e os conselhos que contribuíram para formar a professora e pesquisadora que me tornei.

Um agradecimento mais que especial e afetuoso a Flávia Santos, minha amiga e orientadora, que foi apoio, amizade e que sempre se dedicou de forma tão gentil e comprometida na construção desse trabalho. Aproveito para agradecer ao grupo de estudos coletivos, Flávia, Letícia e Bernardo, que leram e debateram meu trabalho com tanta atenção e carinho. Os debates e conversas que tivemos foram momentos enriquecedores.

E por fim, agradeço o apoio financeiro da CAPES, que proporcionou a construção dessa tese.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar a organização das primeiras iniciativas em prol das diversões na cidade de Rio Branco, no Acre, em um recorte temporal que compreende os anos de 1910 a 1930, usando, como fonte, os jornais da época. O período foi marcado pelo início da crise financeira causada pela decadência do preço da borracha – principal atividade econômica – por volta da década de 1910. A crise fez com que ocorresse uma diversificação comercial e, nesse sentido, novos empreendimentos foram inaugurados na cidade, como bares, cinemas e casas de diversão. Concomitantemente a esse processo, a elite rio-branquense desfrutava de novas experiências esportivas com as corridas hípias, de bicicleta e a pé. Mas, destacadamente, o futebol foi o esporte que mais se consolidou, com a fundação de clubes, a organização da Liga Acreana de Esportes Terrestres (entidade organizadora), a construção de sedes sociais e, em 1929, a inauguração do primeiro estádio da cidade, o Estádio José de Melo. Além desses esportes, com a fundação da Associação Atlética Acreana, em 1929, novos ramos esportivos foram inaugurados na cidade, como o voleibol e o basquete. Mulheres e crianças passaram a poder praticar modalidades esportivas. Um momento importante de mudança na dinâmica esportiva, que, durante os primeiros anos, era voltada para a prática de homens adultos e que gozavam prestígio social. Durante as duas décadas pesquisadas, o cinema se destacou como espaço de diversão para a população em geral. O salão de festa Tentamen surgiu como a consolidação dos anseios da elite local de possuir um local específico, que demonstrasse distinção social. Por fim, as festas se destacaram como a forma mais frequente de diversão entre a população. Em Rio Branco não havia processos intensos de industrialização ou urbanização, mas, ainda assim, a população experimentou o surgimento de novas práticas de diversão e a organização esportiva. As transformações ocorridas foram mais de ordem social, do que física ou estrutural. As diversões apareciam como uma manifestação dos novos hábitos modernos. Dessa forma, apesar de todas as adversidades econômicas e políticas, diferente do imaginário de isolamento e marasmo que se tinha, havia diversão em Rio Branco.

Palavras-chave: Futebol; Cinema; Festa; Corrida; Diversões.

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the organization of the early initiatives in favor of recreation in the city of Rio Branco (Acre), during the time period from 1910 to 1930, using newspapers from that era as a source. This period was marked by the onset of a financial crisis caused by the decline in rubber prices — the main economic activity — around the 1910s. The crisis led to commercial diversification, and in this context, new ventures were inaugurated in the city, such as bars, cinemas, and recreation venues. Concurrently, the local elite enjoyed new sporting experiences, including horse racing, cycling, and foot races. However, notably, soccer became the sport that consolidated the most, with the founding of clubs, the organization of the Acrean League of Land Sports (the organizing body), the construction of social clubs, and, in 1929, the inauguration of the city's first stadium, the José de Melo Stadium. In addition to these sports, the founding of the Acrean Athletic Association in 1929 introduced new sports in the city, such as volleyball and basketball. Women and children began to participate in sporting activities. This marked an important change in the sporting dynamic, which had previously focused on adult men who enjoyed social prestige. During the two decades studied, cinema emerged as a significant space for recreation for the general population. The Tentamen party hall became a manifestation of the local elite's desire to have a specific place that demonstrated social distinction. Finally, parties stood out as the most frequent form of recreation among the population. In Rio Branco, there were no intense processes of industrialization or urbanization; nevertheless, the population experienced the emergence of new recreation practices and sports organization. The transformations that occurred were more of a social nature than physical or structural. Recreation appeared as a manifestation of new modern habits. Thus, despite all economic and political adversities, contrary to the imagined isolation and stagnation, there was recreation in Rio Branco.

Keywords: Soccer; Cinema; Party; Race; Recreation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Esboço da cidade de Rio Branco em 1950	12
Figura 2 - Distância entre Rio Branco e Rio de Janeiro (à esquerda); distância entre Rio Branco e Cobija (à direita).	13
Figura 3 - Alunos realizando atividade física em comemoração a Independência do Brasil em 1928.	35
Figura 4 - Partida de vôlei no Estádio do Rio Branco Football Club	39
Figura 5 - Inauguração do “Stadium”, em junho de 1929	62
Figura 6 - Anúncio do Olympia Cinema.....	81
Figura 7 - Anúncio dos cinemas	83
Figura 8 - Primeira fachada do Cinema (ao centro)	84
Figura 9 - Fachada atual Cine Teatro Recreio	95
Figura 10 - Propaganda do Bar Acreano.....	98
Figura 11 - Fachada da Tentamen na década de 1930.	108
Figura 12 - Baile carnavalesco da Tentamen, em 1932.	111
Figura 13 - Tentamen, atualmente.	113
Figura 14 - Baile de carnaval na Tentamen.....	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - OS ESPORTES EM RIO BRANCO	24
1.1 As corridas: a pé, a cavalo e de bicicleta	24
1.2 As disputas atléticas	32
1.3 A gênese do futebol em Rio Branco.....	41
CAPÍTULO 2 - A CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS PRIVADOS PARA AS DIVERSÕES DE RIO BRANCO	65
2.1 No palco: as diferentes iniciativas em prol do teatro	65
2.2 Na tela: os primeiros cinemas de Rio Branco	76
2.3 Nos salões: as casas de diversões e clubes sociais	95
CAPÍTULO 3 - DIVERSÕES E SOCIABILIDADES: JOGOS, FESTAS E COMEMORAÇÕES	115
3.1 Festejos e comemorações	115
3.2 Jogos legais e ilegais	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
FONTES.....	150
REFERÊNCIAS.....	158

INTRODUÇÃO

Estudar a cidade acreana de Rio Branco parece inusitado, por ela ter sido pouco evidenciada, até o momento, na historiografia das diversões. Essa cidade e/ou, ainda, o Acre são sub-representados na literatura, sobretudo na história, inclusive em trabalhos dedicados a região amazônica como os de Barbara Weinstein (1993) e Roberto Santos (1980), que, apesar de apresentarem grandes contribuições para se entender a história da região, dedicam-se, quase exclusivamente, às cidades de Belém e Manaus, com alguns indícios do Acre.

Os trabalhos que se dedicaram exclusivamente à cidade de Rio Branco ou ao Acre, usualmente, concentram-se nas relações econômicas e nos conflitos políticos ocorridos no final do século XIX e início do século XX. Souza (2002, p. 16), ao observar as pesquisas sobre a Amazônia brasileira, constatou que “o predomínio de abordagens economicistas, onde nunca, ou quase nunca, aparecem às vivências do cotidiano das populações”. A história do lazer ou, ainda, das diversões foi pouco evidenciada nas pesquisas realizadas¹.

Embora, no início do século XX, a cidade fosse relativamente nova, levando em consideração o início da sua ocupação por brasileiros, segundo Carneiro (2014), datada de por volta de 1888, e seu processo de expansão, houve ali organizações esportivas e práticas de diversões, como sessões de cinema, festas, corridas hípias e jogos de futebol. Estudar as diversões em Rio Branco pode evidenciar vivências do cotidiano da população e mostrar outras formas de organização das diversões em cidades brasileiras, visto que, a cidade acreana teve uma forma de organização com singularidades.

Antes de apresentar as diversões em si, é interessante contextualizar as circunstâncias que atravessava a cidade. Rio Branco, atualmente, é a capital do estado do Acre, na região norte do Brasil. Mas, essa configuração é recente.

Por volta de 1900, toda a região acreana passou por conflitos de ordem política e econômica, como a Revolta Acreana, na qual brasileiros que ocupavam a região entraram em uma luta armada com o exército boliviano, pois a demarcação

¹ Para a construção desta pesquisa foi realizada uma busca em diferentes plataformas de trabalhos científicos no dia 14 de dezembro de 2020, dentre elas: CAPES; Revistas ligadas a Universidade Federal do Acre (UFAC); e na Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações (BDTD). Na busca, foram utilizados os termos “Rio Branco”, “Acre”, “Esportes”, “Diversões”, “Lazer”, “Futebol”, “Football”, “Cinema”, “theatro”. Os trabalhos encontrados serão evidenciados mais adiante, no texto.

de fronteira entre os países não era bem estabelecida e o governo boliviano queria cobrar taxas altas sobre a exportação da borracha. Para resolver a situação, em 1903, Brasil e Bolívia assinaram um acordo, que ficou conhecido como Tratado de Petrópolis, no qual o Acre passou, oficialmente, a fazer parte do território brasileiro e a Bolívia foi indenizada.

A partir do Tratado de Petrópolis, o Acre se tornou um Território Federal, ou seja, passou a ser administrado, diretamente, pela União e não possuía autonomia política. O Acre foi o último território a ser anexado ao Brasil, sendo elevado à categoria de Estado no ano de 1962². Durante os primeiros anos de 1900, o estado sofreu reorganizações administrativas, sendo, inicialmente, dividido em três departamentos, que eram administrados por prefeitos nomeados pelo presidente da República.

De 1903 a 1913, Rio Branco era categorizada como vila, quando o governo federal publicou uma nova reorganização administrativa, aprovada pelo Decreto n. 9.831, de 23 de outubro de 1912 (Camargo, 2014). Com a nova organização administrativa, Rio Branco passou a ser categorizada como cidade³ e capital do departamento do Alto Acre – um dos departamentos da divisão administrativa. Além disso, era administrada por um Intendente Municipal, o qual, de forma semelhante aos departamentos, era indicado pelo Presidente, ou seja, não desfrutavam de autonomia política (Menezes; Fernandes, 2005).

Em 1920, houve mais uma reorganização. Desta vez, o Território foi centralizado, ou seja, deixou de ser dividido em departamentos e passou a ser administrado por um governador, indicado, também, pelo Presidente da República. Dessa forma, Rio Branco foi qualificada como capital de todo o Território do Acre⁴.

Desde a sua gênese, a cidade de Rio Branco, assim como todo o Acre, tinha como principal atividade econômica a extração do látex⁵. A cidade e o estado se desenvolveram a partir da borracha, como apontam Menezes e Fernandes (2005, p. 6): “os núcleos que deram origem às cidades localizaram-se e organizaram-se em função da lógica da atividade extrativa gomífera”.

² Governo Estadual do Acre, 2018. Disponível em: <http://www.ac.gov.br/wps/portal/acre/Acre/estado-acre>. Acesso em: 05 mar. 2018.

³ BRASIL. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **Recenseamento do Brasil 1920**. Typ. Da estatística, Rio de Janeiro, 1927.

⁴ Governo Estadual do Acre, 2018. Disponível em: <http://www.ac.gov.br/wps/portal/acre/Acre/estado-acre>. Acesso em: 05 mar. 2018.

⁵ Líquido extraído de árvores seringueiras e a matéria-prima principal da borracha.

A cidade se expandiu às margens do rio Acre, visto que a floresta amazônica é de vegetação densa e extensa e o acesso ocorria pelos rios. Nesse sentido, o mercado da borracha foi expressivo na economia regional (região norte) e nacional, de maneira que chegou, por volta de 1900, à marca de 23,41% da exportação brasileira, tornando-se o segundo produto mais exportado, perdendo apenas para o café (Klein, 2013).

Porém, a partir de 1910, o mercado amargou uma queda quase continua do preço da borracha, o que levou a região amazônica a uma crise econômica, sobretudo no Acre. O maior fator para tal queda foi a entrada da concorrência asiática no mercado internacional, algo que os brasileiros ainda não tinham experimentado, pois, até aquele momento, o Brasil era o único produtor.

Para se ter noção, em 1900, quando a Ásia entrou nessa concorrência do mercado de borracha, a produção brasileira era de 90% da produção mundial, enquanto a asiática era de 10%. No ano de 1913, pela primeira vez, a produção asiática ultrapassou a brasileira, de modo que, na Ásia, produziu-se 54.356 toneladas de borracha, enquanto, no Brasil, foram produzidas 36.232 toneladas (Fonseca, 1950).

Desse modo, em pouco mais de uma década, o Brasil decaiu de uma produção de mais 90% para 40% da borracha mundial. Em 1930, a borracha asiática representava 83% do mercado. Em consequência, a produção brasileira foi, progressivamente, perdendo espaço. A crise da borracha se estendeu até meados dos anos de 1930⁶.

Nesse período, a dinâmica comercial, era completamente voltada para a produção da borracha. Com a crise, abriu-se espaço para uma diversificação comercial (Weinstein, 1993). Dessa forma, além da comercialização da borracha - que continuou como principal atividade econômica - novos empreendimentos foram abertos, como no ramo das castanhas, na atividade agrícola e pecuária e no ramo das diversões.

Um exemplo desse movimento foi Neutel Maia, um dos primeiros moradores da cidade e o maior seringalista, nos últimos anos do século XIX e primeiras décadas do século XX. Com a crise, ele expandiu seus negócios para a criação animal e para o ramo de bares (Klein, 2013), sendo um dos investidores do

⁶ Ver: KLEIN, 2013; SANTOS, 1980; WEINSTEIN, 1993; BUENO, 2012.

Bar Acreano, entre os anos de 1911 e 1912. Com o encerramento do bar, abriu um novo local, em 1913, chamado de *Empresa Club*, que promovia jogos “permitidos por lei”⁷.

Diferente de outras cidades brasileiras, como São Paulo, em que a prosperidade econômica foi um fator importante para o surgimento de práticas de diversão⁸, em Rio Branco foi justamente o contrário. Em meio à crise, surgiram na cidade cinemas e casas de diversões, clubes de futebol, entre outras associações e práticas esportivas.

Rio Branco se caracteriza por ser uma cidade inserida em meio à floresta amazônica, dessa forma, o acesso não era rápido, nem fácil. O clima tropical impunha dias quentes, úmidos e chuvosos. Os rios que cortam a cidade eram o único meio de acesso ao local e dividia a cidade em bairros:

A penetração da população se fez ao longo dos rios e sua fixação também se realizou ao longo dos mesmos, isto é, em pequenas clareiras marginais. Aliás, esta é a única maneira concebível de penetração, diante da cobertura florestal densa que possui a região (Brasil, 2004, p. 101).

A imagem do mapa do recenseamento, de 1950, mostra como a cidade se estabeleceu as margens do rio Acre e onde se localizava o primeiro estádio de futebol.

⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 jun. 1913, p. 3.

⁸ Ver: GAMBETA, 2013; DECCA, 1983; SANTOS, 2019.

Figura 1 – Esboço da cidade de Rio Branco em 1950



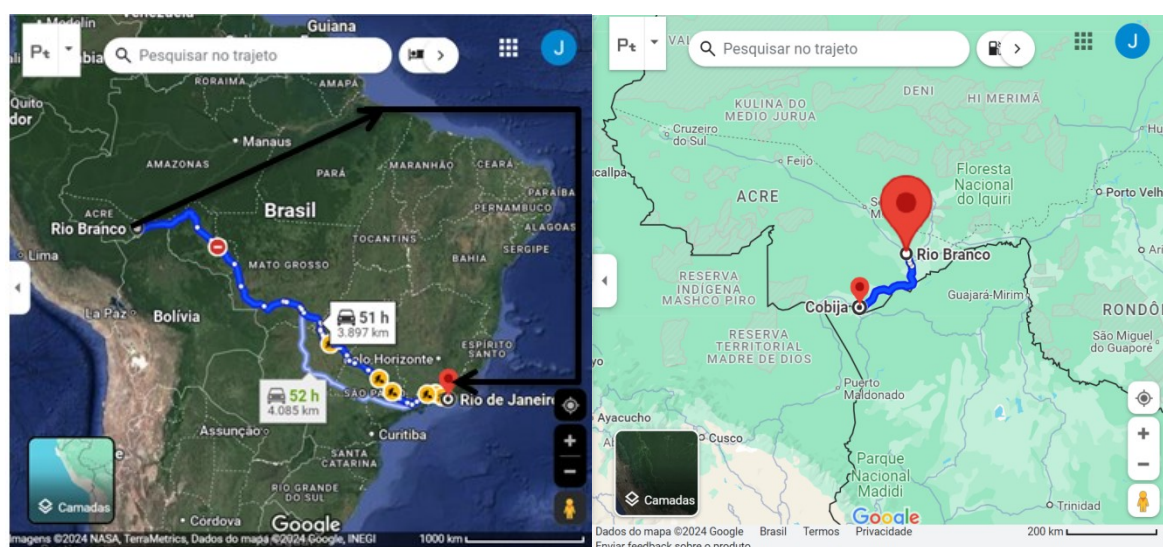
Fonte: Estudo geográfico do Território do Acre (2004, p. 136).

Em dias de festividades, a prefeitura colocava mais embarcações à disposição, para fazer o transporte da população de uma margem a outra do rio Acre. A capital mais próxima, a cidade de Manaus, no estado do Amazonas, pelo qual passavam embarcações que iam à cidade levando pessoas e diferentes mercadorias, fica há mais de 1.000 quilômetros (km).

Segundo Klein (2013, p. 279), “ali só se chegava de vapor após uma extenuante viagem de mais de mil quilômetros”. Uma viagem de Rio Branco até a cidade do Rio de Janeiro – na época, capital federal – durava cerca de um mês e era de aproximadamente 3.990 km, o trajeto era feito de embarcação, passando pelo rio Madeira até o rio Amazonas e, a partir do porto de Belém, pelo litoral brasileiro, até a o Rio de Janeiro, como é possível ver no mapa abaixo. Tais fatores causavam certo isolamento geográfico e político.

Após o Tratado de Petrópolis, o Brasil ressarcia a Bolívia pelo território do Acre, dessa forma, as relações comerciais entre os países continuaram ocorrendo, sobretudo com a cidade de Cobija. Com isso, alguns negócios, como a compra de fitas de filme, aconteciam na cidade boliviana, que se localiza na fronteira entre Brasil e Bolívia, há cerca de 230 km de distância de Rio Branco, como mostra o mapa.

Figura 2 - Distância entre Rio Branco e Rio de Janeiro (à esquerda); distância entre Rio Branco e Cobija (à direita).



Fonte: Google Maps.

O comércio da borracha, quando no auge, entre os anos de 1880 e 1910, atraiu diversas pessoas em busca de enriquecimento rápido, com destaque para a migração de cearenses, que fugiam da seca. Em 1904, havia, aproximadamente, 1.389 pessoas de origem cearense, o que representava 58,45% da população total da cidade (Klein, 2012).

Havia, ainda, migrantes de outras cidades brasileiras e de outros países, como sírios, portugueses, bolivianos e armênicos (Menezes; Fernandes, 2005; Pontes, 2014). Naquele contexto, portugueses e sírios constituíram colônias na cidade e tiveram participação no desenvolvimento das diversões. Assim, a população era constituída por pessoas de diferentes lugares.

As pessoas que migraram para o Acre, sobretudo de origem cearense, eram a principal mão de obra do mercado da borracha. Muitos se deslocavam em busca de enriquecimento rápido, porém, poucos obtinham tal feito, principalmente,

por adquirirem dívidas do deslocamento até o Acre. Além disso, normalmente, moravam no seringal em que trabalhavam e viviam em uma relação quase de servidão por endividamento, visto que deveriam trabalhar para pagar as dívidas, mas, em geral, estas só aumentavam (Santos, 1980).

De acordo com dados do IBGE, em 1910, a cidade de Rio Branco somava uma população de 23.340 pessoas e era composta, majoritariamente, por homens, sendo cerca de 69% dos habitantes, e 31% de mulheres. Em sua maioria, homens e mulheres solteiros⁹.

Em 1920, a dinâmica não se alterou significativamente, de modo que havia 19.930 pessoas habitando a cidade, das quais, 13.210 eram homens (66%) e 6.720 eram mulheres (34%); 13.920 eram solteiros e 4.880 eram casados. Desses, 19.198 pessoas eram brasileiras e 728 eram estrangeiras, o restante não declarou¹⁰.

Esse fato reflete a dinâmica de migração, na qual, principalmente, homens jovens e solteiros se deslocaram para o Acre, em busca de melhores condições de vida. Diante desses números, é possível notar os reflexos da crise sobre a população, que fez com que esta diminuísse, da década de 1910 para 1920.

De acordo com Souza (2002, p. 34), o aspecto físico da cidade era composto por “casas de madeira com cobertura de telha de barro ou palha construídas predominantemente, de forma conjugada”. Estes eram materiais mais acessíveis e condizentes com o clima quente da região e das condições de acesso. Materiais de alvenaria deveriam ser encomendados em outras cidades e elevavam o preço da construção. Essa conformação incluía prédios governamentais, que seguiam o mesmo padrão das construções das casas.

A cidade, em seu centro urbano, tinha dois bairros mais centrais: de um lado do rio Acre, o bairro de Pennapolis; e, do outro lado, o Rio Branco (chamado de centro). Pennapolis era considerada a parte administrativa, onde ficava a sede do Governo e a residência oficial do Governador. No bairro Rio Branco, ficava a parte

⁹ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil, 1908/1912**. Rio de Janeiro: Ministerio da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística, v.1, t.3, 1927. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v3.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

¹⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil, 1936**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estatística, v.2, 1936. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1936.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

comercial da cidade, onde casas e comércios se misturavam (Souza, 2002). Havia, ainda, os bairros África e Quinze.

O Estado do Acre tinha uma imagem ambígua para o restante do país. Algumas pessoas, com o comércio da borracha, viam na região a oportunidade de enriquecimento rápido e melhoria de vida. Por outro lado, de acordo com as noções de progresso da época, o Território era visto como o “inferno verde”, um local atrasado e isolado.

Aos que passavam pela região, chamava a atenção à imensidão verde da floresta e os rios que pareciam mares (Cunha, 2015). Para os demais, formou-se, no imaginário, a associação do Acre a um lugar inóspito, ríspido, ao vazio e distante da chamada “civilização” (Silva, 2010).

O imaginário que se tinha da região era de isolamento e atraso, similar ao que aponta Ribeiro (2020, p. 13), ao falar de Goiânia, no início do século XX. Segundo ele, a cidade tinha uma imagem “atrelada ao abandono, isolamento, invisibilidade e atraso, características próprias da 'ruralidade' associada ao sertão brasileiro de então, um 'vazio cultural'”. Porém, diferente do imaginário que se criou à época, em Rio Branco, havia diferentes manifestações de diversão.

A gênese das associações esportivas, sociais e outros gêneros de diversões estavam no âmago da elite, que era composta, majoritariamente, por empresários (da borracha e de outros ramos), jornalistas, funcionários públicos, militares e profissionais liberais.

Estas manifestações eram, especialmente, desfrutadas por esse grupo social, que, por possuir influência, recursos e poder, lograva de momentos de diversão com pouca ou nenhuma repressão. Diferente das pessoas mais pobres da cidade, que eram reprimidas pela polícia e pela imprensa, ao vivenciarem práticas semelhantes (Corrêa, 2019). O futebol, por exemplo, era enaltecido quando praticado pelos homens que gozavam prestígio social, mas os indivíduos do grupo desfavorecido economicamente ou as crianças que jogam eram coibidas nas páginas do jornal e pela Força Policial.

Diante desse contexto, o objetivo deste trabalho é investigar e compreender a organização das diversões na cidade de Rio Branco, entre os anos de 1910 e 1930, período marcado pela crise da borracha. No período, surgiram locais e associações pioneiras na promoção de diversões na cidade, como o

Olympia Cinema, Eden Cinema, o Rio Branco Football Club, a Associação Atlética Acreana e o salão de festa Tentamen.

A delimitação do ano de 1910 foi definida devido ao contexto de crise econômica causada pela queda do preço da borracha, principal atividade econômica da cidade. Com o comércio da borracha, a capital acreana viveu o seu ápice econômico, entre os anos de 1890 até os primeiros anos da década de 1900. Logo em seguida, a partir de 1910, vivenciou uma crise financeira, devido ao declínio no preço do produto no mercado internacional (Weinstein, 1993).

O preço da borracha oscilava desde os primórdios da comercialização, mas, a partir de 1910, a tendência foi de queda. Santos (1980) aponta os anos de 1910 a 1930 como de crise e declínio do mercado da borracha, mas ressalta que durante esse período havia flutuações de preço. A economia da cidade era completamente voltada para o mercado da borracha e a crise financeira afetou sobremaneira a promoção de diversões.

A princípio, a crise abriu espaço para um movimento de diversificação comercial e as diversões apareceram como uma alternativa. Porém, a partir de 1913, a crise começou a impactar negativamente as diversões, e por volta de 1922, momento mais agudo de crise, a frequência das diversões diminuiu, sendo o momento de maior impacto econômico.

A delimitação do ano de 1930 foi definida pela frequência das diversões. A partir daquele ano, houve uma mudança de dinâmica, com o declínio das práticas esportivas e na promoção de diferentes práticas de diversões. Além disso, o ano foi marcado pelo fim da administração do governador Hugo Carneiro, que durou entre os anos de 1927 a 1930.

Esse gestor tinha ideais modernistas, almejando transformações dos aspectos físicos e sociais da cidade, e sanitaristas. Sua principal meta era fazer de Rio Branco uma vitrine de progresso para o restante do Território (Souza, 2002). Carneiro foi um governador autoritário e, ainda que não tenha conseguido concretizar totalmente suas aspirações modernistas, provocou mudanças no cotidiano da cidade e na promoção das diversões.

Assim, o recorte temporal foi estabelecido a partir de eventos importantes da história da cidade: a crise financeira que influenciava diretamente o cotidiano da

população e, conseqüentemente, a promoção de diferentes formas de diversão; bem como mudanças políticas locais.

Entretanto, para além dos marcos políticos e financeiros, os anos de 1910 a 1930 foram de suma importância no desenvolvimento das diversões, com o surgimento, nesse período, dos primeiros cinemas, casas de diversões e clubes sociais e esportivos, o que alterou e marcou o cotidiano e história da cidade.

Houve, ainda, dois importantes aspectos desse contexto que repercutiram sobre as diversões. O primeiro foi a busca pela afirmação da identidade nacional brasileira pelos rio-branquenses, devido ao modo como a região havia se tornado Território brasileiro, com a Revolta Acreana (Costa, 1998). Os acreanos, assim como populações de outras cidades do interior, “[...] situadas em posição periférica em relação aos centros hegemônicos do país, flertavam com o futuro, inspirados por um sentimento de pertencimento à nação. Uma nação que ainda não reconhecia seu sertão” (Ribeiro, 2020, p. 25). Nos jornais havia a difusão dessas ideias. Em uma notícia que descrevia uma partida de futebol, é possível notar a preocupação em construir uma boa imagem perante o restante do país: “o *foot-ball* há de ajudar, conseguir-se para o Acre, lá fora, o nome que bem merece este povo ordeiro e pacífico, cuja principal preocupação é ser grande e concorrer para o brilho e grandeza do nosso Brasil”¹¹.

O outro aspecto importante diz respeito aos ideais modernistas, que se espalharam por todo o Brasil, chegando, também, ao Acre, especialmente, na década de 1920. Isso mostrava que o isolamento era relativo, pois as ideias e novas práticas, que circulavam no território nacional, também chegaram ao extremo norte do país.

Souza (2002, p. 38), ao apresentar a origem dos ideais modernistas, explica que a “[...] principal representação do discurso de constituição da cidade moderna e de novas práticas de intervenção do poder público nos espaços urbanos ocorreu na cidade de Paris, do Prefeito Haussmann”. Este que, durante os anos de 1853 a 1870, implementou um projeto de modernização e racionalização dos espaços da cidade, comumente chamado de “Haussmanização”. Ainda de acordo com o autor, a capital francesa deveria ser “uma referência de valores, cultura, modos de vida e padrões estéticos para o restante do mundo” (Souza, 2002, p. 39).

¹¹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**. Rio Branco, 22 jul. 1920, p. 3.

Tais representações chegaram ao Brasil, principalmente, às capitais. No Rio de Janeiro, que, naquele momento, era capital federal, essas referências de modernidade foram colocadas em prática pelo prefeito Francisco Pereira Passos (Melo; Peres, 2005), conhecido como “‘prefeito bota-abaixo’ devido às demolições dos cortiços e do antigo casario do centro da cidade, que deram lugar a novas ruas e avenidas, visando sanear a capital da República” (Hoffbauer; Pessoa, 2020).

Na região norte, as cidades de Belém e Manaus experimentaram as intervenções urbanas por projetos governamentais em busca de modernidade. Em Belém, por intermédio do intendente Antônio Lemos (1897-1912) (Coelho, 2011), e, em Manaus, do governador Eduardo Ribeiro (1892-1906) (Souza, 2017). A região norte, especialmente, pelas relações comerciais da borracha, tinham a Inglaterra e França como referências, como expressam Dias e Souza (2020, p. 466), “[...] se tornou comercialmente dependente da Inglaterra e culturalmente dependente da França”.

Destaca-se que, nas referidas cidades, as transformações não foram apenas de ordem física e estrutural, mas, também, comportamental. E, dentre esses novos comportamentos modernos, divertir-se nos clubes, nas praças, nos teatros e nos cinemas, era um hábito exaltado e convergente com a nova lógica social.

Uma lógica que insidia sobre os corpos, ditando, desse modo, “novas formas de viver, sentir, pensar e agir se estabeleciam na busca pela construção de uma civilidade” (Lessa; Soares; Silva, 2023, p. 316). Diante disso, Lessa, Soares e Silva (2023, 321) complementam:

A formação de uma cultura física em torno dos divertimentos e a nova dinâmica da vida urbana possibilitou a formação de valores referentes a um modo de vida em que práticas esportivas, jogos e divertimentos junto à natureza expressavam, em certa medida, um ideário de vida ao ar livre em que um corpo ágil e veloz tem lugar.

Assim como em outras cidades, como dito, as noções de modernidade eram inspiradas no conjunto de valores exportados da Inglaterra, e especialmente da França (Ianni, 1990). Em Rio Branco, os novos comportamentos eram exaltados nos jornais, como demonstram às notícias a seguir:

O interessante festival, que constituirá um verdadeiro acontecimento nos annaes elegantes da nossa capital, marcando o início de uma nova época, assignalada por um cunho de bem orientada e sadia modernidade,

constará, além do chá, de diversos números sportivos, na sua maioria inéditos entre nós, merecendo ser destacados...¹² [grifos meus]

Films novíssimos chegados ao Pará em outubro para grande festa de Nazareth, alcançaram enorme sucesso n'aquella capital, e seu proprietário os trouxe até aqui no louvável intuito de concorrer de algum modo para o progresso desta capital¹³ [grifos meus].

As práticas de diversão se inseriram na sociedade rio-branquense, influenciando a experiência cidadina, sendo comuns sessões de cinema e festas, durante a semana, e disputas esportivas, aos finais de semana. Na disposição do espaço, locais de diferentes ordens foram construídos em ruas centrais da cidade, como o Cinema Eden e o Estádio José de Melo.

Esta pesquisa, portanto, é um trabalho histórico, construído a partir dos jornais do período. Para tanto, fez-se necessário ler todas as edições dos jornais, disponíveis na Hemeroteca, ou seja, 526 edições de jornais, que circularam na cidade durante o recorte temporal (1910 a 1930), para acompanhar o cotidiano da sociedade. Junto a isso, foi necessário entender como as diversões foram se inserindo no cotidiano e se modificando, ao longo dos anos.

Após o processo de leitura dos jornais, as notícias relacionadas às diversões ou que apresentavam informações relevantes sobre a cidade foram transcritas e, logo em seguida, separadas em categorias, para a análise e construção dos capítulos.

Para a construção desta pesquisa, a principal fonte foram os jornais disponibilizados virtualmente pela Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro¹⁴. Os jornais utilizados foram o *Folha do Acre* (1910-1946) e *O Acre* (1929-1972), que circularam com regularidade, no período estudado. Para a busca de informações específicas, jornais de outras cidades também foram consultados, a partir do filtro de busca da Hemeroteca.

O jornal *Folha do Acre* foi fundado em agosto de 1910. Era encabeçado por empresários locais. A princípio, dizia-se ser “Órgão dos interesses do povo”, mas, logo em seguida, em 1911, o jornal torna-se “Órgão do Partido Construtor Acreano”, também fundado naquele ano. Tal partido se caracterizava como evolucionista ou ainda, republicano, e se dizia ter por finalidade “trabalhar pelo

¹² O ACRE. Rio Branco, 20 abr. 1930, p. 6.

¹³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 jan. 1926, p. 4.

¹⁴ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

progresso”¹⁵. Mas, o maior interesse era a elevação do Acre de Território federal para Estado brasileiro. Assim eles poderiam disputar eleições e exercer mais influência na região.

O jornal *O Acre* teve sua primeira edição em agosto de 1929 e tinha grande dedicação em expor a vida jurídica e administrativa da cidade. Era impresso na “typographia official”, ou seja, com os aparatos do governo e redigido por funcionários públicos, porém não era um jornal oficial¹⁶. E, diferente do *Folha do Acre*, raramente tinha suas colunas assinadas pelos autores.

Os dois jornais eram dedicados especialmente à cidade de Rio Branco, mas contavam com notícias de outras partes do Brasil e do mundo. Ambos, em suas páginas finais, dedicavam algumas colunas a apresentar a vida cultural e social da cidade. No *O Acre*, as notícias sobre as diversões frequentemente apareciam na coluna “A Sociedade”¹⁷. No jornal *Folha do Acre*, eram retratadas na coluna “Chronica social”, “Folha Sportiva” e “Na tela e nos salões”¹⁸.

O jornal *Folha do Acre* teve uma distribuição regular, circulando na cidade por, aproximadamente, três décadas, com frequência semanal, normalmente, distribuído às quintas-feiras, com um volume de quatro páginas, por edição. O jornal *O Acre* também era semanal, mas distribuído aos domingos, com regularidade, até o ano de 1936, tendo um volume médio de seis páginas, por edição. Ambos os jornais eram, nitidamente, produzidos pela elite local e representavam suas aspirações.

Além dos jornais, as buscas por fontes foram realizadas em diferentes plataformas, bibliotecas e bancos de dados¹⁹. Dentre os portais e plataformas, foram encontradas informações na Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que fornece fotos, dados censitários e relatórios do século XX; no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sobre o tombamento

¹⁵ FOLHA DO ACRE, Cidade da Empreza, 04 jun. 1911, p. 1.

¹⁶ O ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1929, p. 3.

¹⁷ O ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1929, p. 4.

¹⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 nov. 1927, p. 4.

¹⁹ Foram consultados os *sites*: SIAN (sistema de informação do Arquivo Nacional); CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História); Arquivo Nacional Brasileiro; Biblioteca do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística); Portal IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); Dibrarq (Diretório Brasileiro de Arquivos – Arquivo Nacional); Biblioteca Nacional UNESP; Biblioteca Pública de Minas Gerais; Arquivo Público do Estado de São Paulo; Repositório da Universidade Federal da Fronteira do Sul; Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações; Arquivos da Fundação Fio Cruz/Oswaldo Cruz; Sistema de Informação Eletrônica da UFAC (Universidade Federal do Acre); Memória Estatística do Brasil – Biblioteca do Ministério da Fazenda, no Rio de Janeiro; MAPA (Memória da Administração pública Brasileira); e a Biblioteca Digital Luso-brasileira. Essas buscas foram realizadas entre os dias 05/03/2021 e 26/05/2021.

do prédio da Tentamen e do Cine Teatro Recreio; e no portal de Teses e Dissertações, trabalhos referentes ao Acre e a Rio Branco. Nos outros *sites* e plataformas não foram encontradas fontes que tenham subsidiado a construção da pesquisa.

Um dos desafios da pesquisa foi a quantidade de homônimos, como o próprio nome da cidade, que foi dado em homenagem ao Barão de Rio Branco (1845-1912)²⁰. Ao fazer buscas por fontes relacionadas à cidade, aparecem, nos filtros, documentos e arquivos relacionados ao Barão. Outro exemplo é quanto ao nome do Estado, que, no período estudado era Território federal. A palavra “acre” tem outros significados como acidez, azedo, cheiro forte²¹.

Ainda que a busca por fontes tenha sido feita em diferentes plataformas, bibliotecas e *sites*, a quantidade de informações encontradas foi baixa. Há um volume pequeno de trabalhos produzidos dedicados a aspectos culturais e/ou sociais da população da cidade. De forma geral, o conhecimento produzido se concentra em algumas passagens ou capítulos de teses e dissertações.

Destaque para a Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na qual foi possível acessar periódicos do período estudado. Embora jornais tenham sido as principais fontes utilizadas na construção do trabalho, também foram utilizados dados estatísticos governamentais, como os censos do IBGE²² e da Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural e Político, sobre as “Memórias, identidades e territorialidade”²³. Foi utilizado como fonte, também, o portal Alma Acreana²⁴, que reúne publicações de memorialistas, fotos antigas, relatos e crônicas do século passado.

É importante enfatizar o papel dos jornais para o processo civilizatório no período, quando o discurso proferido nas páginas dos jornais criava retóricas em torno dos objetivos e costumes pretendidos. Como demonstra Vilhena (2019, p. 218),

²⁰ José Maria da Silva Paranhos, o Barão de Rio Branco, foi advogado, diplomata, geógrafo, jornalista e historiador. Teve uma atuação fundamental no acordo de inserção do Território do Acre ao Brasil, em 1903, chamado de Tratado de Petrópolis.

²¹ Retirado do dicionário Oxford.

²² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> –. Acesso: 10 mai. 2024.

²³ ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010.

²⁴ Ver em: <https://almaacreana.blogspot.com/>

a imprensa se caracteriza, então, como um dos veículos para pôr em prática um projeto de sociedade, justificando hábitos e condutas a serem cultivados, elogiando e reforçando alguns deles, omitindo e reprovando outros. Mais uma iniciativa capaz de educar o povo para as novas sensibilidades, maneiras e costumes, implicando também novas formas de lidar com o corpo, com o tempo e com o espaço da cidade.

Diante disso, é indispensável “não aceitar cegamente todos os testemunhos históricos” (Bloch, 2002, p. 88), levando em consideração que expressavam ideias e aspirações de um determinado tempo e grupo social.

Ao estudar Rio Branco, entendendo suas especificidades, pode-se contribuir para evitar compreensões, que escondem, na generalização, o específico, e que partem do princípio de que a história das diversões, em diferentes cidades, ocorreu de forma semelhante e influenciada pela história das capitais de destaque econômico e político (Dias, 2012; Santos, 2017).

Pouco se sabe sobre as diversões em Rio Branco ou, ainda, do início do século XX. Lançar luz sobre tais práticas na cidade contribuirá para uma compreensão mais aprofundada sobre a história das diversões em Rio Branco e no Brasil.

Importante destacar a escolha pelo uso do termo “diversão” e não “lazer”, ao longo de todo o texto, deve-se ao fato dessas práticas sociais serem assim retratadas nas fontes. Havia outros termos como “passa-tempo” e “divertimentos”, mas “diversões” era o termo mais frequente. Como é possível notar abaixo:

É digno de todo o elogio o modo democrático e distinto porque o sr. dr. José de Mello se irmana com os seus auxiliares, proporcionando a estes, nos intervalos da labuta pró “ouro negro”, uma diversão sadia e interessante como é o foot-ball.²⁵ [grifos meus]

Bloch (2002) explica que “acontece de, reciprocamente, os nomes variarem, no tempo e no espaço, independentemente de qualquer variação nas coisas”. Melo e Santos (2017) reforçam que tal circunstância ocorre, pois, antes de se instaurar um termo que denomina uma prática social, ela, em si, já existe e, em muitos casos, são empregados outros termos para identificá-la. Cabe ressaltar que o uso sistemático do conceito de “lazer”, nos estudos brasileiros, data de meados dos anos de 1970 (Melo, 2013), ou seja, década posterior ao período do recorte desta pesquisa.

²⁵ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 06 mai. 1920, p. 3.

As diversões em Rio Branco estavam, frequentemente, entrelaçadas. Os programas das festividades, principalmente, em comemorações cívicas, eram vastos e contavam no mesmo dia com diferentes manifestações de diversão, como festas precedidas por sessões de cinema, jogos de futebol e disputa de corridas, em uma mesma tarde. Dessa forma, ainda que houvesse a justaposição das práticas e que ocorressem em um programa mais amplo, as diversões foram separadas em categorias para análise.

Dessa maneira, o primeiro capítulo, intitulado de “Os esportes em Rio Branco”, é dedicado a apresentar as iniciativas inaugurais em prol da organização e associação esportiva. Houve, no período, diferentes manifestações, como corridas hípias, a pé e de bicicleta, atletismo, basquete e voleibol. Mas, ganhou destaque o futebol, que foi se consolidando com a criação de clubes, de campeonatos e a construção do primeiro estádio da cidade.

O segundo capítulo, intitulado “A constituição de espaços privados para as diversões em Rio Branco” se concentra na dinâmica das diversões que ocorriam em locais privados, como as casas de diversões, botequins, bares e cinemas da cidade. Além disto, expõe a mudança de dinâmica de organização, sobretudo, no cinema, que passou por um processo de estratificação social, ao longo dos anos.

Por fim, o terceiro e último capítulo, “Diversões e sociabilidades: Jogos, festas e comemorações”, tem como foco as reuniões de pessoas e sociabilidades. É exposto como as festas, de diferentes gêneros (carnavalescas, religiosas, cívicas, etc.), eram manifestações frequentes de momentos de diversão da população. A reunião de pessoas para a prática de jogos, legais e ilegais, também faziam parte do cotidiano de Rio Branco.

CAPÍTULO 1 - OS ESPORTES EM RIO BRANCO

Os subcapítulos a seguir, ocupam-se das primeiras iniciativas esportivas e das tentativas de organização de associações ou clubes. Ainda que algumas associações esportivas mantivessem regularidade nas atividades, a construção de locais específicos para as práticas fora um grande desafio para as diferentes entidades. A princípio, as disputas esportivas aconteciam de forma improvisada em ruas e praças ou em terrenos baldios.

A necessidade de construção de um local específico para as práticas esportivas e pertencentes às associações ou clubes, significaria uma estrutura melhor e propiciaria o desenvolvimento esportivo na cidade. Além disso, trazia a possibilidade de sair da instância pública e improvisada, para a mais restrita e privada possível. Desta forma, seus gestores poderiam selecionar o público, de forma rigorosa, e cobrar por ingressos.

As notícias sobre as corridas, a princípio, apareciam na coluna do jornal chamada de “Associativas”. Após as primeiras experiências, as notícias sobre as corridas hípcas apareciam, normalmente, na coluna “Hípcas”. A prática esportiva foi permeando a sociedade e, em 1912, surgiu, no jornal “Folha do Acre”, a coluna “Folha Sportiva”. O esporte, sobretudo o futebol, ganhou notoriedade ao longo dos anos na sociedade e nos jornais. As colunas receberam diferentes títulos e a prática cada vez mais espaço nas colunas.

1.1 As corridas: a pé, a cavalo e de bicicleta

As primeiras organizações esportivas na cidade de Rio Branco surgiram por volta de 1910, com as corridas hípcas, embora as primeiras corridas tenham ocorrido sem a mediação de uma associação esportiva. Assim como outras organizações recreativas, estas eram práticas restritas à elite local.

As disputas contavam com prêmios em dinheiro que, a princípio, variavam entre 60\$000 (sessenta mil réis) e 200\$000 (duzentos mil réis). Aos espectadores havia a possibilidade de fazer apostas, que eram chamadas de “poules”. Na

organização das corridas, frequentemente, havia apresentações musicais da banda da força policial, que tocava nos intervalos dos páreos²⁶.

As corridas hípcas se popularizaram no Brasil, sobretudo entre fins do século XIX e anos iniciais do século XX. Entretanto, na cidade do Rio de Janeiro, iniciativas foram observadas desde meados do século XIX, como a inauguração do prado Jockey Club em 1868 (Melo, 2019).

A organização das corridas, em Rio Branco, assemelhava-se ao que acontecia em outras cidades brasileiras, sobretudo nas capitais, com páreo, prêmios em dinheiro, a possibilidade de apostas e a exibição de animais. Em Manaus, capital brasileira mais próxima, as corridas hípcas eram populares, de maneira que chegou a ocorrer, na cidade, a construção de hipódromos (Souza, 2017), espaços com pista para as corridas e arquibancada para as pessoas que assistiam. Em Rio Branco, por sua vez, não houve a concretização da construção de um hipódromo. Tal aspiração ficou apenas no desejo de quem organizava a prática. As corridas aconteciam de forma improvisada, nas ruas da cidade.

Em 1911, o prefeito do departamento, Deoclaciano de Souza, prometeu ceder um terreno na cidade para a construção de um prado, já que as corridas ocorriam em ruas ou praças. Em nota dizem que:

Segundo nos consta, este anno, teremos na Empreza animadas corridas hyppicas. Os amadores desse gênero de *sport* estão cuidando de fazer os necessários preparativos para esse fim. Já obtiveram a promessa por parte do nosso prefeito, da concessão de um terreno apropriado, em Pennapolis. Alli será aberto o prado, onde com certeza a nossa população terá ensejo de passar algumas horas divertidíssimas, vendo correr os cavallos por entre o entusiasmo dos disputadores de prêmios e dos que contrahirem apostas. O trabalho exaustivo, a lucta insana em que nos encontramos quotidianamente no commercio da vida, exige para os luctadores momentos de repolso para recuperarem as forças consumidas, como exige momentos de prazer e alegria que suavizem as agruras da existência. Por isso, as diversões, os passa-tempos agradáveis se tornam entre nós uma necessidade para que possamos abrandar a asperesa do trabalho, dos sacrificios a que estamos sujeitos debaixo dum clima que se não é tão feroz como muita gente supõe, não é tão ameno que nos permita luctar sempre, sem que tenhamos um renovado conforto para o nosso espirito, uma distração, algumas horas de esquecimento dos tormentos que enfrentamos. Por esse motivo, applaudimos com entusiasmo a iniciativa tedente á organização das corridas, como applaudimos a que diz respeito a associação recreativa que se vae fundar nesta cidade²⁷.

²⁶ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 3.

²⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 mai. 1911, p. 2.

A notícia acima apresenta trechos relevantes, tais como: o início do uso da palavra “*sport*” nos jornais; as agruras do trabalho em uma cidade de clima quente; e a necessidade de momentos de prazer, alegria, de passatempos agradáveis e de diversão – denominação dada às práticas naquele período. Além disso, é possível notar o entusiasmo por se fazer, em Rio Branco, uma prática que já acontecia em diferentes cidades do Brasil. Mas as promessas foram frustradas. Não houve incentivo público ou a doação do dito terreno. Talvez, esse seja um dos motivos para que a modalidade não tenha se firmado na cidade. Ainda assim, embora não houvesse um local específico para as corridas, estas continuaram ocorrendo.

Em homenagem à República Portuguesa, o jornal destacou que “tiveram grande realce as brilhantes festas que a colônia lusa, domiciliada nesta cidade, aqui levou a efeito, solennizando a gloriosa data do evento da república em sua pátria”²⁸. As corridas hípias aconteceram na Avenida Sete de Setembro, contando com quatro páreos premiados e organizadas pelo *Sport Acreano*, uma das primeiras iniciativas de associação esportiva. Em um dos páreos, a disputa de corridas foi entre burros. Os animais, cavalos e burros, usados nas disputas eram de propriedade de Neutel Maia, Manuel Vasconcelos, Miguel Soares, Antônio Febronio e Victor Porto, empresários seringalistas da cidade.

As premiações dos páreos foram: 75\$000 (setenta e cinco mil réis), para a corrida de burros; e 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) a 300\$000 (trezentos mil réis), para as corridas de cavalos. Após as corridas, as comemorações contaram com a queima de foguetes, salva de tiros, almoço no hotel Madrid, sessão cívica no Bar Acreano e um baile na casa do empresário seringalista de origem portuguesa, Victor Porto²⁹. Por fim, a notícia ainda destacou que as apostas foram bastante movimentadas.

No ano de 1912, novamente, os membros da colônia portuguesa residentes na cidade, por volta de 06 portugueses (Melo; Marques, 2008), junto a brasileiros, organizaram uma associação esportiva “que tomou o nome de Sport Recreativo Acreano, destinando-se a propagar n’esta cidade o exercício physico de recreio, e promover outros divertimentos públicos”³⁰.

²⁸ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 08 out. 1911, p. 1.

²⁹ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 24 set. 1911, p. 1.

³⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

A primeira associação esportiva da cidade foi criada por meio da colônia portuguesa. Em maioria, seus membros eram empresários seringalistas ou do comércio. Isso mostra como as experiências de pessoas de outras cidades brasileiras e estrangeiras, que se estabeleceram em Rio Branco, influenciaram o desenvolvimento esportivo da cidade, que contava com grande contingente de migrantes.

As primeiras corridas organizadas pelo Sport Recreativo Acreano foram disputas de corridas pedestres:

realizou-se a primeira festa promovida por tão útil instituição, tendo decorrido em meio do maior entusiasmo. Essa festa consistiu em corridas pedestres, tendo sido organizados quatro pareos, de 3 corredores cada um e mais um pareo de honra em que tomaram parte os vencedores dos primeiros[...] O publico numeroso rodeava por vezes a mesa das *poules*, cuja venda attingiu a uma importância relativamente elevada³¹.

Cada *poule* era vendida a 5\$000 (cinco mil réis), valor similar ao ingresso das sessões “chics” no cinema, mostrando o recorte de público pretendido. O evento contou, também, com a apresentação de uma orquestra musical que tocava nos intervalos dos páreos. A notícia supracitada destacou que o evento havia sido “esplendido”.

Para a segunda festa de corridas, o prefeito mandou limpar o local onde as corridas pedestres aconteceriam. O Sport Recreativo Acreano havia construído uma pista de 200 metros, dita mais adequada às corridas, com um alpendre para resguardar o público do sol, no qual foram colocados cadeiras e bancos destinados a “assistência”.

Além disso, foi disponibilizado, também pela prefeitura, três canoas que fariam o transporte das pessoas de uma margem a outra do rio Acre, para que pudessem assistir ao evento³². Essa informação noticiada é um indício das modificações de dinâmica que as diversões causavam na cidade, como se pode notar na descrição da notícia da edição seguinte:

Estiveram animadíssimas as corridas pedestres levadas a effeito na tarde de domingo ultimo na pista construída no boulevard do Commercio em Pennapolis, por iniciativa do sport Recreativo Acreano. Correram cinco pareos, vencendo no ultimo o campeão Francisco Motta, a quem coube o

³¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

³² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.

premio de 100\$000 que foi entregue pelo exmo. Sr. dr. Deoclaciano de Souza. Os demais prêmios forma de 50\$000. O jogo de poules esteve bastante animado, tocando durante as corridas uma bem organizada orchestra³³.

Embora o prefeito tenha apoiado o evento citado, eram raras as ocasiões em que a prefeitura da cidade se dispunha a aumentar o transporte de canoa entre as margens do rio. E, ainda que a promessa de um local específico para a construção de um prado não tenha se concretizado, o Sport Recreativo Acreano, durante o ano de 1912, promoveu diferentes “festas esportivas”.

Nesse contexto, as corridas pedestres pareciam mobilizar uma parte significativa da cidade. Com o sucesso dessas corridas, os programas foram ampliados, contando, em um mesmo evento, com corridas pedestres e hípicas. Como descrito a seguir: “As 4 horas da tarde, no meio de geral entusiasmo da numerosa assistência, iniciou-se essa magnifica diversão, tendo sido os vencedores dos respectivos pareos bastante applaudidos”³⁴.

Nos jornais, as corridas eram constantemente exaltadas como algo positivo, moderno e se constituíam como momentos de diversão para a população. A “assistência”, dita na nota, referia-se ao público que assistia às corridas, formado por pessoas da elite, homens e mulheres. Alguns eventos esportivos contavam, também, com a presença de crianças.

O Sport Recreativo Acreano passou a ser inserido na programação de eventos da cidade, como na homenagem ao prefeito, na qual houve uma programação com banquetes e festas oferecidas por empresários locais. Na ocasião, a associação realizou corridas hípicas para a comemoração³⁵.

Em junho de 1913, o Sport Recreativo Acreano anunciou a nova diretoria e um programa de corridas hípicas, contendo quatro páreos com prêmios entre 100\$000 (cem mil réis) e 200\$000 (duzentos mil réis)³⁶. Esta foi a última evidência da associação nos jornais, que durou cerca de um ano. Algo comum no período, em que era noticiado, geralmente, com entusiasmo, a criação de novas empresas e associações. Mas, raramente, descreviam-se as falências ou dissoluções. Dessa forma, não é possível saber, ao certo, o que levou ao encerramento das atividades.

³³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 jun. 1912, p. 2.

³⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 jul. 1912, p. 2.

³⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1912, p. 1.

³⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 22 jun. 1913, p. 2.

Entretanto, no ano de 1913, a crise financeira já afetava a população. De toda forma, coincidentemente ou não, o Sport Recreativo Acreano desapareceu e, logo em seguida, ocorreu a fundação do primeiro cinema da cidade.

No ano seguinte à extinção do Sport Recreativo Acreano, em 1914, surgiu uma nova associação, que recebeu o nome de Gremio Sportivo. Esta que, não muito diferente de outras associações, teve vida curta, com atividades entre julho e setembro do referido ano. Durante o seu tempo de existência promoveu, pela primeira vez, na cidade, corridas de bicicleta, como se pode perceber na nota:

Realisar-se-ão depois d'amanhã nesta cidade, animadas corridas de bicycleta, promovidas pelo Gremio Sportivo: Em frente ao Sport Bar, ponto de partida e chegada dos corredores está sendo levantada uma archibancada destinada aos espectadores. No mesmo estabelecimento já se acham em exposição belíssimas medalhas de ouro, prêmios dos vencedores³⁷.

A corrida contou com 5 páreos, sendo o primeiro páreo de 1 mil metros e os outros quatro de 2 mil metros. Havia seis corredores, que disputaram corridas em diferentes páreos e cada páreo contava com dois corredores por vez, provavelmente, porque só tinham duas bicicletas.

A existência do Gremio Sportivo estava ligada ao Sport Bar, visto que o dono desse estabelecimento, Francisco Leite, também era vice-presidente da associação e jurado da prefeitura, onde trabalhava com outros membros da associação. Dessa forma, os associados, sobretudo da diretoria, eram funcionários da prefeitura: o presidente do grêmio, Luiz Barreto era promotor público da comarca de Rio Branco; o 1º secretário, Jose Maia Filho, era amanuense (escrivão) da prefeitura e, em 1921, foi tesoureiro do Acreano Sporting Club; o tesoureiro, Annibal Souza, em 1910, foi juiz de partida das corridas hípcas daquele ano, era pianista e comerciante e, em 1911, tornou-se jurado da prefeitura. O bar foi sede provisória da associação, durante os poucos meses de existência. Ambos encerraram as atividades por volta de setembro de 1914.

Não foi possível saber quando as bicicletas chegaram a cidade, levando em consideração que não se produziam bicicletas em Rio Branco, no período. Dessa forma, estas precisavam ser compradas em outras cidades ou importadas de outros países, tendo em conta que, na virada do século XIX para o XX, as fábricas

³⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 jul. 1914, p. 3.

de bicicletas se concentravam nos Estados Unidos, Inglaterra e França (Dias; Souza, 2020). Também não foi possível precisar o valor que custaram, apenas que, naquele momento, era um artefato caro. Até mesmo na França, onde eram produzidas, custavam cerca de “três meses de salário de um professor” (Lessa; Soares; Silva, 2023, p. 318).

Ainda assim, a evidência de corridas de bicicleta mostra o esforço de incorporar e acompanhar novos hábitos, tidos como modernos, algo que já se via consolidado em outras capitais brasileiras, como Manaus (Dias; Souza, 2020) e São Paulo (Lessa; Soares; Silva, 2023). A bicicleta, nesse período, representava “novas formas de viver, sentir, pensar e agir se estabeleciam na busca pela construção de uma civilidade” (Lessa; Soares; Silva, 2023, p. 316).

Entretanto, o alto valor das bicicletas pode ter sido um fator para que as corridas não prosseguissem. Outra possibilidade seria o fim das atividades do bar ter sido a causa do encerramento das atividades da associação.

Apenas em 1929, aparecem novos indícios de corridas hípcas na cidade. Durante esse hiato, os esforços se voltaram aos clubes esportivos de futebol. Em agosto do referido ano, foi anunciado no jornal “sensacionais corridas hípcas”³⁸, que aconteceram nas festividades de 6 de agosto (data da Revolta Acreana). Essas corridas ocorreram no estádio do Rio Branco Football Club (R.B.F.C.), no qual foram disputadas corridas de cavalo e houve a exibição dos animais³⁹.

Na comemoração da data de 7 de setembro, quando se comemora a Independência do Brasil, novamente, ocorreram partidas de futebol no estádio e corridas hípcas. Em setembro de 1930, anunciavam: “realizar-se-ão as anunciadas corridas de cavalo que já se auspiciam animadas”⁴⁰. E, por fim, na comemoração da “descoberta das Américas” em 12 de outubro, organizou-se, no estádio do R.B.F.C., corridas hípcas “que transcorreram animadíssimas”, seguidas de uma apresentação da banda musical da força policial, na praça Tavares Lyra⁴¹.

Durante os anos de 1929 e 1930, as corridas de cavalo eram promovidas pelo Rio Branco Football Club, que ampliava suas atividades para além do futebol. As disputas eram esporádicas e costumavam ocorrer durante festividades da cidade,

³⁸ O ACRE. Rio Branco, 18 ago. 1929, p. 2.

³⁹ O ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1929, p. 2.

⁴⁰ O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 3.

⁴¹ O ACRE. Rio Branco, 16 out. 1930, p. 4.

sobretudo nas comemorações de feriados nacionais e municipais. Ou seja, faziam parte de uma programação maior que contavam com outras atividades e aconteciam no espaço do único estádio de futebol da cidade, no período, o estádio José de Melo⁴².

Em Rio Branco, semelhante ao que aconteceu em outras cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Manaus, as corridas hípcas foram promovidas primeiro que as corridas a pé e de bicicleta. Em Manaus, por exemplo, as corridas a pé integravam o programa de corridas de bicicleta, na tentativa de criar programas mais atrativos para o público (Dias, Souza, 2020). No Rio de Janeiro, o sucesso das corridas hípcas fora ampliado para as corridas de bicicleta e a pé (Melo, 2016).

As corridas a pé, a cavalo e de bicicleta apresentavam características semelhantes, inspiradas na organização do hipismo. Os comerciantes que apoiavam o evento ofereciam a premiação, esta que, durante os dias que antecediavam as corridas, ficava exposto no comércio, como forma de promoção do evento e de divulgação do negócio. Normalmente, as corridas contavam com a possibilidade de apostas para os espectadores e premiações aos corredores que disputavam os páreos. Essas características de organização já eram bem estabelecidas em outras cidades brasileiras (Dias, Souza, 2020).

Segundo Lessa, Soares e Silva (2023, 327) “a estruturação de espaços sociais e esportivos contribui para a consolidação de uma cultura física a partir de comportamentos e gestos desejáveis que agregassem novas sociabilidades ao projeto urbano.” As corridas se configuravam como expressão dos novos hábitos modernos.

Em Rio Branco as primeiras associações esportivas nasceram a partir das corridas. Mas, estas aconteciam de forma improvisada na praça central da cidade e, anos mais tarde, no estádio de futebol. Diferente de outras cidades, não ocorreu a construção de espaços específicos para a prática, como velódromos (corridas de bicicleta) e prados (corridas de cavalos).

⁴² Além do estádio, havia a praça Rodrigues Alves, estes eram os dois equipamentos esportivos da cidade no período.

1.2 As disputas atléticas

Desde a Revolta Acreana, em 1903, Rio Branco passou a contar com um quartel da Força Militar. Por consequência, em 1910, havia cerca de 900 militares morando na cidade, algo em torno de 3% da população⁴³. A presença de militares na região impactou, significativamente, a promoção de diversões.

A banda militar era presença constante nas festas de diferentes gêneros que aconteciam na cidade. Nas práticas esportivas, os militares contavam com o time de futebol chamado de “Team Militar”. Além disso, eles promoviam a organização de provas atléticas, e a supervisão e regulamentação dos grupos de tiro.

Em 1918, fundou-se, na cidade, um grupo denominado de “Tiro Rio Branco”, que tinha como objetivo a prática de tiro ao alvo. Uma das notícias sobre o grupo aponta que, em março daquele ano, foi enviado um ofício, por seu presidente, para o Rio de Janeiro, pedindo a inserção da associação na Confederação Nacional de Tiro. Porém, não obtiveram respostas.

Com essa situação, as pessoas deixaram de frequentar o grupo, fazendo com que a associação existisse em nome, mas, não mais em atividades⁴⁴. Entretanto, no mês seguinte, em abril de 1918, o grupo retomou as atividades, participando de uma solenidade de juramento à bandeira, em frente à prefeitura⁴⁵.

Outra notícia aponta que a dificuldade em manter as atividades se devia ao presidente não fornecer os suprimentos necessários à prática dos exercícios de tiro⁴⁶. Depois das reclamações expostas no jornal, houve uma assembleia e foi nomeada uma nova diretoria⁴⁷, tendo assumido a presidência o senhor Mariath Costa⁴⁸.

Com a nova diretoria, o 1º Sargento Carlos Moscoso, instrutor do Tiro Rio Branco, anunciou aos sócios que os exercícios aconteceriam todos os dias, às 20 horas, “sendo nos domingos, terças e quintas-feiras no bairro de Pennapolis e nos

⁴³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1927.

⁴⁴ FOLHA DO ACRE. **Tiro Rio Branco**, Rio Branco, 28 mar. 1918, p. 2.

⁴⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 abr. 1918, p. 1.

⁴⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 abr. 1918, p. 1.

⁴⁷ FOLHA DO ACRE. **Tiro Rio Branco**, Rio Branco, 18 abr. 1918, p. 1.

⁴⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 abr. 1918, p. 1.

demais dias no bairro Rio Branco”⁴⁹. Aos domingos, das 15 às 17 horas, haveria exercícios de tiro ao alvo, no pátio do Quartel da Companhia Regional. Esse foi o último indício do Tiro Rio Branco, mas, não sobre a prática de tiro, que passou a integrar as provas atléticas, ao longo dos anos de 1920 e 1930.

Por volta de 1920, os eventos atléticos começaram a figurar nas páginas dos jornais. Mas, foi por volta de 1930 que a prática ganhou maior frequência e visibilidade. Em 1922, houve, para a comemoração dos festejos de 7 de setembro na cidade, “assalto de esgrima à baioneta pela 1ª Companhia da Força Policial e exercício de gymnastica ainda pela mesma Companhia e um pelotão de alunos do Grupo Escolar”⁵⁰. Os exercícios eram de ginástica sueca e acontecem na praça Tavares de Lyra. A programação dos festejos foi encerrada com uma exibição de filme ao ar livre na referida praça⁵¹.

Em 1927, a Força Policial promoveu, entre os soldados da corporação, provas de cross-country - estilo de corrida em terreno terroso e acidentado ou no mato. Uma das provas ocorreu em comemoração a “descoberta da América”, com uma prova de 5 mil metros pelas ruas da cidade. Aos vencedores foram distribuídos prêmios em dinheiro⁵².

Sobre o evento, o jornal destacou, elogiosamente, a “maneira inteligente com que vae incentivando nos seus commandados o gosto pelos exercícios desportivos”⁵³. Mais uma evidência de como os novos hábitos esportivos eram exaltados pela imprensa.

Na comemoração do dia 7 de setembro de 1927, os alunos da escola primária e agrícola, desfilaram pela cidade. Após o desfile, realizaram exercícios de ginástica sueca, sob as orientações do major Djalma Ribeiro, comandante da Força Policial. Em seguida a professora Dulce da Silveira “prelecionou aos alunos reunidos, dissertando sobre o thema ‘Ensinar civismo é ensinar a amar a patria’”⁵⁴. O programa do evento seguiu com a disputa de provas atléticas de tiro ao alvo, corrida de 100 metros, salto em altura, salto com vara, salto em largada, lançamento de dardo, corrida de centípede e um “*match*” de futebol entre militares e civis.

⁴⁹ FOLHA DO ACRE. **Tiro Rio Branco**, Rio Branco, 02 mai. 1918, p. 3.

⁵⁰ FOLHA DO ACRE. **Festejos**, Rio Branco, 31 ago. 1922, p. 1.

⁵¹ FOLHA DO ACRE. **Exercícios**, Rio Branco, 14 set. 1922, p.1.

⁵² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 out. 1927, p. 4.

⁵³ FOLHA DO ACRE. **Cross coutry**, Rio Branco, 16 out. 1927, p. 4.

⁵⁴ FOLHA DO ACRE. **Sete de setembro**, Rio Branco, 14 set. 1927, p. 8.

Destaca-se que, em algumas provas, houve premiações, como a de tiro ao alvo, em que venceu o Dr. José de Melo, recebendo, como prêmio, um relógio folheado a ouro. E, na disputa de futebol entre civis e militares, os civis ganharam, pelo placar de 3 a 1. O festejo se encerrou no Grupo Escolar 7 de setembro, com a apresentação de uma peça de teatro⁵⁵.

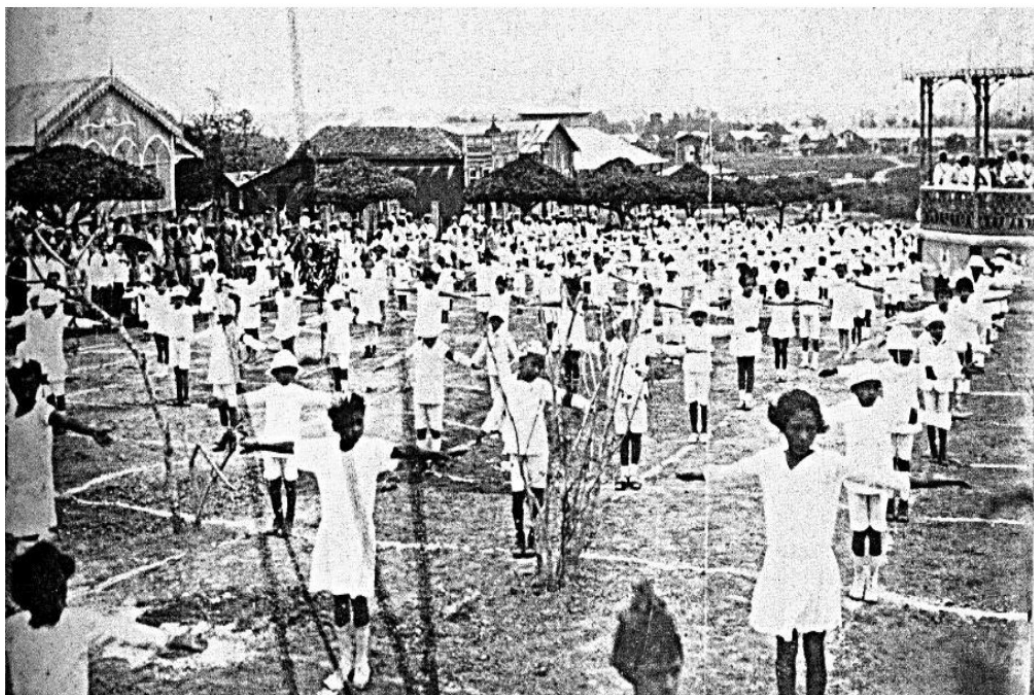
A notícia sobre a comemoração de 7 de setembro evidencia alguns aspectos da sociedade rio-branquense daquele período. O primeiro diz respeito à forma habitual da organização dos eventos, que aconteciam com um programa comemorativo diversificado, contando com várias práticas de diversões. As exposições de provas atléticas aconteciam, principalmente, em datas cívicas na cidade.

O segundo destaque é para o discurso nacionalista, muito comum no período. Nas notícias, os discursos nacionalistas e modernistas dividiam espaço nas descrições e apreciações de eventos esportivos e divertidos nos jornais. E, por fim, a forte presença militar na promoção de diferentes práticas esportivas.

A comemoração da Independência do Brasil (7 de setembro), de 1928, foi registrada com uma foto que mostra os alunos enfileirados, executando exercícios de ginástica na praça Tavares Lyra. Como é possível ver abaixo.

⁵⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 set. 1927, p. 8.

Figura 3 - Alunos realizando atividade física em comemoração a Independência do Brasil em 1928.



Fonte: Carneiro, 2013.

A imagem, além de mostrar como aconteciam os exercícios de ginástica em datas cívicas, revela o aspecto físico da praça Tavares Lyra, que foi um espaço importante para as diversões no período, onde aconteciam sessões de cinema ao ar livre, corridas e festas.

Uma notícia de 1929 apresenta elementos semelhantes aos expostos anteriormente. Segundo o programa do evento, haveria:

No Stadium do R.B.F.C.: Torneio de tiro ao alvo a revolver; Demonstração colectiva de cultura physica pelos alumnos das escolas municipaes e territoriaes de Rio Branco; [cerimonias cívicas]; Exercicios simples pelos escoteiros do Apredizado Agricola e exercicios com bastões, pirâmide, corridas de estafetas e luta de tração⁵⁶.

O evento era em comemoração a inauguração do mercado Municipal. Começou com a disputa de provas atléticas e exibições no estádio do Rio Branco Football Club e terminou com um baile no novo edifício. As provas atléticas pareciam ter ganhado grande destaque entre a população, principalmente, durante um período em que os clubes de futebol já não viviam um momento proeminente.

⁵⁶ O ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1929, p. 4.

A Liga Acreana de Esportes Terrestres (LAET), que surgiu no início dos anos de 1920, para gerenciar os torneios de futebol, por volta de 1930, passou a organizar também as disputas atléticas.

Segundo consta:

Cumprindo seu inteligente programma, realiza, hoje, a “LAET”, sua primeira tarde official de competições athleticas, entre diversas equipes das entidades a ella filiadas, sendo disputadas quatro provas clássicas e quatro extraordinárias, assim distribuídas: 1ª prova, corrida de cem metros, 3 concorrentes de cada unidade, por preliminares; 2ª prova, passeio aéreo, para 2 passageiros de cada unidade; 3ª prova, final da corrida de cem metros, entre os vencedores das três preliminares; 4ª prova, cabo de guerra, para equipes de 8 homens por unidade; 5ª prova, lançamento de peso, para concorrentes por unidade; 6ª prova, corrida de revezamento, em 400 metros com bastão, para 2 equipes de 4 homens cada uma; 7ª prova, corrida de bola ao salto, para 2 equipes de 6 homens por unidade; 8ª prova, salto em largura, com impulso, para 3 concorrentes por unidade. É de esperar assignale a “LAET” mais uma victoria nos seus annaes com o novo campeonato, de atletismo, que hoje se inicia⁵⁷.

A LAET organizou, um mês depois, a segunda competição de atletismo, “sendo disputadas várias provas interessantes, sobresahindo-se a de lançamento de dardo”⁵⁸. Nas provas, destacaram-se os atletas/sócios da Associação Athletica Acreana (A.A.A.), que venceram diversas provas. Todo o produto arrecadado, nesta competição, foi revertido em benefício às obras da igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

A doação de dinheiro para a igreja poderia ser expressão de fé, mas, também, era uma estratégia de legitimação das práticas esportivas. Geralmente, os valores arrecadados em competições esportivas não eram divulgados, contudo, indícios como esse e as premiações, principalmente, em dinheiro, demonstram que havia movimentação financeira nos esportes.

A Associação Athletica Acreana, fundada em primeiro de março de 1928⁵⁹, foi um grande destaque neste período, sendo responsável por promover competições de atletismo e pioneira na prática de esportes, como voleibol e basquete. Ressalta-se, ainda, que foi a primeira associação ou clube que promoveu treinamentos e teve times femininos e infantis.

⁵⁷ O ACRE. Rio Branco, 10 ago. 1930, p. 6.

⁵⁸ O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 4.

⁵⁹ O ACRE. Rio Branco, 29 jun. 1930, p. 3.

Até aquele momento, para as mulheres, ficava restrito o “embelezamento” das arquibancadas nas disputas esportivas (Gambeta, 2013), e a participação nas comissões de organização de eventos festivos e religiosos. Portanto, a criação de times femininos foi importante para ampliar as possibilidades de diversão das mulheres. Além disso, os times infantis mostram que os novos hábitos modernos deveriam ser assimilados pelas crianças também.

As inovações apresentadas pela A.A.A eram constantemente exaltadas nas páginas dos jornais, como é possível ver abaixo:

A brilhante “Associação Athletica Acreana”, cuja actuação no meio desportivo e social de Rio Branco e merecedora dos melhores applausos, está activando a realização de seu inteligente programma de cultura physica de seus associeados, para o que respectivo Departamento Technico os está convidando a se inscreverem e a seus filhos ou parentes, nos diversos cursos de pratica de desportos e athletismo em geral, que ali são ministrados, os quaes obedecerão, provisoriamente, á tabela abaixo:

Segunda e quintas: volley-ball, pelas turmas infantis e femininas; basket-ball, pelas turmas masculinas;

Terças e sextas: - athletismo, pelas turmas infantis e masculinas; basket-ball, pelas turmas femininas. Quartas e sabbados; - gymnastica e escotismo, pelas turmas femininas e infantis; volley-ball, pelas turmas masculina.

Domingo: - treinos geraes de seleccionados⁶⁰. [grifos meus]

Em abril de 1930 para comemorar o terceiro aniversário da administração do governador Hugo Carneiro a A.A.A. organizou um “elegante festival sportivo”, no qual, prometiam apresentar um “gênero inteiramente inédito” e, “estando, por isso mesmo, destinado ao mais franco sucesso”⁶¹. Tratava-se de uma partida de basquete, segundo consta, “interessante partida de basket-ball pela primeira vez jogada nesta capital”. A tarde esportiva ainda contou com partidas de voleibol dos quadros infantis e femininos, que “foram a nota *chic* da linda tarde, apresentando-se os respectivos conjuctos elegantemente uniformizados”⁶².

A Associação Athletica Acreana foi muito representativa no cenário esportivo da cidade, mudando a dinâmica, que restringia a prática esportiva a homens adultos, expandido os quadros para mulheres e crianças. Esses novos quadros não eram, porém, para quaisquer pessoas, mas, sim, esposas e filhos ou filhas dos homens associados a A.A.A.

⁶⁰ O ACRE. Rio Branco, 25 mai. 1930, p. 6.

⁶¹ O ACRE. Rio Branco, 20 abr. 1930, p. 6.

⁶² O ACRE. Rio Branco, 27 abr. 1930, p. 6.

A Associação Athletica Acreana contava com diversas equipes e mais de uma equipe no mesmo esporte, além de realizar torneios internos. Em nota, comunicava que seria “disputado o campeonato interno de volley-ball, entre cinco equipes do victorioso grêmio”⁶³. Dessa forma, seria possível, constantemente, a realização de jogos, sem precisar contar com que outra associação ou clube tivesse times no mesmo ramo esportivo, para que as partidas acontecessem.

No futebol, durante meados dos anos 1920, os clubes contavam com uma equipe apenas e dependiam de outras equipes para que ocorressem os jogos. Em dado momento, só havia, na cidade o Rio Branco Football Club, de maneira que as atividades futebolísticas ficaram suspensas, até que novos clubes de futebol fossem fundados, visto que não era comum que o Rio Branco Football Club fosse a outras cidades disputar partidas ou o contrário, que clubes de outras cidades fossem a Rio Branco para partidas de futebol.

Durante o período estudado, esse deslocamento de equipes aconteceu por duas vezes: em 1920, quando um selecionado de jogadores da cidade de Xapuri (cidade a 180 km de distância), foi a Rio Branco disputar partidas com os times da cidade; e, outra, em 1927, quando um selecionado rio-branquense foi a cidade boliviana de Cobija, há uma distância de cerca de 230 km, para um jogo em comemoração ao aniversário da cidade.

Possivelmente, esses deslocamentos eram raros devido à distância que Rio Branco fica de outras cidades. E os diretores da A.A.A, percebendo tal situação, investiram na criação de duas ou mais equipes por ramo esportivo e no treinamento de crianças, para evitar a inatividade da associação.

De toda forma, ao anunciar a temporada esportiva, a Athletica Militar (A.M) também aderiu aos novos esportes realizados na cidade, contando com equipes de voleibol, basquete e futebol, para a temporada esportiva de 1930. Segundo consta:

A enorme assistência que affluiu ao estádio dos <pipiras> viveu momentos de grande vibração, acompanhando lances sensacionais nos jogos de volley e basketball e evidenciando já haver assimilado perfeitamente a tecnica desses dois divertidos ramos de sport. Em jogos, pois, desses campeonatos, terão logar no próximo domingo, 6 do fluente, os primeiros encontros de volley e basket-ball entre os quadros da <A.A.A> e da <A.M>.

⁶³ O ACRE. Rio Branco, 21 set. 1930, p. 4.

na praça de sports desta entidade, devendo realizar-se no seguinte domingo, 13, o primeiro encontro de foot-ball, no mesmo local⁶⁴.

A notícia ainda apresenta a informação de que a técnica teria sido “assimilada”, para os primeiros jogos. Apesar da exaltação das descrições do jornal, não havia sido de grande destaque técnico os primeiros jogos. O que é compreensível, visto que, era um esporte novo e que os jogadores ainda estariam aprendendo.

A imagem abaixo mostra uma partida de vôlei, por volta dos anos de 1930, e como a novidade atraiu um numeroso público.

Figura 4 - Partida de vôlei no Estádio do Rio Branco Football Club



Fonte: Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural.

De acordo com as notas, os jogos disputados pela A.A.A. e pela A.M., organizados pela LAET, atraíram grande assistência, despertando o interesse de parte da população:

Está francamente de parabéns a “LAET”, pelos jogos, cada vez mais brilhantes e movimentados, que vem patrocinando, para disputa dos diversos campeonatos deste ano, os que estão atraindo desusada

⁶⁴ O ACRE. Rio Branco, 29 jun. 1930, p. 6.

concorrência de aficionados aos fields e canchas da “Athletica Militar” e da “Athletica Acreana”, onde vem sendo disputada⁶⁵.

A associação ainda contava com um time de futebol, que disputava os torneios municipais e era destaque nos jornais, pela promoção de festas aos associados. As festas, normalmente, aconteciam no prédio da Tentamen, local de destaque na cidade, pois era o salão de festa onde a elite se reunia. O elo entre a Associação Atlética Acreana (A.A.A.) e a Sociedade Recreativa Tentamen era o advogado Mario de Oliveira, idealizador da Tentamen e assíduo sócio da A.A.A.

Parte das festas realizadas nos anos de 1930 pela A.A.A foi realizada em benefício da construção de sua própria praça de desportos. Como foi o caso da noite descrita como um “festival de arte, elegância e fino humor promovido pela 'Associação Athletica Acreana' em benefício de sua praça de desportos”⁶⁶. A construção começou em 1929 e foi finalizada em dezembro de 1930:

Depois do mais porfiado e tenaz esforço a prol desse objetivo, vê hoje a brilhante “Associação Athletica Acreana” chegado o ansiado momento de inaugurar, oficialmente, seu sympathico Estádio, situado no coração do bairro de Rio Branco, ao lado do modelar grupo escolar municipal “24 de janeiro” á rua Placido de Castro, transformando os terrenos baldios daquelle trecho da nossa capital, numa aprazível praça de esportes, num logradouro pittoresco e disticto, a embelezar a urbs⁶⁷.

Embora a inauguração tenha acontecido em dezembro, devido à falta de locais específicos para as práticas esportivas, a praça desportiva do A.A.A. foi usada inacabada para a temporada esportiva de 1930, que foi vencida pela Athletica Militar⁶⁸.

As provas atléticas, ao que tudo indica, obtiveram apreciação entre integrantes da elite local, que disputavam e assistiam aos festivais esportivos. Uma evidência da inserção de tais práticas na sociedade foi a modificação, no ano de 1930, do currículo escolar de Educação Física, nas escolas de ensino primário do Território, o qual passou a integrar, entre os conhecimentos, os exercícios de “corridas, de saltos, de atacar, de defender, de subir. Gymnastica respiratória. Gymnastica sueca progressiva e harmônica. Jogos gymnasticos em que

⁶⁵ O ACRE. Rio Branco, 10 ago. 1930, p. 6.

⁶⁶ O ACRE. Rio Branco, 27 out. 1929, p. 6.

⁶⁷ O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1930, p. 1.

⁶⁸ O ACRE. Rio Branco, 24 ago. 1930, p. 6.

principalmente sejam desenvolvidos os sentidos” para o primeiro ano; e, para o segundo ano, além destes, os “jogos escoteiros” e “jogos sportivos”⁶⁹.

Para a instrução de oficiais da Força Militar, o comandante do período adquiriu equipamentos para a prática de esgrima⁷⁰. Na escola de Aprendizagem Agrícola do Acre, foi anunciado, também em 1930, a disputa de jogos esportivos, corridas, dardos, além de “*matches*” de futebol, entre o primeiro e o segundo times da escola⁷¹.

As disputas atléticas passaram, então, a compor a dinâmica social da cidade de Rio Branco, sendo comportamentos apreciados e incentivados nas páginas dos jornais. A legitimidade das práticas esportivas se concretizou com a inserção destas no currículo escolar, ou seja, era algo que deveria não só ser praticado entre os adultos, mas, desde cedo, ensinado às crianças.

1.3 A gênese do futebol em Rio Branco

No início do século XX, havia, na cidade de Rio Branco, experiências esportivas em diferentes modalidades. Entretanto, o futebol foi o esporte que ganhou destaque entre a população, de forma geral, e nas colunas dos jornais. Eram comuns frases como: “Decididamente o foot-ball tomou conta de nossa mocidade”⁷². Desde a fundação dos primeiros clubes, em 1919, o principal jornal da cidade, o “Folha do Acre”, passou a ter uma coluna esportiva intitulada “Vida sportiva”, e logo em seguida, a coluna “Desportos” e, semanalmente, expunha a descrição das partidas de futebol e quais seriam os jogos seguintes.

Porém, diferente de outras cidades brasileiras, principalmente, as capitais de destaque econômico, não houve, em Rio Branco, um “mito fundador”, como foi o caso de Victor Serpa, em Belo Horizonte, Orcar Cox, no Rio de Janeiro, e Charles Miller, em São Paulo, que é tido, por algumas obras, não só como o fundador do futebol em São Paulo, mas o “pai” do futebol no Brasil (Mayor; Souza Neto, 2014).

Segundo Mayor e Souza Neto (2014, p. 52) a “construção de mitos fundadores está profundamente arraigada na tentativa de se perpetuar, via

⁶⁹ O ACRE. Rio Branco, 01 jun. 1930, p. 3.

⁷⁰ O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 1.

⁷¹ O ACRE. Rio Branco, 21 set. 1930, p. 1.

⁷² FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 12 ago. 1920, p. 3.

personalização heroica, um ideário pertencente a um determinado grupo social (quase sempre estrato de uma elite detentora dos códigos de transmissão)”.

Rodrigues (2006, p. 151) complementa as características da gênese do futebol no Brasil:

A história do futebol no Brasil tem destacado nomes de estudantes brasileiros, filhos da elite, educados na Europa, que, ao retornarem de seus estudos, foram responsáveis pela introdução desse esporte no país. [...] Ao retornarem para o Brasil, contribuíam para o enraizamento de uma nova cultura e de uma nova civilização, necessárias à modernidade proclamada para recém-inaugurada República.

Apesar do fato de que os primeiros clubes de futebol, em Rio Branco, tenham sido constituídos por homens da elite local, as características de organização eram diferentes. Na cidade, não houve a chegada de um estudante que organizou e/ou promoveu a prática futebolística. Pelo contrário, foi um grupo de homens, inclusive mais velhos, que foi se organizando para a fundação dos primeiros clubes amadores.

A Liga Acreana de Esportes Terrestre promoveu, em 1930, uma homenagem aos diretores e fundadores dos primeiros clubes da cidade:

Ao digno homenageado de hoje, [José de Mello] que foi fundador do veterano “Rio Branco F.C.” e do “Catuaba Sport Club” que tanta vida emprestaram á cidade, em 1919, ao lado do “Acreano Sporting Club”, fundado pelo dr. Mario de Oliveira, outro dedicado e operoso sportman, e do “Ypiranga Sport Club”, fundado por Jayme Placido de Paiva e Mello, e pelo decano “Militar” organizado pelo tenente Ruy Silva, não menos esforçados pé-bolistas ao digno homenageado a “Liga Acreana” dedica a tarde de hoje também pelo muito que fez a favor de sua consolidação⁷³.

José de Mello era empresário seringalista; Mario de Oliveira era advogado e empresário; Jayme Placido de Paiva e Mello era eletricitista; Ruy Silva, como o trecho mostra, era tenente da força policial. Ou seja, o futebol em Rio Branco foi organizado e promovido por homens brasileiros, que compunham a elite local, e dessa forma dispunham de certo prestígio social, mas não chegaram a se consolidar enquanto “mito fundador”.

Outra especificidade da gênese do esporte em Rio Branco foi que o futebol não surgiu na capital primeiro e, depois, espalhou-se para as cidades do

⁷³ O ACRE. Rio Branco, 13 jun. 1930, p. 6.

interior. No Acre, o primeiro clube de futebol foi fundado em 1914, na cidade de Xapuri, o Xapury Foot-ball Club⁷⁴, e o “Commercial Football Club”, fundados no mesmo ano. Porém, há indícios de que as primeiras partidas de futebol aconteceram em 1912, de forma esporádica e improvisada⁷⁵. Em Rio Branco, o primeiro clube foi fundado em 1919, ou seja, cinco anos depois da fundação dos clubes da cidade de Xapuri, na qual já havia a organização de torneios.

Todavia, a representação do futebol era similar a de outras cidades. Como aponta Malaia (2010, p. 63), os clubes de futebol eram “símbolos de aproximação com o mundo europeu e civilizado”, ou seja, o futebol produzia uma simbologia de “*status* social mais elevado”. Dessa forma, a criação de clubes de futebol foi a materialização de distinção social da elite.

O primeiro clube de futebol da cidade foi o Acreano Sporting Club, fundado em 10 de abril de 1919. Meses depois, em junho, foi inaugurado o Rio Branco Foot-ball Club⁷⁶, este que é o único clube remanescente do período. Em setembro do mesmo ano, o Ypiranga Sport Club foi fundado por Jayme Placido de Paiva e Mello e Domingos Mirão - que, em determinado momento, foi dono do Eden Cinema - e, em fins de 1919, criou-se o Team Militar⁷⁷.

No ano seguinte, surgiram outros clubes, como: o Catuaba Foot-ball Club⁷⁸, fundado por José de Mello, um dos membros fundadores do Rio Branco Foot-ball club; o Internacional Foot-ball Club, que se propunha a ser um clube “chic”, ou seja, um clube sofisticado e de elite; e o Bota-Abaixo, que tinha uma proposta diferente dos outros clubes e não cobraria joias ou mensalidades.

Uma nota sobre esse novo clube começava dizendo da ausência de cobranças: “o *Bota Abaixo* não cobra joia nem mensalidades de seus membros. Quando fôr preciso a 'mola real', o dinheiro, para qualquer necessidade, os do “Bota Abaixo” se quotizarão para o ir em vista”⁷⁹. Dessa forma, a princípio, não cobrariam as taxas, que eram comuns em outros clubes, mas, se fosse necessário, estabeleceriam cota ou mensalidades. A nota termina expondo algo comum no

⁷⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 29 nov. 1914, p. 2.

⁷⁵ FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ACRE. **Revista da Federação de Futebol do Acre**. Edição Histórica, Rio Branco, 2010.

⁷⁶ FOLHA DO ACRE. **Honra ao “R.B.F.C.”**, Rio Branco, 17 dez. 1921, p. 1.

⁷⁷ Informações retiradas do site da Federação de Futebol do Acre. Disponível em <http://ffac.com.br/wp/>. Acesso em: 24 out. 2021.

⁷⁸ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 27 mai. 1920, p. 3.

⁷⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 ago. 1920, p. 3.

período “A idéia é bôa. Bôa e a calhar para a nossa terra onde tudo se faz... de momento”.

Nenhum dos três clubes mencionados conseguiu manter suas atividades. Era recorrente que clubes e casas de diversão mantivessem as atividades apenas por alguns meses, visto que, entre 1910 até meados de 1930, a região acreana atravessava a crise da borracha, devido ao baixo preço do produto no mercado internacional, o que afetava, sobremaneira, a estabilidade de comércios e associações.

As primeiras partidas de futebol ocorreram na praça Rodrigues Alves⁸⁰, uma das primeiras praças da cidade que teve um espaço adaptado para que os jogos acontecessem. A praça era localizada em um espaço central, ocupando o centro urbano de Rio Branco.

As partidas, normalmente, ocorriam aos domingos, na parte da tarde, e os resultados eram narrados no jornal. Para a realização das partidas, jogadores de outras equipes, diferentes das que estavam jogando, ocupavam a função de árbitros. Organização que, em certos momentos, ganhava linhas nos jornais, com críticas a atuação da equipe de arbitragem⁸¹.

Similar ao que acontecia na programação de outras diversões na cidade, algumas das primeiras partidas de futebol eram usadas para homenagear pessoas de destaque da sociedade. O primeiro jogo da temporada de 1920, entre o "Acreano" e "Ypiranga Sport Club", ocorreu em homenagem a Epitacio Pessoa, que, naquele ano, era presidente da República⁸². Esta parecia ser uma estratégia de legitimação da nova prática, de se vincular à nação e ganhar visibilidade, além de ser uma forma de atrair ao público.

Em determinados jogos, como o que ocorreu entre o Rio Branco F.C. e o Acreano S.C., depois da partida amistosa, um grupo de torcedores de ambos os clubes “offereceram varias caixas de cerveja a mocidade, a encantadora mocidade do sport, que vai tornando a nossa Rio Branco num paraizo de loucura alegre e divertida”⁸³. Confraternização que durou até o anoitecer, entre cantos e danças.

⁸⁰ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 01 jul. 1920, p. 2.

⁸¹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 13 out. 1921, p. 3.

⁸² FOLHA DO ACRE. **Várias**. Rio Branco, 20 mai. 1920, p. 2.

⁸³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 jul. 1920, p. 2.

No início da organização do futebol em Rio Branco, não havia rivalidades acirradas, pelo contrário, jogadores transitavam entre os clubes para ajudar na organização. Como José de Melo que, a princípio, era jogador e sócio do Rio Branco F.C., e fundou e jogou pelo Catuaba F.C., no tempo em que o clube existiu, sendo chamado de time “co-irmão”, voltando em seguida ao Rio Branco F.C.⁸⁴.

Entretanto, ainda que a rivalidade não fosse tão acirrada, desentendimentos aconteciam, como o narrado abaixo:

Depois de ligeira ausência volto à minha coluna pouco satisfeito com alguns casos sportivos das últimas semanas. Os nossos rapazes, que tantas provas magnificas tem dado de cordura e delicadeza nas várias provas desportivas, tem ultimamente resvalado para o campo do entusiasmo valentão e dahi o registro de factos tristes como o do ante penúltimo domingo, na Praça Rodrigues Alves, dia em que se tratava mais uma brilhante pugna entre o R.B.F.C e A.S.C., em que vimos dois rapazes a quem não mingua educação se engalfinharem a porta da *meta*, qual galos de briga instruídos pelo sr. dr. Nathaniel Carneiro de Albuquerque, amante predilecto do sport de lucta... de gallinaceos. O caso deu se após 12 minutos de jogo do primeiro tempo, tendo o Acreano com uma aprosopopeia *stult* e reprovável se retirado do campo, assim com ares de “martyr das arábias[...] Foi um espectáculo feito e ridicullo por artistas fracos, com scenario pouco a caracter. Que não se reproduza é todo o nosso augúrio”⁸⁵.

Esse tipo de comportamento era repudiado pelos redatores dos jornais, pois era destoante da imagem que se queria criar em torno da nova prática e dos comportamentos modernos. Como expõe Gomes, Moraes e Marchi Junior (2021, p. 12), “o esporte, nesse período, trazia consigo o sentido de moderno, sofisticado, civilizado, elementos requeridos principalmente nas cidades que se estruturavam no final do século XIX e no século XX”. Comportamentos agressivos não condiziam com o que se esperava como postura.

Inicialmente, as partidas aconteciam de forma amistosa, os clubes marcavam os “*matches*” (partidas), combinavam a arbitragem e jogavam, havendo o ganhador da partida. A primeira iniciativa de um torneio foi a Temporada Xapuriense, na qual, a convite dos times de Rio Branco, uma delegação de jogadores da cidade de Xapuri foi à cidade disputar o torneio.

Nos jornais, a festividade foi anunciada com entusiasmo: “Os nossos hospedes, que foram festiva e carinhosamente recebidos pelo povo e pelas mais

⁸⁴ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 26 ago. 1920, p. 3.

⁸⁵ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 14 out. 1920, p. 3.

altas autoridades, acham se instalados no palacete Victor Porto, a rua Placido de Castro”⁸⁶.

O primeiro jogo ocorreu entre o Rio Branco F. C. - que, até o momento, era tido como invencível - e a “Scratch xapuriense”, saindo vencedor o primeiro. Já o segundo jogo, entre o “Scratch xapuriense” e o “Ypiranga S. Club”, venceu o clube visitante. O último jogo, entre “Acreano S. Club” e Xapuryenses, foi o que mais teve repercussão. Aparentemente, desagradou bastante o cronista do jornal e algumas pessoas que assistiam:

A luta não se revestiu do entusiasmo dos outros *matches* tendo a assistência se retirado do campo pouco satisfeita. Ao que nos dizem os xapuryenses *são muito bons camaradinhas* do *team* ‘Acreano’ e por tal motivo jogaram docemente, amistosissimamente mesmo, com os colegas do A.S.C. Por esse motivo o nosso chronista sportivo não faz hoje a apreciação desse *match*.⁸⁷

Mesmo que a temporada Xapuriense não tenha correspondido às expectativas do redator do “Folha do Acre”, parece ter incentivado novas iniciativas na cidade, com a fundação, no mês seguinte, dos já mencionados clubes: Internacional, Bota Abaixo e Catuaba, que tiveram existência curta. E a frustração do jornalista logo deu lugar ao entusiasmo, novamente. Uma nota de agosto de 1920 aponta:

Decididamente o foot-ball tomou conta de nossa mocidade. É bom assim. Dia a dia novas agremiações se fundam em Rio Branco para cultivo do attrahente sport que muito vae contribuindo para o natural esquecimento da infecciosa crize que jurou abafar o nosso ex-opulento Territorio com suas damninhas e negras azas⁸⁸. [grifos meus]

Em meio à crise que a região acreana atravessava, pela decadência do comércio da borracha, o futebol era apontando como um alento, oferecendo aos que assistiam e jogavam momentos de deleitamento. O futebol se popularizava e modificava o cotidiano da população. Como aponta Gambeta (2013, p. 130), os “jogos entre equipes introduziram o sentimento de grupo não apenas entre os associados, mas nas arquibancadas também”.

⁸⁶ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 15 jul. 1920, p. 3.

⁸⁷ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 22 jul. 1920, p. 3.

⁸⁸ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 12 ago. 1920, p. 3.

Para o encerramento da “Temporada Xapuryense”, ocorreu um “*match*” de despedida entre o time selecionado de Rio Branco e o time selecionado de Xapuri, vencendo não só a temporada como o jogo de despedida, o “*Scratch xapuriense*”, por 1 a 0. A partida ocorreu ao fim da tarde de uma sexta-feira e alguns comerciantes fecharam seus respectivos estabelecimentos mais cedo para acompanhar a partida.

E “tudo de mais representativo possuía a nossa urbs ocorrera a praça Rodrigues Alves”⁸⁹. Ao final do jogo, realizaram um “*pic-nic*” na propriedade de Neutel Maia, um dos maiores empresários do ramo da borracha no período. E, ao embarcarem voltando à cidade de Xapuri, a delegação foi acompanhada pela orquestra regional⁹⁰.

Com a repercussão da temporada xapuriense, os representantes do Rio Branco Football Club tiveram a iniciativa de organizar um festival, o “Festival pro taça”, no qual, o produto seria revertido “*in totum* para a compra da ‘taça’” que premiaria os “valentes ‘sportmens’ xapuryenses”⁹¹. Realizado em 15 de novembro, dia da Proclamação da República, o festival ocorreu com partidas de futebol e outras provas de corridas. Porém, não divulgaram se o objetivo financeiro foi alcançado para a compra da taça. E nada mais foi divulgado.

Outra partida foi realizada com o objetivo altruísta, desta vez, uma partida em homenagem à inauguração da Igreja de São Sebastião. A descrição da partida aponta que: o “match de foot-ball, realizado entre dois ‘combinados’ de footballistas de várias entidades sportivas da nossa terra, não logrou o interesse que sempre despertam essas pugnas”; destacando, ainda, a presença feminina que ‘abrilhantou o campo e as nossas meigas e formosas senhoritas, quase todas, acorreram ao ground a espargir graça e perfumados rios’⁹². Além disso, houve apresentação da Banda Regional. O evento promoveu uma arrecadação de 260\$000 (duzentos e sessenta mil réis) para a nova igreja⁹³. Esses indícios mostram que havia a presença de mulheres, mesmo que nas arquibancadas, e que havia arrecadação de dinheiro nas partidas de futebol, seja com venda de ingressos ou por doações.

⁸⁹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 05 ago. 1920, p. 3.

⁹⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 05 ago. 1920, p. 3.

⁹¹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 04 nov. 1920, p. 2.

⁹² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 nov. 1920, p. 2.

⁹³ FOLHA DO ACRE. **Igreja de São Sebastião**, Rio Branco, 02 dez. 1920, p. 2.

Ao final do ano de 1919, nasceu uma nova associação, o “Team Militar”. Entretanto, no ano de 1921, o clube passou por um período de inatividade, devido à reorganização da instituição militar, que, a princípio, era dividida em companhias regionais e passou a ser a força policial do Território do Acre.

Desde a fundação da cidade de Rio Branco, em 1903, depois da Revolução Acreana, o Território do Acre passou a contar com grande contingente de militares que apaziguavam a situação e trabalhavam na fronteira do Brasil. O novo clube teve grande importância nos esportes durante toda a década de 1920 com o time de futebol e na realização de provas atléticas. Entretanto, o time não era formado apenas por militares, ainda que esses fossem a maioria. Em 1921, para a preparação do torneio daquele ano, anunciaram que o Team Militar estava “se reorganizando”, e que jogadores do Rio Branco F.C. e do Ypiranga S.C, passariam a integrar o Time Militar⁹⁴.

A estreia do “Team Militar” ocorreu contra outra nova associação, o “Brasil Sporting Club”. A partida foi descrita em detalhes no jornal, saindo vencedor do confronto o “Brasil S. C.”. Cabe destacar o trecho em que o colunista destaca seus votos ao esporte:

Que continuem mantendo a grandeza e bom nome do nosso meio sportivo, que tem sido sempre o extermínio do nosso abatimento e o sustentáculo feliz do nosso prazer e das nossas alegrias. Sustentar o sport, na nossa terra é matar apathias, é produzir expansão e contentamento a todos os corações. Mocidade! Mais uma vez me sirvo destas minhas palavras: vibra por elle e com elle!⁹⁵

O destaque é mais um exemplo de como o esporte e, especificamente, o futebol, era retratado na imprensa, com adjetivos positivos e visto como um alento às situações difíceis que atravessava a população da cidade. O colunista sportivo do jornal, que usava o pseudônimo de “Danillo”, era Alfredo Mendes, empresário local, dono da loja “A moda”, que vendia produtos diversos e dono do Eden Cinema, local de destaque das diversões na cidade. Além disso, fazia parte da elite e estava constantemente presente nas festividades e eventos, dos mais seletos aos populares (Corrêa, 2019).

⁹⁴ FOLHA DO ACRE. **Notas sportivas**, Rio Branco, 03 mar. 1921, p. 3.

⁹⁵ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 02 dez. 1920, p. 3.

No ano seguinte, em 1921, as notícias se dividiam entre as expectativas do torneio oferecido pelo intendente Freire de Carvalho em nome da Intendência Municipal e a crise que estava se intensificando no Território⁹⁶:

A nossa mocidade, a sempre alegre, stoica e delirante mocidade desta terra, deste torrão que de triste está ficando atterrador, vae mostrar, este anno, exuberantemente, que no jogo *albionico* da pelota é fácil a qualquer mortal encontrar lenitivo á apathia e desânimos que juraram extinguir a nossa sempre animosa e expansiva Rio Branco, de há mezes há esta parte. Por essas ruas, a fora, rapazes cheios de vida, sympathicos e vigorosos, andam surumbaticos e cabisbaixos, dizem, acabrunhados por causa da... crise⁹⁷.

Em março daquele ano, os times remanescentes do ano anterior se reorganizavam e anunciavam os treinos preparatórios para o torneio. Jogadores se movimentavam de um clube para o outro. Nas administrações dos clubes também ocorreram mudanças. No Acreano S.C., houve uma revisão nos estatutos do clube e a eleição de nova diretoria⁹⁸.

A temporada “*sportiva*” começou com um “*match-training*” entre o Rio Branco F.C. e o Acreano S.C.⁹⁹. No mês seguinte, o Intendente Municipal João Donato mandou limpar o campo da praça Rodrigues Alves, que ficou com “aspecto atthaente” para a temporada¹⁰⁰.

Os esforços para a concretização da criação da “Liga Acreana de Sports Terrestres” (LAST), entidade que organizaria de forma centralizada o futebol na cidade, foram retomados, depois de uma notícia no jornal, perguntando sobre a respectiva atividade. A cobrança do redator Danillo surtiu efeitos.

Na edição seguinte, uma carta de Mario de Oliveira, uma das pessoas que encabeçavam a organização da Liga, foi publicada, explicando a situação e, em 21 de maio de 1921, ocorreu uma assembleia, no salão do Eden Cinema, para eleições e outras providências¹⁰¹. Para o exercício do corrente ano, foram eleitos, como presidente, o Tenente Olavo Machado, como vice-presidente, o Dr. Mario de Oliveira e, para as outras comissões, integrantes dos diferentes times filiados¹⁰².

⁹⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 mar. 1921, p. 3.

⁹⁷ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 31 mar. 1921, p. 3.

⁹⁸ FOLHA DO ACRE. **Acreano Sporting Club**, Rio Branco, 24 fev. 1921, p. 1.

⁹⁹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 07 abr. 1921, p. 2.

¹⁰⁰ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 26 mai. 1921, p. 3.

¹⁰¹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 19 mai. 1921, p. 3.

¹⁰² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 mai. 1921, p. 3.

A idealização da Liga começou em 1920, sendo os estatutos aprovados em assembleia geral, em 6 de julho, daquele ano. Inicialmente, haviam quatro clubes filiados: Rio Branco F.C., Ypiranga C.S., Acreano S.C. e Catuaba F.C.¹⁰³. Como diretor provisório, foi nomeado Mario de Oliveira (presidente do Acreano S.C.)¹⁰⁴.

A LAST deu origem a atual Federação de Futebol do Acre. A organização da Liga tinha características parecidas com o que se tinha no Rio de Janeiro, com a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), que organizava a Liga principal da cidade (Malaia, 2010).

A primeira iniciativa da LAST foi o “Torneio Inicio”, que aconteceria em regozijo à Epaminondas Jacome, que havia sido designado como novo governador do Território¹⁰⁵. O torneio ocorreu com três dos quatro clubes inicialmente filiados, contando com o “Rio Branco F.C.”, “Acreano S.C.”, e “Ypiranga S.C.”. Porém, sem o Catuaba F. C., que deixou a filiação da Liga, José de Mello, presidente do clube, pediu demissão da comissão fiscal¹⁰⁶. Esse foi o último vestígio da existência do Catuaba F.C. Na semana seguinte ao anúncio do torneio, José de Mello voltou para o Rio Branco F.C., que era tido como o favorito ao título de campeão.

O jogo de abertura do “Torneio Inicio” aconteceu entre o Rio Branco F.C. e o Ypiranga S.C. e contou com a presença do novo governador, Epaminondas Jacome, além de “altas autoridades, muitas famílias e todas as *demoiselles* da *urbs* e arredores acorreram ao “stadium” para victoriar as cores de sua predilecção”. Na ocasião, contou-se “não só a população fina da cidade, como o publico em geral”. O futebol ganhava apreço, entre a elite e entre as pessoas que não gozavam tanto prestígio social. A presença dessas pessoas era anunciada como “público em geral”.

Todos os três jogos ocorreram na mesma tarde, um seguido do outro, e a “cidade em peso, apesar de ser um dia útil ocorreu ao “ground” e era bello de ver-se o entusiasmo reinante nas archibancadas entre torcedores e torcedoras moços, rapazes, meninas e senhoras”¹⁰⁷.

O torneio contou com um público variado, pessoas de diferentes níveis sociais, gêneros e idades. A presença do novo governador parece ter sido um

¹⁰³ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 21 abr. 1921, p. 3.

¹⁰⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 fev. 1921, p. 1.

¹⁰⁵ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 09 jun. 1921, p. 3.

¹⁰⁶ FOLHA DO ACRE. **Liga Acreana de Sports Terrestres**, Rio Branco, 02 jun. 1921, p. 3.

¹⁰⁷ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 16 jun. 1921, p. 3.

atrativo à parte. Sagrou-se campeão, naquela tarde, o Rio Branco F.C., que recebeu como presente uma peça de bronze, prêmio oferecido pelo Sr. Coronel José da Silveira¹⁰⁸.

Após o “Torneio início”, a crise pareceu se agravar. O “Brasil Sport Club” deixou de existir e o “Team Militar” diminuiu drasticamente as atividades. O Rio Branco F.C. tomou atitudes mais flexíveis para se adequar ao momento de crise financeira pela qual a população, de forma geral, atravessava, e abaixou a mensalidade do clube pela metade. O valor foi para 2\$500 (dois mil e quinhentos réis) e os sócios que estavam em atraso foram perdoados da dívida, tornando-se quites¹⁰⁹. Se, por um lado, os clubes passavam por dificuldades financeiras, por outro, a recém-criada LAST, inaugurou, em junho de 1921, o prédio sede, com uma “retumbante soirée chic”¹¹⁰.

A LAST assumiu a organização do prometido torneio oferecido pela intendência municipal, que tomou o nome de “Taça Municipal”. Porém, o processo de estabelecimento não ocorreu sem atritos. A presidência da LAST queria, sem muitas negociações, assumir também o controle da praça Rodrigues Alves, na qual os jogos de futebol aconteciam.

Isso gerou divergência com os dirigentes do Rio Branco F.C., porque foi a associação que mais investiu tempo e recursos na estruturação da praça, para que fosse viável aos jogos de futebol¹¹¹. Mas, logo em seguida, as associações entraram em acordo para a continuidade da temporada esportiva, de modo que o Rio Branco F.C. seguiu como administrador do campo da praça Rodrigues Alves.

Em meio às expectativas do novo torneio, o senhor Checristo Asscar, empresário de origem árabe, promoveu um concurso de cupons, que premiaria, com uma bola de futebol nova, o clube que mais recebesse votos a partir dos ditos cupons. Não foi especificado como esses cupons seriam adquiridos. De toda forma, venceu o referido concurso o Rio Branco F.C., com a entrega de sete mil cupons, ficando o Acreano S.C. em segundo lugar, com seis mil cupons. A bola foi entregue em uma cerimônia festiva na sede do clube¹¹².

¹⁰⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jun. 1921, p. 3.

¹⁰⁹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 30 jun. 1921, p. 3.

¹¹⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 jun. 1921, p. 3.

¹¹¹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 07 jul. 1921, p. 3.

¹¹² FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 04 ago. 1921, p. 3.

Os jogos da “Taça Municipal” tiveram início com o jogo entre o Rio Branco F.C. e o Acreano S.C., saindo vencedor do confronto o primeiro clube, “estando as archibancadas e os arredores do *stadium* repletos de espectadores, notando-se muitas famílias e grande número de pessoas de alta representação social”¹¹³.

O segundo jogo ocorreu entre o Rio Branco e o Ypiranga S.C. e teve o placar de 8 a 0. O cronista esportivo destacou que a “platéia, sempre gentil e tolerante, não vaiou, o que tanto elle merecia”¹¹⁴. Ou seja, por mais incômodo que tenha sido o placar da partida, as pessoas que assistiam tiveram um comportamento compatível com as noções de modernidade que estavam em voga. Por fim, o último jogo do primeiro turno foi entre “Acreano Sportins Club” e “Ypiranga Sport Club”, saindo vencedor o primeiro, pelo placar de 4x0¹¹⁵.

Após o fim dos jogos do primeiro turno da “Taça Municipal”, o cronista esportivo que usava o pseudônimo de Danillo (Alfredo Mendes) deixou a edição do jornal “Folha do Acre”. Em carta de despedida, disse que sempre trabalhou para o engrandecimento do esporte na cidade. Cabe ressaltar que, além de cronista, Mendes era 1º secretário do Rio Branco F.C. Ao fim da carta aponta:

Depois de ter por trez ou quatro annos, trabalhado pelo engrandecimento do sport na nossa capital, vendo, como sempre viu nesse, o modo mais pratico e attrahente de alegrar e tornar mais forte a vibrante mocidade de Rio Branco. Meu fito foi sempre elevar a todos, embora muitas vezes fosse preciso, para consecução do meu desideratum, ser menos agradável a este ou aquelle o que resultou errôneas interpretações e consequentemente alguns aborrecimentos, justos ou injustos, Não discuto¹¹⁶.

Nitidamente, algumas pontuações do cronista incomodaram pessoas de diferentes associações. São perceptíveis, nas descrições das notícias, comentários tendenciosos ao Rio Branco F.C., clube do qual fazia parte. Porém, ainda que de forma tendenciosa, o cronista deixou vestígios históricos importantes para o futebol em Rio Branco. Depois da saída de Danillo da redação da coluna de desportos, as notícias ficaram menores e, aparentemente, menos tendenciosas, relatando na mesma proporção os diferentes clubes.

O segundo turno da “Taça Municipal” começou com o jogo entre o Acreano S.C. e o Ypiranga S.C., com o resultado de 5 a 0. Esse jogo, que ocorreu

¹¹³ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 27 jul. 1921, p. 2.

¹¹⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 ago. 1921, p. 3.

¹¹⁵ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 18 ago. 1921, p. 3.

¹¹⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 ago. 1921, p. 3.

entre Rio Branco F.C. e o Acreano S.C., movimentou a cidade, devido ao último contar com “novos e possantes players”¹¹⁷, ou seja, novos jogadores. Porém, mesmo com novos jogadores, o Rio Branco F. C. venceu a disputa por 4 a 0, “sem os seus valiosos players Dr. José de Melo, Anchives e Brandão que não jogaram para melhor igualdade do combate”¹¹⁸.

Assim, o Estrelão, como era conhecido o Rio Branco F.C., sagrou-se campeão da “Taça Municipalidade”. Para o encerramento da temporada esportiva promovida pela LAST, em 1921, ocorreu um jogo entre o campeão Rio Branco F.C. e um selecionado dos melhores jogadores dos outros clubes da cidade, vencendo a partida comemorativa o Rio Branco F.C.¹¹⁹.

Paralelo a “Taça Municipalidade”, o jornal “Folha do Acre” promoveu um concurso para premiar o mais simpático clube da cidade, ou seja, o clube que tinha mais apreço e adeptos entre a população. Para a averiguação, os leitores deveriam recortar o selo na última página do jornal, preencher as informações e enviar a redação do jornal.

O Rio Branco Football Club foi eleito o mais simpático clube, com 694 votos. Como premiação, a associação recebeu uma bola de futebol e uma publicação de honra na primeira página do jornal¹²⁰. Destaque-se, na publicação de honra, o seguinte parágrafo:

Aquelle grupo de moços, porém que constituiu a primeira directoria do invencível R.B.F.C., surdo aos clamores de que tudo em Rio Branco era estéril e inútil, trabalhou, esforçou-se, impávido e sereno (valorosos rapazes), conseguiu um esplendido campo de desportos, fazendo nascer várias sociedades congêneres que, com o R.B.F.C., e graças a este, trouxeram ao nosso meio dia de formidável entusiasmo, em que vimos velhos e moços em radiantes expansões de contentamento, que até nos fizeram esquecer, por momentos, os agros dias da crise econômica que há muito vimos atravessando¹²¹.

A nota continua enaltecendo o papel do Rio Branco F.C. na promoção do futebol, na cidade, e o destaque e agitação da temporada de 1921. Esse trecho resume bem a dinâmica das diversões em Rio Branco. Mesmo com adversidades,

¹¹⁷ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 25 ago. 1921, p. 3.

¹¹⁸ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 15 ago. 1921, p. 3.

¹¹⁹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 06 out. 1921, p. 2.

¹²⁰ FOLHA DO ACRE. **Uma consagração**, Rio Branco, 10 dez. 1921, p. 1.

¹²¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 17 dez. 1921, p. 2.

algumas pessoas se dedicavam na execução e promoção de diferentes ramos de diversões. No futebol, não foi diferente.

Entretanto, o momento econômico não era favorável e a crise financeira causada pelo mercado da borracha repercutia negativamente nas diversões. No Rio Branco F. C, na tentativa de manter os sócios, as mensalidades foram reduzidas e dívidas perdoadas.

Além disso, a falta de dinheiro dificultava a aquisição de materiais esportivos, como bolas de futebol e vestimentas, que eram adquiridos, normalmente, no Rio de Janeiro e chegavam a Rio Branco com custos altos do deslocamento. Como exemplo, na premiação do concurso do clube mais simpático da cidade, a bola encomendada não chegou no dia esperado, tendo, os organizadores do concurso, que adiar a premiação¹²².

Os anos entre 1919 a 1921 foram os mais intensos para o futebol em Rio Branco. Logo após a disputa da “Taça Municipal”, a instabilidade se instalou nos clubes. Pessoas que estavam à frente da organização do futebol deixaram a cidade: no Rio Branco F.C., Alfredo Mendes, que era secretário, deixou a função, vendeu o cinema e a loja A'Moda, saiu da edição do jornal e mudou-se da cidade com destino ao Rio de Janeiro; Olavo Machado, que, além de integrante do clube, ocupava o cargo de presidente da LAST, também mudou-se para o Rio de Janeiro¹²³; e José de Mello, que teve grande destaque na promoção do futebol, mudou-se, em 1922, para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, para o Pará, só retornando à cidade em 1926, quando foi nomeado chefe de polícia (Corrêa, 2019).

No Acreano Sporting Club, houve a renúncia e saída de “alguns membros da directoria”¹²⁴. O Ypiranga S.C., simplesmente, suspendeu as atividades e o seu fundador, Jayme Placido de Paiva e Mello, mudou-se para Pernambuco¹²⁵. Ao final de 1922, outros dois sócios de destaque do clube mudaram-se da cidade: Manuel Vasconcellos, que partiu com destino a Belém, no Pará; e Francisco Pereira, com destino à cidade acreana de Juruá¹²⁶.

Os dados do IBGE confirmam tal tendência: em 1910, a cidade de Rio Branco somava uma população de 23.340 pessoas e apresentava uma taxa de

¹²² FOLHA DO ACRE. **Concurso sportivo à prêmio**, Rio Branco, 10 nov. 1921, p. 3.

¹²³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 out. 1921, p. 3.

¹²⁴ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 22 set. 1921, p. 2.

¹²⁵ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 08 jun. 1922, p. 2.

¹²⁶ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 14 dez. 1922, p. 2.

crescimento populacional de 0,0785%, entre os anos de 1872 a 1912¹²⁷. O Anuário Estatístico do IBGE de 1936 aponta uma população de 19.930 pessoas, no ano de 1920. Ou seja, no início da crise financeira, a população teve um decréscimo. Voltando a uma taxa de crescimento similar a do ano de 1926¹²⁸. No ano de 1922, a borracha teve a maior queda de preço, entre os anos de 1910 a 1930. Chegando a custar 17 libras, a tonelada. Enquanto em outros anos, o valor médio era de 45 libras (Fonseca, 1950).

Em 1922, começou o período de declínio no futebol, em Rio Branco. Nas páginas do jornal, as colunas desportivas cobravam empenho para que não deixassem o esporte desaparecer:

Apezar do enfraquecimento absoluto que nestes ultimos mezes tem se encontrado o foot ball entre nós, a rapaziada, levada por um heroico impulso, domingo, pela primeira vez este anno, conseguiu fazer um treino, contradizendo o que muitos enunciam: “nada no Acre vae avante”. Moços dos clubs da terra, principalmente os do Rio Branco F. C., treinaram com a mais viva satisfação, dando mostras de vitalidade ao foot ball agonizante... Assim é que é! Avante rapaziada!!! Não vos impressioneis com o sceptimo dos pessimistas! Univos, porque a “união faz a força” e, alegres, sigaes para o campo de pugnas, afim de não só educardes a força physica, mas tambem mostrardes aos rebeldes, que a disciplina impera e reina entre vós!!! A temporada está á porta... Treinai para fortalecer-vos, não só em beneficio vosso, como tambem mais tarde do nosso querido Brasil, que precisa de fortes e sadios rapazes... Animais-vos! Dae vida ao foot-ball!¹²⁹

Na tentativa de manter o time em funcionamento, o capitão do Rio Branco F.C. estipulou que os treinos seriam obrigatórios, às quintas-feiras e domingos, e quem não comparecesse, sem justificativa por escrito, pagaria uma multa de 2\$000¹³⁰ (dois mil réis).

A primeira partida do ano só aconteceu em julho, entre o Team Militar, que retomou as atividades, e o Rio Negro, time recém-formado por jovens da cidade. Vencendo a partida o time militar. A partida teve uma “assistência, que esteve bastante concorrida, em calorosas e sensacionais ‘torcidas’, muito animou os teams combatentes”¹³¹.

A segunda partida daquele ano, que também ocorreu de forma amistosa, foi entre o Rio Branco F.C. e o Team Militar. O jogo empolgou a torcida, mesmo que

¹²⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1927.

¹²⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1936.

¹²⁹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 16 mar. 1922, p. 3.

¹³⁰ FOLHA DO ACRE. **R.B.F.C.**, Rio Branco, 27 abr. 1922, p. 3.

¹³¹ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 06 jul. 1922, p. 3.

tenha terminado com um empate¹³². O Rio Negro, que já contava com reforços de jogadores dos times que sucumbiram, jogou contra o Rio Branco F.C., também de forma amistosa¹³³.

A última partida do ano foi de desempate entre o Rio Branco F.C. e o Team Militar. No jogo, destacou-se a torcida que estava “repleta de pessoas “ranzinhas” “torcedores” afeitos a “torcer” afeitos, calorosamente! Famílias, gentis senhorinhas de ambos os partidos lá estavam a torcer!”¹³⁴. Essa nota mostra que as partidas de futebol atraíam, como público, famílias inteiras, contando, inclusive, com crianças e mulheres – que só ganharam espaço na prática esportiva a partir de 1929.

No ano de 1922, não ocorreu um torneio. As partidas que foram disputadas aconteceram de forma amistosa. Em agosto, os associados do Acreano S.C. realizaram uma reunião, na tentativa de reorganização do clube¹³⁵, mas, sem sucesso. O Rio Branco F.C., da mesma forma, realizou uma reunião com os sócios para tratar de assuntos do clube e “foram propostos e aceitos muitos sócios”¹³⁶.

Os esforços e reuniões não foram suficientes para manter as atividades dos clubes de futebol e até o Rio Branco F.C. que aparentava maior estabilidade, suspendeu suas atividades e as reuniões. Uma nota denunciava que as “sessões ordinárias não mais se realizaram, os sócios contribuintes não recebem os talões mensais para o respectivo pagamento e mesmo uma pelota possuem para treinos da sua equipe no campo de lutas”¹³⁷.

O cronista esportivo escreveu uma nota, dizendo da situação:

agora que a temporada está nos seus últimos dias, vem se tornando patente e manifesta a indolência dos grêmios locais, pois, a não ser tres partidas entre os mais fortes, não mais teve lugar outra.[...] Pelas informações colhidas estamos vendo, às vistas claras, certa “molleza” de uns e notável atividade de outros, mas que termina num “angú de carço” pois, sem que um de real desta que entre em campo, outro nada fará, desde que não encontre um para se bater vantajosamente. E assim, ao envez de haver progresso, há decadência do jogo bretão nesta loginha terra que, desde épocas passadas, lá se vão quatro annos, vinha tendo grande desenvolvimento, amadores e “ranzinhas” adeptos a “Vavá” e que pareciam incansáveis o que ora se não vê mais. É de lamentar que esses

¹³² FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 20 jul. 1922, p. 3.

¹³³ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 27 jul. 1922, p. 3.

¹³⁴ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 10 ago. 1922, p. 3.

¹³⁵ FOLHA DO ACRE. **Acreano Sporting Club**. Rio Branco, 31 ago. 1922, p. 2.

¹³⁶ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 31 ago. 1922, p. 3.

¹³⁷ FOLHA DO ACRE. **Desportos**, Rio Branco, 02 nov. 1922, p. 3.

“jovens” se deixem levar pelas águas... do nodo rifão, conhecido: “nada no Acre vae avante.”¹³⁸ [grifos meus].

As notícias que continuavam circulando no jornal, relacionadas ao futebol, eram referentes a campeonatos de outros estados brasileiros, como do Rio de Janeiro e de São Paulo, e de jogos da seleção brasileira, no campeonato sul-americano do referido ano¹³⁹.

Entre os anos de 1923 e 1925, não houve atividades entre os clubes, só retornando as atividades, em 1926. Naquele ano, uma nota anunciava: “São convidados os antigos sócios do Rio Branco Foot-ball Club para uma reunião que se realizará hoje, no edifício da sociedade Tentamen, às 7 horas da noite, a fim de reorganizar esse glorioso club”¹⁴⁰.

A reorganização do clube coincidiu com o retorno de José de Mello e Manoel Vasconcellos ao Território - após serem contratados para o serviço públicos -, os quais, inclusive, estavam à frente da reunião de reorganização. O Rio Negro F.C. se reorganizou para uma partida amistosa com o Rio Branco F.C., na comemoração da data de 15 de novembro. Porém, logo em seguida, desapareceu, não havendo mais registro de suas atividades¹⁴¹.

No ano de 1927, os “*sportmans*”, da cidade de Rio Branco, foram convidados para um “*match*” comemorativo, na cidade boliviana de Cobija, que fica a 235 km de distância. Foram selecionados alguns dos melhores jogadores da cidade. Os treinos para a partida aconteceram na praça Rodrigues Alves e contaram com a presença da banda da Força Policial¹⁴².

O jogo festivo foi vencido pelo selecionado rio-branquense e, ao retornarem ao Brasil, foram calorosamente recebidos com uma *soirée* dançante, na sociedade Tentamen¹⁴³. Na comemoração da data de 7 de setembro do referido ano, os militares organizaram um jogo festivo entre militares e civis, do qual saiu vencedor o selecionado de civis¹⁴⁴.

Entre 1926 e o início de 1929, os jogos de futebol voltaram a acontecer de forma amistosa e festiva, ou seja, não ocorreram campeonatos, devido à

¹³⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 nov. 1922, p. 3.

¹³⁹ FOLHA DO ACRE. **Campeonato sul-americano de “foot-ball”**, Rio Branco, 14 dez. 1922, p. 1.

¹⁴⁰ FOLHA DO ACRE. **R.B.F.C.**, Rio Branco, 04 jul. 1926, p. 4.

¹⁴¹ FOLHA DO ACRE. **Festas oficiais**, Rio Branco, 21 nov. 1926, p. 1.

¹⁴² FOLHA DO ACRE. **Foot-ball**. Rio Branco, 24 jul. 1927, p. 1.

¹⁴³ FOLHA DO ACRE. **Soirée dançante**. Rio Branco, 21 ago. 1927, p. 4.

¹⁴⁴ FOLHA DO ACRE. **Sete de setembro**. Rio Branco, 14 set. 1927, p. 8.

desmobilização dos primeiros clubes. Em 1929, com a criação da associação “Athletica Acreana”, a reorganização do “Team Militar”, que mudou de nome e passou a se chamar “Athletica Militar”, e a reorganização do Rio Branco Football Club, ocorreu a disputa da taça 7 de setembro, pelos três referidos times.

Os jogos fizeram parte de uma programação mais ampla, que também contou com a disputa de corridas hípias¹⁴⁵. Ainda no mesmo ano, a Liga Acreana de Sports Terrestres, que, devido à nova grafia da palavra “sports” para “esportes”, mudou para LAET, também voltou às atividades e passou a organizar não só o futebol como outros esportes que se desenvolviam nos novos clubes, visto que estes eram filiados à Liga.

A LAET, em junho de 1930, organizou um jogo comemorativo, em homenagem a José de Melo, jogador e fundador do Rio Branco F.C.:

Num gesto de requintada gentileza, dedicou ao ilustre dr. José de Melo, como justo pleito de reconhecimento ao digno sportman, por seus inestimáveis serviços a prol do progresso e desenvolvimento dos desportos em nossa capital, athahiu uma numerosa e selecta assistência ao *field* da praça Rodrigues Alves¹⁴⁶.

Em 1930, o Rio Branco F.C. perdeu o protagonismo do cenário esportivo para a Atlético Acreana, que, naquele ano, contava com diversos times de outros esportes, como voleibol e basquetebol. De modo semelhante, com a organização de novas práticas esportivas, o futebol também perdeu a centralidade da vida esportiva na cidade.

Por outro lado, também naquele ano, surgiram categorias infantis, nos clubes e na escola do Aprendizado Agrícola. Na comemoração do aniversário do Rio Branco F.C., ocorreu um jogo entre os times infantis do Rio Branco F.C. e o time da Aprendizagem Agrícola¹⁴⁷.

Em junho de 1930, ocorreu um pequeno torneio realizado, em uma tarde esportiva, que contou com a presença do governador do Território Hugo Carneiro, para a inauguração do “stadium” da Associação Atlético Acreana, que se situava na praça Rodrigues Alves. Na verdade, o que ocorreu foi uma revitalização do espaço, pois, o espaço que, nos anos anteriores, era administrado pelo Rio Branco F.C.,

¹⁴⁵ O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1929, p. 4.

¹⁴⁶ O ACRE. Rio Branco, 20 jul. 1930, p. 4.

¹⁴⁷ O ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1930, p. 8.

naquele momento, passou a ter a administração da Associação Atlética Acreana. A tarde esportiva contou com uma apresentação do grupo de escoteiros, tendo terminado com a vitória do Rio Branco F.C, que conquistou o troféu¹⁴⁸.

Na semana seguinte ao torneio, houve um desentendimento entre a diretoria do Rio Branco F.C. e da LAET, o que ocasionou o desligamento do clube, como associado da Liga¹⁴⁹. Depois desse episódio, o Rio Branco F.C. permaneceu com as atividades, mantendo os treinos do time principal e do segundo time, dos times infantis e com as corridas hípicas. Enquanto a LAET organizava jogos entre a “Athletica Militar” e “Athletica Acreana”, que jogavam um contra o outro, de forma amistosa.

No ano de 1930, aconteceu algo inusitado, havia delegações de duas cidades diferentes em Rio Branco. A LAET convidou um selecionado puriense, de desportistas da cidade acreana de Sena Madureira (144 km de distância), para disputar três jogos na cidade, nas comemorações da data de 7 de setembro, sendo: um jogo contra a Atlético Acreana; um jogo contra a Atlético Militar; e, para fechar as comemorações, um selecionado dos dois times contra o selecionado puriense.

Em cada encontro foi disputado um troféu, intitulados “Neutel Maia, Copa Senna Madureira e a taça Território do Acre”¹⁵⁰. Durante o intervalo dos jogos, o grupo de escoteiro realizava apresentações de ginástica rítmica e a banda de música da Força Policial tocava. A delegação foi recebida festivamente, conforme se pode perceber na nota, a seguir:

recebidos carinhosamente pelo mundo oficial, social e esportivo desta capital, constituiu, só isso, um acontecimento, demonstrando aos valorosos e distintos moços, que nos visitam, quanto é auspiciosa e grata essa ocorrência, que, pela primeira vez, se registra nos annaes despostivos de rio branco [...] festas em sua homenagem, com um cunho de elevada distincção, merecendo destacados o jantar offerrecido pela “athetica militar”, o churrasco creoulo e um espectáculo de gala promovidos, a “liga” fará aos distintos hospedes, na “tentamen”, em a noite de 7.¹⁵¹

Os jogos aconteceram no “*stadium*” da Atlético Acreana e os preços para assistir aos jogos foram: cadeira numerada, na pista 3\$000 (três mil réis); geral, 2\$000 (dois mil réis); e grátis para as crianças. No primeiro jogo entre a Atlético

¹⁴⁸ O ACRE. Rio Branco, 22 jun. 1930, p. 3.

¹⁴⁹ O ACRE. Rio Branco, 29 jun. 1930, p. 6.

¹⁵⁰ O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 4.

¹⁵¹ O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 4.

Acreana e o selecionado puriense, apurou-se uma assistência de, aproximadamente, 600 pessoas¹⁵².

Os preços dos ingressos em Rio Branco não eram tão discrepantes do que se via em outras cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, os preços variavam de acordo com a importância do jogo. Em alguns jogos, os ingressos custavam 2\$000 (dois mil réis), a arquibancada, e 1\$000 (mil réis), as gerais (Malaia, 2008). Em Juiz de Fora (Minas gerais), o preço para assistir a uma partida do campeonato da cidade era de 2\$000 (dois mil réis)¹⁵³.

Do outro lado, o Rio Branco F.C., que estava rompido com a LAET, convidou um selecionado xapuriense, ou seja, jogadores da cidade acreana de Xapuri (180 km de distância). A delegação foi festivamente recebida: “comboiada por quatro motores e oito canoas, lindamente empavesados”, fizeram um cortejo até o “*stadium*” com suas respectivas madrinhas. Na chegada do “*stadium*” havia dezenas de “senhorinhas esparzindo flores naturais”¹⁵⁴.

Os clubes disputariam em dois jogos (ida e volta), a taça “7 de setembro”, que foi ofertada pelo governador do Território João Cândio (1930-1930). Os jogos aconteceram no “*stadium*” do Rio Branco F.C., que logo recebeu o nome de “*Stadium* José de Melo”. Os sócios do Rio Branco F.C. ofereceram a delegação xapuriense um baile em seu pavilhão.

Os preços para os jogos foram: geral, 2\$000 (dois mil réis); a arquibancada custava 3\$000 (três mil réis); e o camarote, 12\$000 (doze mil réis). Os sócios poderiam entrar mediante a apresentação do recibo de associação, do mês de agosto, quitado¹⁵⁵. O número geral de espectadores não foi divulgado.

Na data de 7 de setembro, o dia começou com um desfile cívico, do qual tomou parte, pela primeira vez, as delegações esportivas, desfilando “as scratches de Xapury e do Purús, os clubs 'Rio Branco F.C.', 'Associação Athletica Acreana' e 'Athletica Militar', todos uniformizados, desfraldando os seus estandartes, que eram conduzidos pelas suas madrinhas”¹⁵⁶, seguidos pelos escoteiros do Aprendizado Agrícola e, fechando o desfile, a força policial do Território¹⁵⁷.

¹⁵² O ACRE. Rio Branco, 14 set. 1930, p. 4.

¹⁵³ O PHAROL. Juiz de Fora, 21 ago. 1924, p. 2.

¹⁵⁴ O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1930, p. 4.

¹⁵⁵ O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 4.

¹⁵⁶ O ACRE. Rio Branco, 14 set. 1930, p. 1.

¹⁵⁷ O ACRE. Rio Branco, 14 set. 1930, p. 1.

As notícias da chegada das embaixadas puriense e xapuriense a Rio Branco são reveladoras de algumas mudanças que aconteciam no futebol, na cidade. Normalmente, os festejos ou jogos esportivos eram organizados de forma que não houvesse concorrência de público, ou seja, em horários diferentes. Desta vez, os jogos ocorreram no mesmo dia e quase no mesmo horário (um, às 15h, e outro, às 16h), disputando, dessa forma, o público da cidade.

Até o ano de 1929, só havia um lugar para os jogos de futebol. Ou seja, por uma década, os jogos ocorriam na praça Rodrigues Alves, que, por anos, foi administrada pelo Rio Branco F.C. Quando ocorreu a construção do estádio do clube Rio Branco F.C., o Estádio José de Melo, a Atlético Acreana assumiu a organização e administração do espaço da praça e a transformou em um estádio para seus jogos.

Depois da construção dos estádios, houve a cobrança de entradas e a diferenciação de preços, de acordo com o setor. Algo que, antes, era pouco evidente. E, por fim, com a cisão dos clubes, as notícias dos clubes filiados a LAET apareciam na coluna “Vida esportiva”, inclusive por desenvolverem outros esportes, além do futebol, e o Rio Branco F.C. ganhou uma coluna específica, a “Rio Branco Football Club”.

Além disso, as notas ficaram maiores, descrevendo as ações das respectivas associações. Os clubes começaram a inovar na oferta de divertimentos, provavelmente, para, além de parecerem mais modernos e atraentes, conseguirem um número maior de associados e de público.

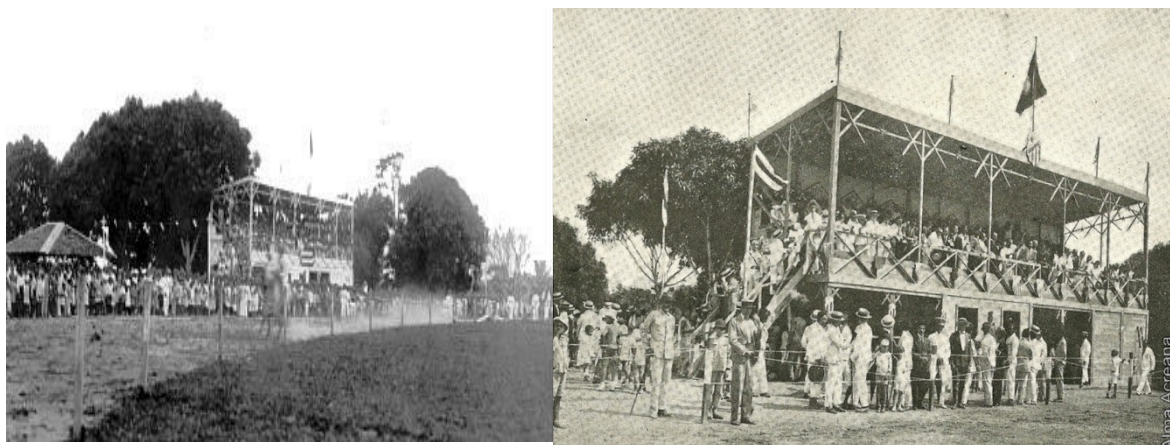
O “*stadium*” José de Melo do Rio Branco F.C. existe até os dias atuais e foi um espaço importante para o desenvolvimento do futebol rio-branquense, sobretudo, durante as décadas que se seguiram, após sua construção. O estádio foi construído com dinheiro privado, com arrecadação de dinheiro dos associados, durante anos, e sempre foi um espaço particular, pertencente ao Rio Branco Football Club.

Atualmente, o espaço é utilizado pelo clube, como centro de treinamento para as categorias de base. O estádio foi inaugurado em 08 de junho de 1929 e foi um grande marco para o futebol na região, sendo o primeiro estádio do Acre¹⁵⁸. A

¹⁵⁸Ver: https://www.futebolnacional.com.br/siteapp/page.jsp?module=stadiumdetails&code=65CB01ED62CAB3E51AD12C633C8DA038&lang=pt_br&img=y. Acesso em: 31 out. 2023.

primeira estrutura era simples, composta pelo campo e com arquibancadas construídas de madeira, como é possível ver nas imagens abaixo:

Figura 5 - Inauguração do “Stadium”, em junho de 1929



Fonte: Portal Alma Acreana

Em agosto de 1930, foi inaugurado, nas dependências do estádio, um salão de festas, chamado de pavilhão Terpsichore¹⁵⁹, que media 6x6m. A inauguração contou com a presença do governador, João Cândio, a orquestra apresentou um “*fox-trot* com que se principiou a vespéral dansante”, e, aos presentes, foram servidos “gelados e doces”¹⁶⁰.

No mês seguinte à inauguração do salão de dança, inaugurou-se a instalação da luz elétrica, momento tido como sendo de “louvável progresso”. Na solenidade, novamente, estava presente o governador, que, durante seu mandato, foi um grande apoiador das diversões, fazendo-se, frequentemente, presente.

Para a comemoração, ocorreu um jogo de futebol entre o primeiro e o segundo time do Rio Branco F.C., seguido de uma noite de danças no pavilhão. No jornal, a repercussão das mudanças que o Rio Branco F. C., causava, na cidade, eram exaltadas:

O “Rio Branco Foot-ball Club”, desde o momento em que teve a feliz ideia de investir na sua presidência o emérito sr. Desembargador Djama Mendonça, tem vivido em franca actividade constructora, de absoluto

¹⁵⁹ Terpsichore é o nome de uma das nove musas da mitologia grega, a musa da dança.

¹⁶⁰ O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1930, p. 4.

sucesso, proporcionando ao nosso meio social um centro de reunião de requintada elegância, além da magnífica praça de esportes digna das mais desenvolvidas capitais¹⁶¹.

Desde a inauguração, o estádio passou a ser um local central para o clube, local no qual ocorriam os treinos do primeiro e do segundo times, dos times infantis, as festas dançantes e as corridas de cavalo.

Em agosto de 1930, foi fundado mais um clube na cidade, o “Empreza Foot-ball Club”, cujo nome foi inspirado no bairro Empreza, um dos primeiros da cidade, e contava, entre seus associados, homens que haviam sido de outros clubes, como Hormindo Mello (1º secretário), que, anos antes, foi integrante do Acreano Sporting Club¹⁶².

Em outubro do referido ano, fundou-se mais dois clubes esportivos: o “Team dos 8”, formado por “elementos de valor do foot-ball riobranaquino”; e o “15 esporte clube”, em referência ao bairro do 15. Os clubes estrearam juntos, com um “match-treino”.

Além dos clubes citados, inaugurou-se um time infantil, denominado de Pennapolis Esporte Clube, que tinha como finalidade “propugnar pelo desenvolvimento esportivo na nossa capital, entre a creançada”¹⁶³. O futebol infantil começou, em meados da década 1930, a ganhar destaque nas festividades e nas notícias dos jornais. Na comemoração da data da Bandeira, em 19 de novembro, ocorreu um jogo festivo entre os times infantis do “Empreza Foot-ball Club” e do “Pennapolis Sport Club”¹⁶⁴.

Como vem sendo apresentado, os anos 1920-1921 e 1929-1930 foram importantes no desenvolvimento do futebol, em Rio Branco. Em 1919, surgiram os primeiros clubes e, em 1920 e 1921, aconteceram os primeiros torneios, momento de efervescência esportiva. Entre os anos de 1922 a 1926, foi um momento de declínio, causada pelo mercado da borracha.

Junto a isso, vale retomar, em 1929, surgiu um novo movimento esportivo, com a inauguração de novos clubes de futebol e a difusão de novas modalidades esportivas. Aconteceu a reorganização de outros clubes e, por fim, a construção de novos espaços. A partir de 1931, esse contexto deu lugar a um novo

¹⁶¹ O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 5.

¹⁶² O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 4.

¹⁶³ O ACRE. Rio Branco, 19 out. 1930, p. 4.

¹⁶⁴ O ACRE. Rio Branco, 23 nov. 1930, p. 3.

momento de recessão. O futebol, em Rio Branco, nesse período se caracterizava por ser amador, visto que, a profissionalização do futebol na cidade ocorreu a partir da década de 1940¹⁶⁵. Ainda assim, com as oscilações nas atividades futebolísticas, o futebol marcou o cotidiano da população de Rio Branco.

¹⁶⁵ FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ACRE, 2010.

CAPÍTULO 2 - A CONSTITUIÇÃO DE ESPAÇOS PRIVADOS PARA AS DIVERSÕES DE RIO BRANCO

A cidade de Rio Branco, no início do século XX, foi palco de diferentes manifestações de diversão. Destaca-se, entre elas, as festas e banquetes, que aconteciam por motivos diversos e em diferentes espaços da cidade. Tais acontecimentos marcavam o cotidiano da população e eram retratados nos jornais com entusiasmo.

As sessões cinematográficas, assim como as festas e casas de diversão, ganhavam destaque nos jornais e pareciam atrair não só a elite da cidade, mas pessoas de diferentes níveis sociais. Um dos cinemas fundados à época resiste até os dias atuais, tornando-se um patrimônio histórico e cultural para os rio-branquenses.

A princípio, a cidade não dispunha de lugares específicos para as diversões. As práticas aconteciam em lugares abertos, como ruas e praças. Mas, houve um esforço da elite para transferir as práticas de diversão para locais fechados e restritos. Os primeiros bares e casas de diversão eram lugares versáteis, que abrigavam diferentes tipos de eventos. O cinema, por exemplo, além das sessões cinematográficas, oferecia festas e cedia o espaço para reuniões esportivas.

A divisão deste capítulo foi inspirada no título da coluna do jornal, que era, geralmente, denominada de “Na tela e nos salões”. Nela, eram descritos os programas das casas de diversão e das sessões de cinema e era anunciada a chegada de novos filmes à cidade.

2.1 No palco: as diferentes iniciativas em prol do teatro

O teatro e o cinema em Rio Branco, durante as primeiras décadas do século XX, estiveram atrelados, seja por acontecerem no mesmo espaço ou por serem promovidos pelas mesmas pessoas. O teatro, entretanto, aparece, nos vestígios históricos, anterior ao cinema.

Os primeiros indícios do teatro, na cidade acreana, foram registrados no Bar Acreano, local de destaque para as diversões, nos primeiros anos da década de

1910. O bar era um estabelecimento diversificado. Durante o dia, funcionava como armazém e barbearia, e, na parte da noite, como bar e casa de diversões. As primeiras apresentações aconteceram por intermédio de amadores e entusiastas das artes cênicas, mas contou, também, com apresentações de artistas itinerantes.

Em 1910, anunciou-se que, no Bar Acreano, além da oferta de bilhares, havia um espaço com palco, para apresentações diversas, entre elas: sessões de cinema, apresentações artísticas de artistas itinerantes e apresentações teatrais de amadores. Uma destas apresentações aconteceu em agosto de 1910. Levou-se a cena duas peças: o drama *Amor Fatal* e a comédia *Artista Genial*¹⁶⁶. Ambas foram encenadas por artistas amadores da cidade, mas não receberam descrições detalhadas.

Alguns meses após a apresentação dessas peças, o jornal anunciou, com entusiasmo, a chegada, ao Território, do artista Frontino Santiago, que se dizia “cançonetista, tenor cômico e transformista”. Ele havia saído do Amazonas para o Acre. Segundo consta, “onde rareiam os divertimentos para o público, a notícia da chegada do artista causou grande satisfação”. Na primeira apresentação, o programa contava com um “concerto cômico – lírico – transformista”¹⁶⁷.

O segundo espetáculo apresentado por Santiago, que chamou o programa de espetáculos variados, causou polêmica entre os espectadores. A nota aponta que o Bar Acreano estava cheio e que o artista apresentou “belos trechos musicais”, ao piano, com a ajuda de duas artistas amadoras, Luiza Rosa e Beatrice Bressler, sendo ambas muito aplaudidas pela plateia. Porém, o “actor poucos applausos conquistou”, devido ao preço cobrado pela entrada, no valor de 10\$000 (dez mil réis). O preço da entrada era alto para o período. A título de comparação, entre os anos de 1913 a 1930, as sessões “chics” do cinema custavam 5\$000 (cinco mil réis).

A nota completa que o “retrahimento da platéia negando-lhe palmas, ao que soubemos, baseou-se na carestia das entradas e no cavaco que o artista dava quando se lhe fazia sentir o pezo dos 10\$ por entrada”. Contudo, mesmo que o preço tenha sido criticado, a nota termina elogiosa ao artista, dizendo que “Santiago

¹⁶⁶ FOLHA DO ACRE. **Bar Acreano**. Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 4.

¹⁶⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 30 out. 1910, p. 3.

soube dar muito bem o seu recado, cantando com boa voz e mostrando-se realmente um actor no palco”¹⁶⁸.

A terceira e última apresentação de Santiago repercutiram menos na imprensa. Estas, que, como as apresentações anteriores, aconteceram no Bar Acreano, foram realizadas em comemoração a data do advento da República. O programa, a pedido do público, se constituía de uma “serata”¹⁶⁹.

Ainda que com polêmica, as apresentações do artista movimentaram a cidade, com a extensão do serviço de bonde - a embarcação que fazia o transporte da população de um lado ao outro do rio - e charrete para os bairros mais afastados do centro da cidade, propiciando a participação de pessoas que residiam em locais mais distantes do Bar Acreano¹⁷⁰.

Alguns meses depois, o Bar Acreano contou, novamente, com apresentação de um artista itinerante. Desta vez, Clementino Santos. Entretanto, diferente de Santiago, Clementino teve uma passagem mais discreta, com trabalhos que contentaram a plateia, que, na primeira apresentação, por sua vez, foi pequena. A segunda apresentação dele teve uma plateia maior, mas, sem maiores informações, inclusive sobre o programa do espetáculo¹⁷¹.

Em junho de 1911, o artista Pierio Cordeiro, que foi responsável por uma das primeiras exhibições cinematográficas na cidade, apresentou, no Bar Acreano, um espetáculo em homenagem a Maçonaria¹⁷². O programa composto por uma serata, chamado *La Morenita*, contou com numeroso público “da platéia que não se cansou de applaudil-a”. A apresentação contou com a participação de dois amadores, Antonico e madame Antonia Barrubés¹⁷³. Normalmente, as apresentações, nesse bar, aconteciam as quintas e sábados.

Em 1911, Frontino Santiago retornou a Rio Branco e, junto a Piêrio Cordeiro, organizou um programa variado de apresentações, no Bar Acreano. O programa contava com apresentação teatral, cinematográfica, um número de mágica e, por fim, uma “esplendida serata”¹⁷⁴. Na segunda estadia na cidade, Santiago e

¹⁶⁸ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 13 nov. 1910, p. 3.

¹⁶⁹ Serata é uma palavra de origem italiana que significava, em tradução livre, noite. Mas no período tinha a conotação de noitada ou apresentação teatral.

¹⁷⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 nov. 1910, p. 3.

¹⁷¹ FOLHA DO ACRE. **Theatraes**. Cidade da Empresa, 12 fev. 1911, p. 2.

¹⁷² FOLHA DO ACRE. **Theatraes**. Cidade da Empresa, 16 jun. 1911, p. 3.

¹⁷³ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 02 abr. 1911, p. 3.

¹⁷⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 04 jun. 1911, p. 3.

Piêrio realizaram uma sequência de apresentações de mágica, com programas variados, que contavam com sessões de cinema e apresentações artísticas.

Entre as apresentações de Pierio, uma foi em benefício da capela de Nossa Senhora da Conceição, na ocasião todo o produto arrecadado foi destinado para a reconstrução da capela. Para as apresentações, o dono do Bar Acreano havia cedido a casa gratuitamente¹⁷⁵, contribuindo para a causa do evento.

O programa da noite contou com a apresentação de quatro artistas que estavam na cidade: LiLy Cadini e Santiago, cançonetistas; Pierio, com uma apresentação artística e de mágica; e, por fim, madame Beatriz, que tocou ao piano durante as apresentações. Tal notícia é mais um exemplo que as diversões, frequentemente, aconteciam de forma conjugada, de tal modo que um programa contava com diferentes formas de diversão. Outra evidência é que o Bar Acreano cobrava entradas nas noites de apresentação.

Ainda em 1911, na comemoração da data de 7 de setembro, os três artistas, LiLy Cadini, Santiago Frontino e Pierio, reuniram-se, novamente, em um programa variado no mesmo bar, que contou com a presença do prefeito da cidade. Lily Canini junto a Frontino realizaram uma apresentação artística teatral e musical; e Pierio um número de mágica¹⁷⁶.

Nesse período, surgiu no jornal “Folha do Acre”, uma coluna chamada de “Folha Theatral”, na qual eram anunciadas e descritas as apresentações artísticas que ocorreriam na cidade. Normalmente, os programas eram amplos e variados e, não dizia-se apenas sobre peças teatrais.

Esse foi o caso, em 1912, da divulgação, na referida coluna, da apresentação de uma trupe itinerante de circo. A trupe havia saído de Manaus e se apresentou na cidade acreana de Xapuri e em Rio Branco, por algumas semanas¹⁷⁷. Tal acontecimento parece ter movimentado a cidade, ganhando espaço no jornal.

De acordo com uma das notícias sobre a estadia do circo na cidade, os espetáculos foram bastante concorridos e os artistas muito aplaudidos. Destacou-se que as apresentações na barra, no arame e as acrobacias foram as que mais

¹⁷⁵ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 11 jun. 1911, p. 3.

¹⁷⁶ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 07 set. 1911, p. 1.

¹⁷⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 mai. 1912, p. 2.

impressionaram o público¹⁷⁸. Durante os anos do recorte temporal, esta foi a única evidência encontrada de apresentações circenses na cidade.

Em setembro do ano de 1912, dois grupos de amadores se apresentaram no Bar Acreano. Um grupo composto pelos senhores Alberto Van-Lume, Arthur B. de Souza, José Gabriel Filho - o qual, anos mais tarde, em 1921, foi diretor de duas casas de diversão na cidade, o Magestic Club e High Life Club - e Arthur Linhares, que apresentaram três peças de comédia: *Pantaleão & cia*, *A procura de um emprego* e *O meu Casamento*. De acordo com a nota do jornal, os amadores tiveram um correto desempenho dos papéis e, por isso, foram muito aplaudidos pela plateia. Alguns dias depois, outro grupo de amadores apresentou o drama *Amor de Perdição*¹⁷⁹.

O Bar Acreano abrigou apresentações teatrais entre os anos de 1910 a 1912, chegando a exibir, na propaganda dos jornais, que oferecia “restaurante, botequim, bar, bilhar e teatro”, além de se denominar como “um ponto de recreio”¹⁸⁰. Em algumas noites, era evidenciada a cobrança de ingressos para determinadas apresentações. Nas descrições das apresentações teatrais amadoras, não houve menção de cobrança de entradas ou qualquer taxa para os espectadores.

De todo modo, em 1913, o Bar Acreano fechou as portas, depois do falecimento de seu proprietário. Naquele mesmo ano, surgiu um novo espaço, o Theatro Polytheama, homônimo do teatro da cidade de Jundiaí, em São Paulo, fundado em 1911. O estabelecimento, como teatro, teve duração curta, algo comum no período, meses depois da inauguração foi convertido no primeiro cinema da cidade. Durante a existência, abrigou a comemoração do aniversário do terceiro ano da República Portuguesa, comemorado pelos integrantes da colônia lusa estabelecida na cidade.

O programa da comemoração contou com apresentação teatral, sessão cinematográfica e, em seguida, uma festa¹⁸¹. Ainda em 1913, a empresa Olympia Cinema conseguiu, na Intendência Municipal, autorização para transformar o espaço do Theatro Polytheama no primeiro cinema da cidade de Rio Branco¹⁸².

¹⁷⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 mai. 1912, p. 2.

¹⁷⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 29 set. 1912, p. 3.

¹⁸⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 mar. 1912, p. 5.

¹⁸¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 out. 1913, p. 2.

¹⁸² FOLHA DO ACRE. **Cinema Olympia** – Sua Inauguração, Rio Branco, 04 mai. 1913, p. 3.

No ano seguinte, em 1914, ainda que não houvesse um teatro ou espaço específico para apresentações teatrais, Alfredo Mendes criou o Grupo Dramático União, no qual era secretário¹⁸³. O grupo teatral não manteve suas atividades por mais do que alguns meses, desaparecendo das páginas dos jornais.

Cabe ressaltar que o cinema, neste período, era uma atração nova, recém-estabelecida na cidade e, possivelmente, atraía mais ao público do que o teatro ou outras diversões.

Em 1917, Alfredo Mendes criou um novo grupo teatral, desta vez o Grupo Dramático Rio Branco. O grupo encenou a peça *Os espíões da guerra*, de autoria de Mendes, que, além de organizar e promover as peças, era ator e autor¹⁸⁴. Assim como em anos anteriores, o grupo desapareceu das notícias do jornal, depois de duas apresentações.

Mendes foi uma pessoa de destaque na promoção das artes cênicas, na cidade de Rio Branco. Além dos esforços na criação de grupos de teatro, na promoção e escrita das peças, teve destaque como dono do Eden Cinema, entre os anos de 1920 e 1921. Sua paixão pelo teatro o fez vender suas empresas e se mudar para o Rio de Janeiro, para ingressar em uma escola de teatro.

Em 1918, duas artistas italianas passaram pela cidade, Olga dela Massa e Gilona Faledra, e realizaram apresentações musicais, nas quais tomou parte a artista amadora Antonia Brandão e contaram, ainda, com o maestro Scipião, que tocou durante o espetáculo¹⁸⁵.

A notícia dessa apresentação é mais um dos indícios de que, em Rio Branco, houve a passagem de artistas itinerantes, ao menos nos primeiros anos da década de 1910. Durante a década de 1920, com exceção das apresentações de Scipião, não há evidência da passagem de artistas itinerantes pela cidade. Possivelmente, Rio Branco deixou de ser uma cidade atrativa para artistas itinerantes, por estar vivendo o momento mais agudo da crise da borracha.

Anos depois, o Grupo Escolar da cidade se tornou um novo espaço para apresentações teatrais, por conter, em sua estrutura, um pequeno teatro. Em 1920, foi encenado um espetáculo teatral chamado *O Natal*, que, segundo consta nos jornais, devido ao sucesso, contou com sessões de reprise.

¹⁸³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 jul. 1914, p. 3.

¹⁸⁴ FOLHA DO ACRE. **Folha Social**. Rio Branco, 03 jan. 1918, p. 3.

¹⁸⁵ FOLHA DO ACRE. **Theatro Rio Branco**. Rio Branco, 07 fev. 1918, p. 1.

Logo em seguida, ocorreu a apresentação da peça *Alma exilada*, que teve a arrecadação destinada ao Hospital Augusto Monteiro. Os ingressos para as peças eram vendidos na loja "A moda", de propriedade de Alfredo Mendes, que estava constantemente envolvido na promoção do teatro e do cinema. Ambas as peças encenadas no Grupo Escolar eram de autoria de Madame Machado¹⁸⁶. O teatro era uma prática de diversão no qual a presença de mulheres, desde os primórdios, na cidade, era legítima, nas diferentes esferas, como atrizes, musicistas e na plateia.

Ainda em 1920, o maestro natural do Rio Grande do Norte, Joaquim Scipião¹⁸⁷, que estava na cidade de passagem, realizou uma série de apresentações no Eden Cinema. A primeira apresentação foi descrita pelo jornal como "um espectáculo leve e variado"¹⁸⁸, mas sem maiores informações.

O segundo espetáculo, contou com grande assistência, sendo descrito, no jornal, que o público era composto pelo que "de mais representativo tem Rio Branco"¹⁸⁹, estando entre o público o prefeito da cidade, o senhor Cunha Vasconcellos, e sua família. A apresentação contou com um ato de variedade e a *burleta*¹⁹⁰, em dois atos, chamada de "Amor em Xapury"¹⁹¹.

Algumas semanas depois, o maestro Scipião voltou aos palcos do Eden Cinema, com a apresentação de outro espetáculo a *burleta*, desta vez "Casamento Secundario, do vandeville Trumpho é Páu!", e de um espetáculo de variedades. Nestas apresentações, o maestro contou com a participação de amadores e de outro artista que passava pela cidade, Xico Coringa¹⁹². Encerrando sua temporada de apresentações daquele ano na cidade.

Depois dos festivais do maestro Scipião, o nome do cinema foi noticiado de forma diferente nos jornais, de Eden Cinema os anúncios passaram a ser escritos como Theatro Cinema – Eden¹⁹³. Embora o nome tenha sido mudado, nos meses seguintes, não ocorreram mais apresentações teatrais. O que durou até maio de

¹⁸⁶ FOLHA DO ACRE. **Na ribalta**, Rio Branco, 10 jan. 1920, p. 2.

¹⁸⁷ COMMERCIO DO ACRE. Xapury, 11 nov. 1917, p. 3.

¹⁸⁸ FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 24 abr. 1920, p. 3.

¹⁸⁹ FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 20 mai. 1920, p. 2.

¹⁹⁰ *Burleta*: comédia musical ligeira, de origem italiana no século XIX, segundo o dicionário Michaelis.

¹⁹¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 mai. 1920, p. 2.

¹⁹² FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 01 jul. 1920, p. 2.

¹⁹³ FOLHA DO ACRE. **Theatro e Eden-Cinema**, Rio Branco, 02 set. 1920, p. 2.

1921, com a apresentação do festival artístico da cantora Antonia Brandão, que ocorreu em homenagem ao governador do Território, Epaminondas Jacome¹⁹⁴.

Em agosto do ano seguinte, 1922, Antonia Brandão, auxiliada por Scipião e Josephina Lima, levou à cena a comédia *Enfim Sos* (sem autoria mencionada)¹⁹⁵. A reapresentação do espetáculo ocorreu em homenagem a Arthur Bernardes, presidente da República¹⁹⁶.

Como já dito, entre os anos de 1923 e 1926, a região acreana passou por um período intenso de crise econômica, desencadeada pelo mercado da borracha. Naquele momento as diversões, de forma geral, foram pouco evidenciadas nas páginas dos jornais, que se dedicavam a expor à situação e a cobrar providências do governo federal.

As diversões voltaram a ganhar espaço nas colunas dos jornais, em 1927, período em que o Acre era governado por Hugo Carneiro, um político com ideais modernistas, que tinha como objetivo refundar a cidade de Rio Branco, fazer a cidade se tornar mais moderna e um espelho para o restante do Acre.

Mesmo que os objetivos do governador não tenham sido concretizados, em 1927, Hugo Carneiro apoiou, financeiramente, a reforma do teatro do Grupo Escolar. Na reinauguração do espaço, ocorreu uma noite teatral com duas peças. A primeira, a peça de comédia chamada *Rosas de Todo Ano*, escrita por Julio Dantas e interpretada por Gerusa Bastos e Jandyra Oliveira. A segunda peça da noite, apresentada no teatrinho, foi a comédia *Perdi minha mulher*, escrita por Baptista Diniz e interpretada por Maria Barbosa, Roberval Cardoso, José Martins e Pedro Santos. A noite teatral teve cobrança de ingressos em favor da caridade¹⁹⁷.

Em 1928, o jornal “Folha do Acre” noticiou a preparação para uma peça “da espetaculosa féeire¹⁹⁸ ‘Fogo na Bengala’”¹⁹⁹. A peça era de autoria de Juca Mulato e contaria com arranjos musicais de musicistas da cidade. De acordo com a notícia, os ensaios já estavam adiantados, a cenografia seria simples, porém, de grande efeito, devido ao colorido e combinação de cores. Os figurinos estariam sendo desenhados por Ruy Barreto. Esta notícia mostra um novo movimento de

¹⁹⁴ FOLHA DO ACRE. **Festival Antonia Brandão**, Rio Branco, 16 jun. 1921, p. 2.

¹⁹⁵ FOLHA DO ACRE. **Festas**, Rio Branco, 03 ago. 1922, p. 2.

¹⁹⁶ FOLHA DO ACRE. **Festas**, Rio Branco, 10 ago. 1922, p. 2.

¹⁹⁷ FOLHA DO ACRE. **O Teatro em Rio Branco**, Rio Branco, 21 ago. 1927, p. 4.

¹⁹⁸ Féeire: peça de teatro que utilizam de mágica ou do sobrenatural (fadas, magos, feiticeiros).

¹⁹⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 mai. 1928, p. 2.

mobilização de diferentes pessoas em prol da realização de peças teatrais, na cidade.

No mesmo ano, surgiu uma nova iniciativa de criação de grupo teatral, que se nomearam como "Filhos de Thalma". Uma nota exaltou tal criação: "está de parabéns a capital do Acre, com a construção de uma companhia de amadores locais [...] criação do aplaudido teatrologo dr. Grijalva Antony"²⁰⁰. Este teatrólogo foi integrante da diretoria da Associação Atlética Acreana, na gestão 1930-1931 e os membros da companhia eram integrantes da mesma associação.

A notícia expressava, ainda, que o grupo teatral era formado por senhoritas e rapazes do *escol* social de Rio Branco. A posição social dos integrantes proporcionava prestígio social à companhia. Evidência disto é ter ganhado uma nota elogiosa no jornal.

O espaço Eden, que, nos anos iniciais de 1920, havia cedido espaço para apresentações de peças teatrais, em 1929, foi vendido para Bolivar Leite, que, com a aquisição, mudou a grafia para "Eden Cinema-Theatro" e prometeu que, sob a nova gestão, promoveria mais peças teatrais.

De acordo com uma nota, Leite propunha-se "a fazer verdadeira Revolução Theatral em nosso meio"²⁰¹. Algumas semanas depois, foi anunciada a exibição da peça em estilo *féerie* de autoria de Gê e Emme, chamada *Miss Rio Branco*. Segundo a descrição a peça, "constituirá verdadeiro acontecimento theatral [...] É mais uma noitada de espiritualidade e encantamento"²⁰². Leite diversificou, realmente, o espaço do Eden, oferecendo sessões de cinema, festas e apresentações teatrais.

Em 1929, a cidade ganhou um novo espaço para festas e apresentações artísticas, com a criação da sede social da Associação Athletica Acreana - associação esportiva e social - que, para arrecadar fundos para a sua praça de esportes, realizou um festival artístico chamado "Hora da Arte". O evento contou com a presença do governador, Hugo Carneiro, e sua família.

O programa começou com a exibição do filme *A garota de Paris* e seguiu com uma "scketch" cômica, chamada *Barulho em família*, representada por artistas amadores, "senhorinhas do nosso set, Maria e Elsa Mendes, Maria Julia e dos

²⁰⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 jun. 1928, p. 3.

²⁰¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 jan. 1929, p. 2.

²⁰² O ACRE. Rio Branco, 03 nov. 1929, p. 6.

jovens Germano Bezerra e Conde Filho”. De acordo com a nota, as apresentações agradaram ao concorrido público, recebendo calorosos aplausos²⁰³.

Para a apresentação teatral seguinte, a comissão artística da Associação Athletica Acreana foi ao gabinete do governador para convidá-lo para mais um espetáculo. A comissão era composta pelas “senhorinhas Maria e Elsa Mendes, Aurea e Anayde Araujo, Maria Julia Mascarenhas” e o acadêmico Ruy Barreto. Mais uma evidência da participação feminina nas comissões da Associação, que foi pioneira na criação de times femininos na cidade²⁰⁴.

Em julho de 1930, a Associação Athletica Acreana ofereceu uma peça, em estilo *féerie*, ao governador em exercício, João Cândio (1930-1930). A nota publicada sobre o espetáculo não expôs nomes específicos das pessoas que organizariam a peça, generalizando em um grupo de “intelectuais” da cidade, que proporcionariam “lindas noites de arte e espiritualidade”²⁰⁵.

Em setembro do mesmo ano, a associação voltou a apresentar uma peça em estilo *féerie*, chamada *Missanga*²⁰⁶, e, assim como ocorreu com a anterior, não foram expressos os nomes de quem organizou ou atuou na peça. Provavelmente, foram os associados da Associação Athletica Acreana.

É possível notar, nas notícias sobre o teatro em Rio Branco, algumas referências a estilos teatrais. Entre os anos de 1910 a 1912, as peças eram, em maioria, de comédia e drama e, em algumas apresentações, o gênero de prestidigitação, ou seja, de magia ou ilusão.

As mágicas faziam parte do gênero chamado “teatro ligeiro” (Freire, 2013). Esse gênero se popularizou, sobretudo, no Rio de Janeiro, na parte final do século XIX e início do XX, e, de acordo com Freire (1999, p. 78), estava associado “a ascensão do realismo no teatro brasileiro”. Este estilo contava, concomitantemente, com repertórios musicais de cançonetistas, inspirados nas óperas italianas.

Por volta de 1918, era comum apresentação de “variedades”, que, normalmente, referia-se a um programa variado, com música e diferentes

²⁰³ O ACRE. Rio Branco, 27 out. 1929, p. 6.

²⁰⁴ O ACRE. Rio Branco, 27 out. 1929, p. 1.

²⁰⁵ O ACRE. Rio Branco, 27 jul. 1930, p. 4.

²⁰⁶ O ACRE. Rio Branco, 21 set. 1930, p. 4.

apresentações artísticas. Nesse período, a temática da guerra era frequente, até porque o mundo vivia a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Também é possível notar que havia a influência italiana em algumas das peças, como o estilo *burleta*²⁰⁷, que se refere a um tipo de comédia musical ligeira, similar a mágica, de origem italiana, que se popularizou no século XIX. Esses “gêneros têm em comum, em linhas gerais, além da presença da música, traços de humor e de sátira” (Freire, 2013, p. 209).

O teatro, em Rio Branco, teve grande influência de gêneros teatrais europeus, especificamente, italiano e francês, similar ao que acontecia em outras cidades, como o Rio de Janeiro.

Entre os anos de 1927 a 1930, as peças demonstravam influências francesas na grafia e no estilo teatral, como as peças em estilo *féeire*, que se caracterizavam como uma peça de teatro que utilizava de mágica ou de elementos que simulavam o sobrenatural (fadas, magos, feiticeiros) e tinham características similares ao estilo de “teatro ligeiro”, com peças que eram compostas por música e traços de humor (Freire, 2013).

As histórias do teatro e do cinema, em Rio Branco, estiveram atreladas desde suas respectivas gêneses. Ambos tiveram as primeiras apresentações no Bar Acreano, local importante, à época, para as diversões. Após o fechamento do bar, abriu-se um espaço que recebeu o nome de Teatro Polytheama e que foi transformado no primeiro cinema da cidade.

Nos anos posteriores, as peças teatrais ocorriam nos salões do Eden Cinema, com períodos de maior e menor frequência. Isso influenciou, inclusive, a mudança de nome do espaço de Eden Cinema para Eden Cinema-Theatro. Tiveram o empenho de Alfredo Mendes, como figura de destaque na promoção de diversões, com atuação na organização de diversas peças e como dono do Eden Cinema, entre os anos de 1920 a 1921.

Durante as primeiras décadas do século XX, ocorreram diversas iniciativas em prol do teatro, na cidade de Rio Branco, com a organização de grupos teatrais e a representação de peças por artistas itinerantes e por artistas amadores locais. Todavia, a população de Rio Branco não desfrutou, nos primeiros anos do século XX de um teatro.

²⁰⁷ Dicionário Michaelis.

Diferente de outras cidades do ciclo da borracha, como Manaus e Belém, que a prosperidade econômica advinda do comércio da borracha foi convertida em edifícios imponentes e modernos para os padrões da época. Dentre estes teatros monumentais, tem-se, em Manaus, o Teatro Amazonas²⁰⁸, inaugurado em 1896; e, em Belém, o Teatro da Paz²⁰⁹, inaugurado em 1878, sendo um dos teatros mais antigos do Brasil.

Mas, conforme aponta Melo (2010, p. 3), foi apenas na década de 1970 que houve uma consolidação do teatro, na cidade de Rio Branco:

Esses grupos foram formados a partir da década de 1970 e marcaram a consolidação de um discurso artístico no Estado do Acre. Dessa forma, constituíram-se os primeiros grupos amadores de teatro e de música, produziram-se algumas películas de cinema, organizou-se uma série de amostras de artes plásticas e festivais musicais, de tal modo que, no final da década de 1970, mais de uma dezena de grupos amadores já se encontravam espalhados pelo estado, realizando um processo intenso de produções e divulgações artísticas.

Embora a década de 1970 seja tida como um período de maior consolidação do teatro, as iniciativas das décadas anteriores foram importantes e mostram como as diversões, em Rio Branco, ocorreram, sobretudo, pelo empenho de pessoas da cidade, com pouco ou nenhum apoio governamental e financeiro. Isso mostra a singularidade da história das diversões do povo rio-branquense, que se divertiam, apesar de conjunturas políticas e financeiras, por vezes, desfavoráveis.

2.2 Na tela: os primeiros cinemas de Rio Branco

O cinema se constituiu em uma importante diversão para a população de Rio Branco. Os primeiros indícios de sessões cinematográficas aconteceram por intermédio de empresários ambulantes (Pereira, 2002). A princípio, os filmes eram exibidos em estabelecimentos comerciais ou em praças, ao ar livre. Inicialmente, os filmes exibidos na cidade eram mudos e em preto e branco. O cinema, assim como as novas práticas esportivas, era símbolo de modernidade e progresso, além de um lenitivo para a situação de crise. Era visto, também, como uma diversão educativa e útil.

²⁰⁸ Ver: <https://cultura.am.gov.br/espacos-culturais/teatros/teatro-amazonas>.

²⁰⁹ Ver: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1217/>.

Uma das primeiras evidências de exibição de filmes na cidade foi por meio de Piêrio Cordeiro²¹⁰, que era alfaiate, em Manaus, por volta de 1906²¹¹, e que saiu de lá a caminho de Rio Branco, em 1910²¹². Na cidade acreana, era descrito nos jornais como empresário e fotógrafo. Ele parece ter residido até o ano de 1913, quando teve à anulação da posse de um lote, na zona urbana da cidade.

Durante o ano de 1911, ele realizou diversas exibições de filmes no Bar Acreano. Em outubro daquele ano, Piêrio fundou uma companhia cinematográfica²¹³, mas, depois do anúncio da companhia, não houve mais notícias de exibições de filmes, na cidade, promovidas por ele.

A primeira exibição cinematográfica registrada nos jornais ocorreu em 20 de janeiro de 1911, promovida por ele. Durante dois dias, exibiram-se algumas fitas, na cidade. O segundo dia de exibições foi realizada em homenagem ao capitão Fabio Fabrizzi, militar que, frequentemente, estava presente em festividades da cidade, e, aparentemente, a “casa esteve repleta e o trabalho fez sucesso”²¹⁴.

De forma geral, os programas eram variados, contando com filmes e apresentações de outros artistas, além de homenagens a pessoas específicas e seguimentos da sociedade, como uma estratégia de atrair o público que estimava tal pessoa ou segmento.

Piêrio manteve a mesma estratégia para atrair o público durante todo o período de permanência na cidade, homenageando, ainda, as famílias da cidade²¹⁵, em benefício da capela de Nossa Senhora da Conceição²¹⁶, dedicado ao Sr. tenente-coronel Odilon Pratagy²¹⁷ e a Maçonaria²¹⁸.

Outra estratégia adotada por Piêrio, para atrair o público, foi à realização de espetáculos variados, unindo-se a outros artistas que estavam na cidade. Como foi o caso do cançonetista Sr. Frontino Santiago, que havia chegado à cidade, saído do Pará²¹⁹, e a cançonetista Lily Cadini²²⁰, de origem desconhecida.

²¹⁰ Não foi possível saber a sua cidade natal.

²¹¹ JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 19 mai. 1906, p. 3.

²¹² JORNAL DO COMMERCIO. **Movimentação de passageiros**, Manaus, 16 ago. 1910, p. 2.

²¹³ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 29 out. 1911, p. 3.

²¹⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 jan. 1911, p. 2.

²¹⁵ FOLHA DO ACRE. **Theatraes**, Cidade da Empreza, 21 mai. 1911, p. 5.

²¹⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 jun. 1911, p. 3.

²¹⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 18 jun. 1911, p. 3.

²¹⁸ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 16 jul. 1911, p. 3.

²¹⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 mai. 1911, p. 5.

²²⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 jun. 1911, p. 3.

As notícias retratavam os espetáculos com entusiasmo e diziam atrair grande público. Mas, o comportamento de algumas pessoas era repudiado por não condizer com o ambiente pretendido, como no caso abaixo:

A casa esteve repleta. Infelizmente, porem, grande numero dos espectadores não poderam ficar ate ao fim do espectaculo, em virtude dos excessos de certos *espirituosos* que estão a requerer as vistas de nossa policia. Tornaram-se elles inconvenientes , não só pela bulha que fizeram como pelos palavrões indecorosos que proferiram sem respeito as famílias que alli estavam. Hoje, portanto, é de esperar que a autoridade ponha termo ao abuso, que tanto depõe contra os nossos fóros de povo bem educado²²¹.

Essa notícia é um exemplo de como os jornais repudiavam certos comportamentos e exaltavam outros, na tentativa de moldar os hábitos.

Depois de alguns meses, em abril de 1912, anunciou-se, no jornal, com entusiasmo, a chegada, à cidade, de aparelhos “mais aperfeiçoados” da “Casa Pathé”, da empresa Cinema Elo de Ouro, que realizaria “deslumbrante exibição de filmes”.

Outra nota diz que as exibições tiveram “bastante concorrência”, ou seja, um numeroso público. Os aparelhos e a estrutura para as sessões cinematográficas foram instaladas no prédio ao lado do Hotel do Commercio, de forma temporária. Ainda segundo a nota, “a empresa, dispõe de extraordinária collecção de fitas cômicas, moraes e instrutivas”²²² [grifos meus]. É interessante perceber como o uso do discurso de moralidade e instrução era usado para legitimar a realização das sessões de cinema e atrair o público composto por “bons cidadãos”.

As primeiras experiências da população de Rio Branco com a arte muda aconteceram por meio de sessões cinematográficas ocasionais. O primeiro cinema da cidade foi inaugurado em 1913, nomeado de “Cinema Olympia”, sendo gerenciado pelo Tenente Coronel Carlos Norberto Junior:

Realisou-se no ultimo domingo, 27 de Abril, a inauguração do “Cinema Olympia” sanando assim a necessidade de diversões tão accentuada entre nós. A esforçada empresa do “Olympia”, sem medir sacrificios, fazendo passar por completa transformação os vastos salões do “Bar Polytheama”, nelle instalou os seus magníficos aparelhos que são providos dos últimos retoques de perfeição na arte cinematographica, tendo isso assignalado o facto de pela primeira vez ser a nossa histórica Cidade de Rio Branco

²²¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 mai. 1911, p. 5.

²²² FOLHA DO ACRE. **Cinema Elo de Ouro**, Pennapolis, abr. 1912, p. 4.

iluminada a luz elétrica. Desde as primeiras horas da noite tornou-se considerável a aglomeração popular em busca da aquisição dos bilhetes. Dada a animação que esse acontecimento despertou não é de extranhar a enchente extraordinária que teve o “Olympia” sendo necessário a gerência suspender a vendagem das entradas. Com um programma magnifico foi correspondida a affluencia publica. A estrêa do “Olympia” foi um verdadeiro sucesso e um acontecimento artístico entre nós²²³. [grifos meus].

A notícia da estreia do cinema revela pontos importantes, como o apoio da mídia ao novo estabelecimento da cidade e o entusiasmo pela inauguração de um ponto de diversão, que, em teoria, iria sanar o marasmo da população. Além disso, a importância da chegada da luz elétrica, na cidade. Uma notícia sobre um suposto romance que acontecia, revela que os aparelhos no Olympia funcionavam por motor elétrico²²⁴. Dessa forma, a chegada da luz elétrica na cidade foi fundamental para que a população pudesse desfrutar de novas experiências.

O Cinema Olympia se situava a Rua Olympio da Silveira, que, ao longo dos anos, recebeu diferentes nomes. Localizada em uma região urbana e central na cidade, nela, havia comércios de ramos diversos, como farmácia, lojas e hotel. O cinema foi instalado no prédio onde ficava o espaço Polytheama, o qual havia sido, anteriormente, bar e teatro, tornando-se o único espaço com salão para exhibições ou apresentações, visto que o Bar Acreano havia fechado e o Polytheama reconfigurado.

Embora o cinema fosse uma novidade, os donos lançavam mão de estratégias para atrair o público. O Cinema Olympia anunciou, logo após a inauguração, a realização de sessões populares, às terças-feiras, com preços menores, a 2\$000 (dois mil réis). Enquanto as sessões “chics” aconteciam aos finais de semana, com preços mais altos, a 3\$000 (três mil réis). Ao que parece, isso foi feito na tentativa de atrair pessoas de diferentes níveis econômicos ao local.

A título de comparação sobre o preço dos ingressos, no Rio de Janeiro, por volta de 1920, o preço variava entre \$700 (setecentos réis) a 1\$200 (mil e duzentos réis)²²⁵. Já em relação a produtos essenciais vendidos em Rio Branco, um quilo de arroz custava 1\$200 (mil e duzentos réis), o feijão custava 2\$000 (dois mil réis), o quilo da carne bovina custava 2\$000 (dois mil réis) e o café em grão 4\$000

²²³ FOLHA DO ACRE. **Cinema Olympia** – Sua Inauguração, Rio Branco, 04 mai. 1913, p. 3.

²²⁴ FOLHA DO ACRE. **Chronica de amor**, Rio Branco, 13 jun. 1913, p. 3.

²²⁵ Ver: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/conte-uma-historia/252-cinema-de-suburbio.html>. Acesso em: 26 ago. 2022.

(quatro mil réis)²²⁶. A comparação demonstra que as sessões populares eram, realmente, mais acessíveis, possibilitando o acesso de um número maior de pessoas.

Em julho do mesmo ano, outras estratégias foram lançadas, como a realização de “soirées chics”, às quintas e aos sábados²²⁷. Houve, também, a oferta de brindes²²⁸. Foram realizadas, ainda, sessões especiais em homenagens a datas importantes ou pessoas, como o espetáculo realizado em comemoração a Independência do Brasil, dito como um espetáculo de gala²²⁹. Outro exemplo, foi a sessão cinematográfica realizada em homenagem a Domingos Racco, o porteiro do estabelecimento²³⁰.

Em 1914, ocorreu uma sessão gratuita realizada após o “*meeting* de protesto”, que foi uma espécie de comício em protesto a uma carta que circulou na Colônia Turca estabelecida na cidade, com ofensas a honestidade dos brasileiros. Depois da morte de um turco, que não tinha herdeiro, o juiz de direito da cidade determinou que os bens ficassem sob os cuidados de Miguel Fecury e Carlos Norberto, dono do cinema, como depositários, e José Raymundo, como fiscal, o que desagradou os conterrâneos do falecido e inspirou a carta.

Jose Raymundo, organizador do evento, fez um discurso sobre nacionalismo e honra do povo brasileiro residente em Rio Branco. Ao final, o dono do cinema Olympia ofereceu uma sessão gratuita para as pessoas que compareceram ao evento, com a exibição dos filmes *A Batalha* e *A prova da Bandeira*²³¹, reforçando o caráter nacionalista do evento.

As notícias do cinema no jornal apareciam, a princípio, na coluna de “Echos e notícias”, ou seja, na coluna de acontecimentos da cidade. O colunista ressaltava, constantemente, o brilhantismo dos espetáculos ocorridos no Olympia. Como é possível notar abaixo:

Realizou-se na última quarta-feira a festa artística do operador Pinto, do Cinema Olympia, com um programma esplendido, sendo por essa ocasião exibida pela primeira vez entre nós uma fita da mais celebre fabrica cinematographica do mundo – á *Nordisk*. Com uma enchente nunca vista

²²⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 set. 1927, p. 2.

²²⁷ FOLHA DO ACRE. **Cinema Olympia**, Rio Branco, 27 jul. 1913, p. 3.

²²⁸ FOLHA DO ACRE. **Cinema Olympia**, Rio Branco, 22 jun. 1913, p. 3.

²²⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 set. 1913, p. 3.

²³⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 mar. 1915, p. 3.

²³¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 jun. 1914, p. 1.

na Empresa, em festas como essa, o operador do Olympia teve na sua magnífica serata artística o melhor elemento da nossa sociedade. Um bem afinado sexteto durante os intervalos executou meliosas partituras do seu repertorio o que ainda mais concorreu para maior êxito da festa. Hoje o “Olympia” nos proporcionará um novo e encantador programma²³².

O proprietário do Cinema Olympia também pagava por propaganda. Estas que apareciam nas duas últimas páginas do jornal. Abaixo um *print* de uma das propagandas:

Figura 6 - Anúncio do Olympia Cinema



Fonte: FOLHA DO ACRE, 27 jul. 1913, p. 3.

Os anúncios, nesse ano, eram simples, não contavam com fotos ou desenhos. As letras eram grandes e as frases eram curtas, o que se assemelhava ao que se tinha no restante das propagandas e notícias do jornal, que não tinham uma produção muito elaborada, no período.

É possível supor que a forma simples de escrita, com poucas palavras e frases curtas, fosse para facilitar a leitura e visualização, condizente com a estratégia de atrair ao cinema, inclusive, as pessoas mais pobres da cidade. Mas, quando as sessões eram especiais ou de gala, os anúncios eram maiores e com descrição detalhada dos filmes e de toda a programação.

No ano de 1915, o dono do Olympia levou os aparelhos e fitas para uma temporada de exhibições na cidade acreana de Sena Madureira, há cerca de 150 km de distância da capital, Rio Branco, exibindo diversas fitas, entre os dias 14 a 28 de

²³² FOLHA DO ACRE. **Cinema Olympia**, Rio Branco, 20 jul. 1913, p. 2.

abril daquele ano. Foi utilizado o espaço do teatro Cecy, para as exibições²³³. E, da mesma forma como fazia em Rio Branco, utilizou-se da estratégia de realizar exibições em homenagens a datas ou pessoas especiais. A primeira exibição foi em homenagem à “execução de Tiradentes” e outra em homenagem ao prefeito da cidade²³⁴.

Algumas das fitas exibidas no cinema chegavam da cidade vizinha Xapuri, como mostra a nota: “Enviadas do Xapury, chegaram com destino ao Cinema Olympia desta cidade, varias fitas cinematográficas.”²³⁵. Algumas chegavam de Manaus e Belém, cidades estas que tinham relações comerciais com Rio Branco, sobretudo devido à comercialização de borracha. Mas, não foi possível precisar de qual cidade, exatamente, chegava cada uma das fitas.

O que se pôde notar é que, durante o tempo de existência, o cinema passou por diferentes donos. Foi inaugurado pelo tenente-coronel Carlos Tristão Norberto Junior, em 1913. Em 1917, passou a ser administrado por José Ciccarelli²³⁶, dono da Casa Ciccarelli, que se denominava de “casa de diversões”²³⁷, um restaurante que oferecia cervejas e cafés e, eventualmente, contava com alguma festividade. No ano seguinte, em 1918, passou a propriedade de José de Abreu²³⁸.

Entre os anos de 1913 e 1916, o Cinema Olympia era o único cinema da cidade e, provavelmente, foi um ramo comercial financeiramente interessante, pois outros empresários se interessaram por ele. Em 1916, inaugurou-se outro cinema em Rio Branco, o Cinema Ideal. A concorrência entre o Cinema Olympia e o Cinema Ideal fez com que o Olympia encerrasse as atividades, por volta 1920²³⁹, talvez, porque não tinha, na cidade, mercado consumidor para dois cinemas.

Porém, entre os anos de 1916 a 1920, os cinemas mantiveram as atividades simultaneamente. Inclusive, eram anunciados na mesma coluna do jornal, como é possível ver na imagem a seguir:

²³³ O ALTO PURÚS. **Olympia Cinema**, Sena Madureira, 18 abr. 1915, p. 3.

²³⁴ O ALTO PURÚS. **Olympia Cinema**, Sena Madureira, 25 abr. 1915, p. 2.

²³⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 nov. 1914, p. 1.

²³⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 nov. 1917, p. 3.

²³⁷ FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 12 mai. 1912, p. 3.

²³⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 mai. 1918, p. 2.

²³⁹ FOLHA DO ACRE. **O cinema Olympia foi vendido**, Rio Branco, 03 fev. 1921, p. 3.

Figura 7 - Anúncio dos cinemas



Fonte: FOLHA DO ACRE, Rio Branco, 25 out. 1917, p. 2.

O Ideal Cinema foi inaugurado em 1916, pelos empresários do ramo de embarcações, Ligeiro e Makiner. Segundo Pereira, a estrutura do estabelecimento era constituída de um salão principal de exibição e uma sala de espera (Pereira, 2002), e tinha capacidade para mais de 200 pessoas. Uma notícia do ano de 1925 aponta uma lotação de 275 pessoas²⁴⁰. E assim como o Olympia, passou por diferentes donos ao longo dos anos. A imagem abaixo mostra a primeira fachada do prédio.

²⁴⁰ JORNAL OFFICIAL. O cinema em beneficio do caixa escolar, Rio Branco, 21 jun. 1925, p. 1.



Fonte: Pereira (2002).

Em 1918, o Ideal Cinema passou a propriedade de Jose Abreu, que também foi dono do Olympia, e José Ferranti. Durante esse período, o cinema protagonizou duas polêmicas. A primeira por ter um filme censurado pelo chefe de polícia, por retratar a guerra. O filme mostrava a invasão do exército da Alemanha na Bélgica²⁴¹.

Os donos do espaço tiveram espaço no jornal para dar uma réplica e acusaram o policial de incoerente e autoritário. Apontaram, ainda, como verdadeiro motivo da censura do filme, o fato dos donos do cinema não terem permitido que duas amantes do prefeito, Augusto Monteiro, assistissem aos filmes de forma gratuita²⁴². A notícia do jornal terminou apontando Monteiro como mau administrador e seu ato como “ridículo” e os donos do cinema como certos, “trabalhadores e honestos”.

Alguns meses depois, o cinema apareceu nas páginas do jornal por outra polêmica. Desta vez, os donos foram acusados de aumentar o preço dos ingressos, no dia da exibição, para 5\$000 (cinco mil réis), por perceber grande concorrência de

²⁴¹ Naquele momento (1914-1918), acontecia a Primeira Guerra Mundial e o Brasil apoiava os países do lado da Tríplice Entente contra a Alemanha.

²⁴² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 mai. 1918, p. 2.

espectadores. Novamente, o jornal cedeu espaço aos donos, para darem suas explicações.

De acordo com a nota, os donos disseram que, “nos programmas que fizemos circular por toda a cidade durante o dia, avisamos ao público de que as entradas haviam sido alteradas, somente para essa película em virtude do excessivo custo do seu metro”²⁴³. Informaram, ainda, que nos outros filmes, o preço voltaria a ser o habitual, de 3\$000 (três mil réis). O filme em questão era *A grande Guerra Européa*. Segundo a carta, custou três vezes mais que o normal, o metro de fita.

Os donos do Ideal Cinema também empregavam estratégias para atrair o público da cidade. Realizavam sessões especiais e homenagens, como as sessões cinematográficas em honra a Proclamação da República²⁴⁴. Em abril de 1920, o espaço desse cinema foi vendido a Leonel Vinagre e Alfredo Mendes e, com isso, mudaram o nome de Ideal Cinema para Eden Cinema. No ano seguinte, em 1921, os empresários, além de adquirir o espaço do Ideal, compraram os aparelhos de exibição da empresa concorrente, o Olympia Cinema²⁴⁵. Desse modo, a cidade de Rio Branco, durante toda a década de 1920, voltou a dispor de apenas um cinema, o Eden Cinema.

Sob a gestão de Vinagre e Mendes, o cinema teve um dos períodos de maior constância. Uma notícia do jornal anunciou, com satisfação, a transação comercial e os novos rumos do cinema:

Os srs. Leonel Vinagre, Alfredo Mendes e Domingos Mirão, constituíram-se em sociedade, para explorar o ramo cinematográfico, nesta cidade. A nova firma que girará sob a razão de Leonel e Cia, adquirio por compra aos srs. Abreu & C^a, o antigo *Ideal Cinema*, que passou, com a mudança de proprietarios, a denominar-se – Eden Cinema. Os srs. Leonel & C, segundo nos informou um dos sócios, pretendem dotar o Eden de toda sorte de diversões, tendo já entrado em negociações, para a realização de um contracto que lhes garante a recepção aqui, das mais modernas e importantes producções cinematographicas. A gerencia do Eden está a cargo do sr. Alfredo Mendes, conhecido reclamista; já consagrado actor theatral; amador da Poesia e da Pintura; enfim um entusiasta verdadeiro do Bello e do Sublime. [...] A cada espectador dessa sessão, o Edem offerecerá um maço dos afamados cigarros Therezita²⁴⁶.

²⁴³ FOLHA DO ACRE. **A carta dos srs. Abreu e C**, Rio Branco, 06 jun. 1918, p. 1.

²⁴⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 nov. 1917, p. 2.

²⁴⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 fev. 1921, p. 3.

²⁴⁶ FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 03 abr. 1920, p. 2.

Na estreia da nova administração, foi oferecida, à assistência, cigarros Therezita, como cortesia, um meio de cativar o público.

Era comum, até 1920, que os empresários do ramo cinematográfico exibissem duas sessões semanais, geralmente, às quartas ou quintas-feiras e, aos finais de semana, sábados ou domingos. No Eden Cinema, sob a gestão de Mendes e Vinagre, o cinema chegou a oferecer quatro sessões semanais, às terças, quintas, sábados e domingos (Corrêa, 2019).

Os filmes eram exibidos repetidamente, durante algumas semanas, para os espectadores do cinema. Porém, quando chegavam fitas novas, eram anunciadas no jornal, para alertar à população sobre as novidades. Como mostra a nota: “Sabbado realiza o EDEN uma sessão popular a 1\$000 a entrada, levando, alem de outros films, um drama em estreia”²⁴⁷. A notícia evidencia, também, a continuidade da estratégia de promover sessões populares, a 1\$000 (mil réis), e as sessões “chics” continuavam a 5\$000 (cinco mil réis). Nas sessões “chics”, às vezes, ocorria o sorteio de presentes e era nelas que os filmes novos estreavam.

Não diferente do que se via antes, o Eden promovia programas variados, que contavam com sessões cinematográficas e outras apresentações, ora teatrais, ora musicais.

Conforme estava anunciado, realizou-se no Eden, ante hontem, o festival de Xico Coringa e Zé Scipião, que foram auxiliados por outros amadores. Constou o espectáculo, da burleta *Casamento Secundario*, do vandeille *Trumpho é Pául*, e de um selecto acto de variedades²⁴⁸.

Os salões, em dias de festividades, transformavam-se em salões de festas para *soirées*. A novidade no Eden Cinema era as realizações de matinês, ou seja, sessões especiais para as crianças, que aconteciam aos domingos, à tarde²⁴⁹.

Os donos do Eden, eventualmente, transpunham as salas físicas do estabelecimento e, nas comemorações da cidade, realizavam sessões na praça, ao ar livre, agregando-se a uma programação mais ampla dos festejos. Como exemplo, a comemoração da data de 07 de setembro em 1921, na qual ocorreu uma sessão de cinema na praça e, logo em seguida, um baile no palácio do governo²⁵⁰.

²⁴⁷ FOLHA DO ACRE. **O Cinema**, Rio Branco, 19 ago. 1920, p. 2.

²⁴⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 jul. 1920, p. 2.

²⁴⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 mai. 1920, p. 2.

²⁵⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 set. 1921, p. 3.

Meses depois da inauguração do Eden Cinema, circularam, nos jornais, colunas escritas por personalidades consideradas importantes na cidade, sobre as impressões quanto ao novo cinema, replicados dos folhetos produzidos pelos donos do cinema: “O Eden faz circular domingo um interessante folheto com as opiniões dos srs. drs. Nathaniel Albuquerque, Leandro Cavalcanti e Carlos Alberto, sobre o cinema, além de um soneto inédito do sr. dr. Juvenal Antunes”²⁵¹.

Essa era mais uma estratégia de legitimação do estabelecimento e da diversão, fazer com que pessoas que dispunham de prestígio social expressassem suas opiniões e influenciassem as percepções de outras pessoas da cidade.

Da mesma forma, outras colunas reforçavam a diversão como algo moderno, de bom gosto ou ainda uma diversão útil. Uma das notas aponta: “O Eden está transformado num centro de arte e bom gosto, continuando a alcançar enchentes extraordinárias”²⁵². Outro exemplo: “Incontestavelmente o nosso cinema é o melhor lenitivo para as nossas amarguras. Todo o público o vae compreendendo e o EDEN se vê repleto em todas as sessões”²⁵³.

Além de uma diversão tida como moderna, uma forma de aliviar as amarguras que a crise da borracha causava. Como destaca Pereira (2002, p. 56), os atores e atrizes eram referências de moda e beleza:

O cinema, além de ser uma diversão, teve uma grande influência no público com suas imagens. A moda, sempre mutável, é ponto de referência daquilo que é chique e moderno. Estar na moda é estar em destaque, e o cinema, por trazer imagens, vai funcionar como fonte de inspiração desses novos padrões a serem ou não seguidos. Vestir-se conforme as atrizes é uma tentativa de se aproximar, também, dos hábitos europeus.

Sob a gestão de Mendes e Vinagre, o cinema Eden teve um marco importante, exibindo, pela primeira vez, na cidade, um filme colorido: “Amanhã em estreia se focalizará – Na Hellage – film colorido da fabrica Pathé”²⁵⁴. De forma geral, os gêneros de filmes mais exibidos eram romances, comédias e de guerra (Pereira, 2002).

Segundo Corrêa (2019),

²⁵¹ FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 27 mai. 1920, p. 3.

²⁵² FOLHA DO ACRE. **Cinema**, Rio Branco, 04 nov. 1920, p. 3.

²⁵³ FOLHA DO ACRE. **Cinema**, Rio Branco, 20 nov. 1920, p. 3.

²⁵⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 abr. 1920, p. 3.

eram exibidos no cinema filmes de diferentes procedências (França, Estados Unidos, Itália, Inglaterra, etc.). Os donos do Eden buscavam as fitas na cidade boliviana de Cobija, em Manaus e na então capital federal, o Rio de Janeiro. Chegavam filmes de reconhecimento internacional como do D. Griffith, filmes de grandes empresas do ramo, como a Pathé, Fox Films e representados por atores de fama internacional.

Entretanto, os filmes exibidos não eram produções recentes, devido ao alto valor das fitas. Como exemplo, três filmes dos quais foi possível encontrar informações²⁵⁵ sobre o ano de produção e de exibição na cidade: o filme *Casamento na revolução francesa*, produção de 1915²⁵⁶, com origem austríaca, foi exibido no Eden, em junho de 1920²⁵⁷; O filme *Ivonne*, de origem italiana, interpretado pela famosa atriz do período Francesca Bertini, foi produzido em 1915²⁵⁸ e exibido em setembro de 1920²⁵⁹, nos salões do Eden; e, por fim, o filme *Malombra*, de origem italiana, que teve estreia mundial em 1917²⁶⁰ e, em Rio Branco, foi exibido em agosto de 1920²⁶¹.

Esses exemplos demonstram um hiato de três a cinco anos entre a produção e a exibição na cidade. Na capital federal da época, o Rio de Janeiro, o filme *Malombra* foi exibido em agosto de 1917²⁶², ou seja, no mesmo ano de produção. Embora as fitas já tivessem certo tempo de existência, eram anunciadas como novidades nos programas do cinema. Além disso, esses filmes são exemplos da influência europeia, que ditava, naquele momento, os padrões estéticos e de civilidade.

Em uma semana, havia três títulos diferentes em exibição no Cinema Eden:

“Quando o Amor Refloresce”, em 6 partes, por Diana Karene, vai para a próxima semana, em estreia. “Ivonne” 7 partes por Bertini e “O Condenado das Goyannas”, film policial, também em 6 partes, já se acham em poder da empresa, vindos do sul. Dizem nos que “Quando o Amor refloresce” vai constituir a nota artística cinematographica mais sensacional deste anno. Ansiamos pela estreia desse film²⁶³.

²⁵⁵ A maioria dos filmes era produção internacional, que chegava com o nome traduzido, o que dificulta saber o nome original, e consequentemente origem e ano de produção.

²⁵⁶ Ver: https://gebiao-medical.com/ru-dept/wiki/Revolutionshochzeit_%281915%29. Acesso em: 25 de agosto de 2022.

²⁵⁷ FOLHA DO ACRE. **O Cinema**, Rio Branco, 08 jun. 1920, p. 2.

²⁵⁸ Ver: <https://www.imdb.com/title/tt0455131/>. Acesso em: 25 de agosto de 2022.

²⁵⁹ FOLHA DO ACRE. **Cinema**. Rio Branco, 23 set. 1920, p. 2.

²⁶⁰ Retirado de <https://filmow.com/malombra-t71162/>. Acessado em 25 de agosto de 2022.

²⁶¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 05 ago. 1920, p. 4.

²⁶² CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 12 ago. 1917, p. 4.

²⁶³ FOLHA DO ACRE. **Cinema**, Rio Branco, 23 set. 1920, p. 2.

A notícia acima demonstra o empenho dos empresários no ramo cinematográfico e que havia uma quantidade significativa de público que viabilizasse tal realização. Aparentemente, no início do século XX, não havia muitos espaços sociais para reuniões na cidade. Diante disso, os salões do Eden Cinema se tornavam importantes, não só para as sessões cinematográficas, mas, também, para reuniões.

No Eden, aconteceram as primeiras reuniões de criação da Liga Acreana de Esportes Terrestres²⁶⁴, que gerenciaria o futebol na cidade nos anos seguintes, e da posse da respectiva diretoria²⁶⁵. De maneira semelhante, os salões do Eden serviram para as reuniões do clube esportivo Rio Branco Football Club²⁶⁶. Foi, ainda, um local importante para o recenseamento de 1920, onde aconteciam as reuniões e a contagem da população²⁶⁷.

O Eden Cinema ficou sob a gestão de Mendes e Vinagre, entre 1920 e 1921. Durante esse período, foram exibidos “56 filmes diferentes, 32 filmes no ano de 1920 e 24 filmes no ano de 1921” (Corrêa, 2019, p. 40). Porém, em dezembro de 1921, Alfredo Mendes desfez a sociedade com Leonel Vinagre e mudou-se para o Rio de Janeiro²⁶⁸, para estudar teatro.

Mendes foi uma figura importante, fundando, em 1914, um dos primeiros grupos teatrais da cidade, o Grupo Dramático União²⁶⁹, e, em 1918, outro grupo, o Grupo Dramático Rio Branco²⁷⁰, ambos com vida curta. Além disso, era sócio do Rio Branco Football Club, um dos principais times de futebol de Rio Branco. E, frequentemente, estava presente nas diversões que ocorriam na cidade, como festas, peças teatrais e nos esportes. Mas, sua atuação na promoção das diversões ia além da organização e participação. Sob o pseudônimo Danillo, ele escrevia, no jornal “Folha do Acre”, as colunas referentes ao cinema, às festas e ao futebol (Corrêa, 2019), ou seja, sobre as diversões.

Após a saída de Mendes, Leonel Vinagre administrou o cinema sozinho, até o ano de 1925. No ano de 1922, uma notícia apontou: “Eden Cinema' continua a

²⁶⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 19 mai. 1921, p. 3.

²⁶⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 mai. 1921, p. 3.

²⁶⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 jun. 1921, p. 3.

²⁶⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 19 ago. 1920, p. 2.

²⁶⁸ FOLHA DO ACRE. **Alfredo Mendes**, Rio Branco, 24 dez. 1921, p. 2.

²⁶⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 jun. 1914, p. 3.

²⁷⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 jan. 1918, p. 3.

proporcionar ao público noites agradabilíssimas”²⁷¹. Durante o período da gestão de Vinagre, ocorriam, frequentemente, sessões ao ar livre.

Em uma das ocasiões, o jornal expôs que “foi grande a affluencia do povo na praça Tavares de Lyra onde foi realizado o cinema ao ar livre à noite”²⁷². Em 1923, “o programma dos festejos organizados em honra ao sr. dr. Cunha Vasconcellos. Em alvíssima tela levantada na praça major Duarte de Menezes, foram focalizadas innumeras fitas cinematographicas”²⁷³. Como uma diversão que parecia ser estimada pela população, o cinema, com frequência, estava inserido na programação dos festejos da cidade.

Apesar do empenho de Leonel Vinagre, as atividades no Eden não mantiveram a regularidade de sessões e o volume de fitas dos anos anteriores. Em 1922, foram exibidos cerca de 9 filmes, que foram reprisados por algumas semanas. Entre 1923 a 1925, foram exibidos por volta de 28 filmes (Pereira, 2002). Esses filmes eram exibidos repetidamente e as sessões se concentravam aos sábados e domingos. Ainda assim, continuou sendo um espaço importante de reuniões e espetáculos.

Vinagre vendeu o Eden Cinema em 1925, para ter sua agência cinematográfica, ou seja, em vez de gerenciar um cinema, passou a alugar fitas para os diferentes cinemas do Território do Acre e de cidades bolivianas:

o agente sr. Leonel Vinagre já recebeu de Pernambuco o grande stock de films cinematográficos que estava esperando. Agora está habilitado a alugar-os mediante contrato, com o respectivo depósito, para as cidades do Territorio nacional e da vizinha Bolivia²⁷⁴.

Com a venda do espaço que compreendia o Eden, adquirido pela firma Moleiro e Esteves (Pereira, 2002), o cinema passou a se chamar Cine Theatro Eden. Apesar da inserção de mais uma palavra, “Theatro”, no nome, frequentemente, nas páginas do jornal, aparecia apenas como “Eden Cinema”. Mas, a inserção da palavra “Theatro” é facilmente explicável, pois no espaço passou a serem promovidos diversos espetáculos artísticos e teatrais.

²⁷¹ FOLHA DO ACRE. **O “Eden Cinema”**, Rio Branco, 15 jun. 1922, p. 3.

²⁷² FOLHA DO ACRE. **Cinema**, Rio Branco, 14 set. 1922, p. 1.

²⁷³ FOLHA DO ACRE. **Cinema ao ar livre**, Rio Branco, 24 fev. 1923, p. 2.

²⁷⁴ FOLHA DO ACRE. **Agência Cinematographica**, Rio Branco, 22 ago. 1926, p. 4.

No mesmo ano, em 1925, o cinema sofreu uma reforma e segmentaram os espaços, criando distinção entre o público com camarotes, cadeiras e gerais, diferente dos anos anteriores, que não havia esse tipo de separação. De acordo com Corrêa (2019), o camarote era para pessoas de destaque social, como o Governador e funcionários da administração pública, as cadeiras eram para as pessoas de “boa índole” e, nas gerais, ficava o público mais pobre, que assistiam aos filmes em pé ou sentados no chão.

Durante o tempo da gestão de Moleiro e Esteves, tiveram anos de maior e menor frequência e intensidade nas atividades no cinema. O ano de 1926 foi o de maior quantidade de fitas novas exibidas na cidade, com, aproximadamente, 42 filmes exibidos²⁷⁵. Os donos adquiriam as fitas exibidas no cinema em Belém do Pará²⁷⁶. As sessões voltaram a uma frequência de quatro vezes por semana - terças, quintas, sábados e domingos²⁷⁷.

Já no ano seguinte, em 1927, a quantidade de filmes caiu para 16 novos filmes, que eram reprisados durante algumas semanas. Voltou-se a noticiar as sessões infantis²⁷⁸. Porém, foi anunciada uma nova dinâmica no estabelecimento, que passou a oferecer festas. De acordo com a notícia, “o Eden, agora tem festas lindas, lindíssimas”²⁷⁹.

Ainda em 1927, os donos do Eden promoveram uma sessão especial, em benefício do hospital da cidade, que dependia, em grande medida, de doações para a sua manutenção²⁸⁰. Neste mesmo ano, o espaço do Eden passou por uma reforma, “tendo de entrar em concertos e pinturas a casa onde funciona o Eden-Cinema, prevenimos ao público que ficam suspensos os espectáculos até quase ache prompta a referida casa”²⁸¹. O espaço ficou fechado entre os meses de junho e julho²⁸².

Segundo o ofício da Intendência Municipal, “Moleiro e Esteves – requerendo a visita de praxe no Eden Cinema afim de ser reaberto a frequência do

²⁷⁵ FOLHA DO ACRE. **Eden-Cinema**, Rio Branco, 14 fev. 1926, p. 1.

²⁷⁶ FOLHA DO ACRE. **Eden-Cinema**, Rio Branco, 24 jan. 1926, p. 4.

²⁷⁷ FOLHA DO ACRE. **Eden-Cinema**, Rio Branco, 07 nov. 1926, p. 4.

²⁷⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 set. 1927, p. 2.

²⁷⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 mar. 1927, p. 2.

²⁸⁰ FOLHA DO ACRE. **Eden-Cinema**, Rio Branco, 21 ago. 1927, p. 1.

²⁸¹ FOLHA DO ACRE. **Eden-Cinema**, Rio Branco, 30 jun. 1927, p. 4.

²⁸² FOLHA DO ACRE. **Eden-Cinema**, Rio Branco, 24 jul. 1927, p. 1.

público – Ao encarregado dr. Bento Ghiglione para verificar. – Á vista do laudo junto permitido a reabertura”²⁸³.

Durante o período de reforma, o coproprietário, Avelino Esteves, havia ido a passeio para a Espanha e retornou para a reabertura do cinema, que, de acordo com uma nota, estava “completamente remodelado, conseguindo, por isso, uma assistência selecta e numerosa. Agora o Eden esta parecendo um cinema da cidade”²⁸⁴.

Em setembro, alguns meses após a reinauguração, contou com um programa inédito:

As sessões do Eden-Cinema decorreram animadíssimas na semana passada. É que os programas tiveram o concurso do sr. Dario Letona, de nacionalidade peruana, exímio executor de música clássica em um *serrote de carpinteiro* e campeão do *box*. O sr. Letona exibiu-se no box com um seu patrício, o jovem Tuler, que o acompanha, e com o sr. Pedro Pereira, amador brasileiro. Como é fácil de prever: o sr. Letona sahiu sempre vencedor; e com muita razão. Ele é um artista de renome, segundo atestam os documentos e os recortes de jornaes de várias partes das Repúblicas limítrofes, que tivemos ocasião de ver em seu poder. Na quarta-feira ultima o victorioso artista tomou passagem para Manaus, vindo horas antes trazer-nos as suas despedidas²⁸⁵.

Vale destacar algumas informações da notícia. A primeira é quanto à apresentação de um artista itinerante, que, provavelmente, parou em Rio Branco por fazer parte do caminho em direção a Manaus. A versatilidade do artista que, além de exímio musicista clássico, era, também, campeão de box. Para comprovar sua fama, levava consigo jornais da sua terra natal.

Em 1928, foram exibidos cerca de 24 filmes, de maneira que o espaço voltou a ter uma atividade significativa de novos filmes e frequência de exhibições. Contando, ainda, com as já anunciadas festas. Entretanto, em janeiro de 1929, o cinema foi, novamente, vendido, sendo arrematado por Bolivar M. Leite. Com a mudança de proprietário, foi renomeado para Popular Cinema:

Estão de parabéns os afans da maravilhosa arte muda. Desde ante-hontem o EDEN-CINEMA-THEATRO passou à direção de Bolivar M. Leite, o activo e diligente propagandista de nossa praça, que arrendou-se da Empresa

²⁸³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 ago. 1927, p. 3.

²⁸⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 jul. 1927, p. 1.

²⁸⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 set. 1927, p. 4.

Moleiro & Esteves a elegante casa de espetáculos, propondo-se a fazer verdadeira Revolução Theatral em nosso meio²⁸⁶.

De acordo com as informações do jornal e do trabalho de Pereira (2002), sob a gestão de Bolivar Leite, o cinema contou com, aproximadamente, 12 filmes, em 1929, e cerca de 10 filmes, em 1930. Mas, como anunciado, o objetivo de Leite era oferecer ao público um lugar versátil, denominando-se de “casa de espetáculos” e propondo-se a uma “revolução theatral”.

Bolivar Leite, apesar de anunciar uma grande revolução, manteve a dinâmica do cinema semelhante aos donos anteriores. Os “vesperais infantis” seguiram e ocorriam às 17 horas, do sábado, e, logo em seguida, às 20 horas, sessões comuns²⁸⁷. O que se pode destacar desta gestão é a exibição de um filme de Charles Chaplin, algo que foi exaltado nos jornais, como um grande acontecimento²⁸⁸.

De maneira semelhante, continuou promovendo às sessões ao ar livre, “às 20 horas do dia 9 do corrente, armado um improvisado *écran* na Praça 'Tavares de Lyra', effectuou-se a anunciada sessão cinematographica ao ar livre, para o povo”²⁸⁹. Essa notícia apontou, ainda, que a praça estava enfeitada e contava com grande público. Entre as pessoas presentes, estava o interventor da cidade.

Em 1930, o espaço contou com dois eventos interessantes: o primeiro, o fotógrafo Aguirre Sandoval exibiu, no cinema, fotos tiradas na Bolívia, em Xapuri e em Rio Branco, “completando o programma desta exhibição, que terá logar terça-feira, será passada no “*écran*” a fita 'Salvo da Guilhotina’²⁹⁰; outro evento destacável foi a noite de música e poesia apresentada por Barreto Sobrinho, que, nesse período, era integrante da orquestra Selvagem. Consta que “Barreto Sobrinho realizou, no Cinema Popular, hontem à noite uma hora de música e poesia, dizendo da tróva e da melodia violeira de nossa gente”²⁹¹.

Durante as décadas de 1910 e 1920, o cinema na cidade de Rio Branco passou por diferentes fases e donos. Mas, durante todo o período, as diferentes pessoas lançaram mão de estratégias para atrair o público e para tornar os

²⁸⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 jan. 1929, p. 2.

²⁸⁷ O ACRE. Rio Branco, 18 ago. 1929, p. 5.

²⁸⁸ O ACRE. Rio Branco, 10 nov. 1929, p. 6.

²⁸⁹ O ACRE. Rio Branco, 14 dez. 1930, p. 1.

²⁹⁰ O ACRE. Rio Branco, 30 mar. 1930, p. 8.

²⁹¹ O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1930, p. 1.

programas atrativos. Ao longo dos anos, houve programas diferenciados no cinema. Aparentemente, as crianças e jovens eram uma parte significativa do público, pois, durante a década de 1920, todos os donos mantiveram as sessões infantis.

Não havia uma separação rígida entre o teatro e cinema. Numa sessão de cinema, também havia apresentações teatrais, sem alteração de preço, e as sessões eram anunciadas na coluna de “Folha theatra”²⁹². A música também se inseria nas artes cênicas. Enquanto as sessões aconteciam, havia a apresentação de pianistas ou bandas.

Infelizmente, não foi possível precisar os motivos das diferentes vendas do cinema, apenas o de Alfredo Mendes. De toda forma, era um estabelecimento sem concorrência direta, por ser o único cinema da cidade e que, com maior ou menor intensidade, manteve as atividades durante todo o período estudado.

O espaço que abrigou o Eden Cinema teve grande valor cultural e abrigou diferentes momentos de diversão para a população da cidade. Devido ao seu valor histórico, foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

Localizado à Rua 17 de Novembro, o Cine Teatro Recreio foi instalado em 13 de junho de 1948 no prédio do extinto Cine Éden. Erguido em alvenaria e madeira no período áureo da borracha, em 1987 foi restaurado para promover apresentações teatrais, shows musicais, palestras e cursos de dança²⁹³.

O prédio, hoje, denominado de Cine Teatro Recreio, continua em funcionamento, sediando diferentes eventos e ainda mantém as sessões de cinema. A imagem abaixo mostra a fachada atual do cinema.

²⁹² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 abr. 1912, p. 4.

²⁹³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Biblioteca IBGE**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=41010&view=detalhes>. Acesso em: 02 dez. 2021.



Fonte: Retirada da internet.

O cinema fez parte da cultura da população de Rio Branco, durante as primeiras décadas do século XX, e continua fazendo, até os dias atuais. Ao defender que a cidade estava se constituindo, o cinema é evidenciado como um lugar símbolo do progresso que estava em curso.

2.3 Nos salões: as casas de diversões e clubes sociais

A cidade de Rio Branco, no início do século XX, não dispunha de muitos lugares destinados, especificamente, às diversões. Durante as primeiras décadas, ocorreram diversas tentativas de se criar um local e/ou uma associação para que a elite pudesse se reunir e se divertir.

Uma das primeiras iniciativas nesse sentido ocorreu em 1910, com o Club dos Bemóes, que era uma associação musical e recreativa, que foi criada para que os “diversos rapazes que procuram passar o tempo divertidamente nas horas vagas,

sem se ocuparem com a vida alheia”²⁹⁴. Ou seja, uma associação com o público bem definido, os “rapazes” da cidade e com objetivo de diversão.

As reuniões para organização e fundação ocorreram na casa do sócio fundador, o capitão Affonso Gesta. No ano de 1911, o grupo mudou de nome para *Club Estrella do Acre* e, durante o referido ano, promoveu festas na casa do coronel José Augusto Maia, como a festa de 15 de novembro e a festa de Ano Novo.

As festas promovidas pela associação contavam com senhorinhas e cavalheiros²⁹⁵. Cabe o destaque para a participação de militares na associação, que, porém, teve vida curta, algo comum no período, pois depois das referidas festas, não houve mais evidências da continuidade de sua existência.

No mesmo ano, em 1911, houve outra tentativa de criar uma associação recreativa. De acordo com uma notícia, “às 7 horas da noite, os artistas e operários da Empreza²⁹⁶ reunir-se-ão para a fundação de uma sociedade destinada a congregar a sua classe”²⁹⁷.

Além de recreativa, tinha, também, fins humanitários. A associação recebeu o nome de “Centro Artístico e Operário Acreano”:

Está definitivamente fundado nesta cidade o Centro Artístico e Operário Acreano, associação organizada pelas classes laboriosas que aqui exercem a sua actividade, e que tem por fim patrocinar os legítimos interesses das mesmas classes e pugnar pelo seu engrandecimento e prestígio, proporcionando a todos os seus membros as vantagens da beneficência e da solidariedade instituídas como base, primordial dessa utilíssima agremiação²⁹⁸.

Diferente da primeira iniciativa e de outras, no período, esta tinha características diferentes e se tratava de um grupo que não fazia parte da elite, mas logrou apreço da imprensa. A associação realizava as reuniões da diretoria no espaço da redação do jornal “Folha do Acre”, por não dispor de um local²⁹⁹.

Durante o período de existência, os membros da diretoria do Centro Artístico e Operário Acreano, da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e da loja maçônica Igualdade Acreana, formaram uma comissão e tentaram, junto à

²⁹⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 16 out. 1910, p. 3.

²⁹⁵ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 nov. 1911, p. 3.

²⁹⁶ Empreza era o nome do bairro no qual o centro operário havia se instalado.

²⁹⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 09 jul. 1911, p. 2.

²⁹⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jul. 1911, p. 1.

²⁹⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jul. 1911, p. 3.

prefeitura, recursos para a construção do primeiro hospital da cidade³⁰⁰. Além disso, formalizou um pedido, também na prefeitura, para que se instalasse um serviço de transporte de barco entre os bairros de Rio Branco e Pennapolis³⁰¹, cortados pelo Rio Acre. Ambas as iniciativas não avançaram.

Em 1912, um operário associado enviou uma carta ao jornal, dizendo que, com o novo presidente, a associação tinha se perdido em “politicagem” e, quase sem atividade, estava fadada ao fim. Além disso, apontou que, na única atividade realizada pela banda do Centro Artístico, a apresentação havia sido tão desorganizada que entoaram um “alarido infernal”³⁰².

O autor da carta foi assertivo quanto ao futuro da associação, que encerrou as atividades em 1912³⁰³. Alguns anos depois, em 1923, houve uma reunião, na tentativa de refundar a associação, mas sem êxito³⁰⁴.

Um lugar de destaque na promoção de diversão na cidade foi o Bar Acreano, de propriedade de Antônio Toscano Floquet, de origem paraense, mas que vivia no Acre, desde 1901³⁰⁵. Não foi possível precisar a data de inauguração do bar. De toda forma, o espaço foi significativo na dinâmica da cidade e abrigou acontecimentos importantes no período em que funcionou. As propagandas no jornal demonstravam características do bar e a que público atendia. Abaixo um *print* de uma propaganda.

³⁰⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jul. 1911, p. 2.

³⁰¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 06 ago. 1911, p. 2.

³⁰² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 fev. 1912, p. 3.

³⁰³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 fev. 1918, p. 1.

³⁰⁴ FOLHA DO ACRE. **Centro Artístico e Operário**, Rio Branco, 01 fev. 1923, p. 3.

³⁰⁵ FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 09 jun. 1912, p. 3.



Fonte: FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 22 jan. 1911, p. 4.

Segundo a descrição de Klein (2013, p. 186),

ali funcionava um salão com quatro grandes mesas de bilhar, um palco para apresentações artísticas, em geral, armações para iluminação e um balcão com bebidas variadas. Atrás do salão havia uma sala com três jogos de mesas com cadeiras, carteados, roletas e um mostruário completo de armas à venda com rifles, espingardas e revólveres. Em um espaço mais reservado, Toscano Floquet, quando vivo, atendia os cavalheiros da cidade com uma barbearia completa e em uma mercearia mantinha a venda secos, molhados, arroz e feijão.

Como é possível notar, na descrição acima, o local era bastante diversificado, oferecendo diferentes serviços, especialmente, um lugar de diversão para a elite. Local, no qual, empresários, funcionários públicos, militares e outros comerciantes, encontravam-se para beber, conversar e desfrutar de espetáculos diversos.

O Bar Acreano, também, foi marcante para o ramo cinematográfico de Rio Branco. Ali ocorreram algumas das primeiras exibições de filmes na cidade, por intermédio do empresário e fotógrafo Piêrio Cordeiro, que, em 1911, usava o local para as sessões cinematográficas.

Entre os anos de 1910 e 1912, o Bar Acreano serviu de palco para apresentações teatrais e espetáculos variados, contando com a exibição de artistas itinerantes. Em outubro de 1910, o artista Frontino Santiago, que se dizia cançonetista, tenor cômico e transformista, havia acabado de chegar a Rio Branco, mas, anteriormente, estava se apresentado nas cidades do Amazonas e Belém³⁰⁶.

Santiago se apresentou no Bar Acreano por algumas noites. Segundo uma notícia, “onde rareiam os divertimentos para o público, a notícia da chegada do artista causou grande satisfação. É de prever, portanto, que o Bar Acreano no próximo sabbado tenha uma caça cheia”³⁰⁷. Quando artistas itinerantes se apresentavam, na cidade, causava certa empolgação entre a população, pois estes eventos não eram frequentes.

A notícia que descreve a segunda apresentação de Frontino Santiago, na cidade, evidencia informações interessantes:

O cançonetista Frontino Santiago, pela segunda vez, exhibiu-se quarta-feira ultima no Bar Acreano. Teve uma casa repleta. Ao piano executaram belos trechos musicaes, madames Luiza Rosas e Beatrice Bressler, sendo ambas muito aplaudidas pela platéia. O actor poucos applausos conquistou, recebendo, no entanto, muitas palmas quando cantou o *Sole mio* por dedica-lo ao dr. Sylvio de Lima, digníssimo Juiz de direito da Comarca. É de justiça confessar que Santiago soube dar muito bem o seu recado, cantando com boa voz e mostrando-se realmente um actor no palco. O retrahimento da platéia negando-lhe palmas, ao que soubemos, baseou-se na carestia das entradas e no cavaco que o artista dava quando se lhe fazia sentir o pezo dos 10\$ por entrada. A lógica da platéia foi essa, segundo ouvimos: pagamos em dinheiro o que lhe podíamos dar em applausos. Depois do expectaculo não houve, como, aliás estava anunciado num programma extra, carros, autos e bondes, mesmo para os bairros menos distantes da cidade. É que o trafego se interrompeu com a greve dos paradistas. Depois de amanhã, a pedido da platéia, o actor Santiago realizará a sua terceira serata em commemoração à data do advento da Republica³⁰⁸.

A primeira informação que se pode destacar é que o artista se apresentou junto a duas mulheres da cidade, madames Luiza Rosas e Beatrice Bressler, ou seja, não era um lugar frequentado só por homens, pelo menos em noites de espetáculos, era possível notar a presença de mulheres na plateia e nas apresentações.

³⁰⁶ JORNAL DO COMMERCIO. **Divertimentos**, Manaus, 05 abr. 1910, p. 2.

³⁰⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 out. 1910, p. 3.

³⁰⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 nov. 1910, p. 3.

Além disso, é perceptível o uso recorrente da estratégia de homenagear pessoas de destaque social na cidade para atrair o público. Desta forma, a estima que as pessoas tinham por determinada figura era motivação para comparecer no evento, para prestigiar o homenageado.

Outra informação interessante foi o preço das entradas, a 10\$000 (dez mil réis), um valor bem alto para o período. Para ser ter noção, nas sessões especiais do cinema, até o ano de 1930, o preço mais alto encontrado foi de 5\$000 (cinco mil réis). No futebol, em 1930, o camarote, local mais caro do estádio, custava 12\$000 (doze mil réis)³⁰⁹.

Em 1911, o Bar Acreano contou, novamente, com apresentações de artistas itinerantes. Segundo consta:

Estreou 2º feira ultima no Bar Acreano, madame Emma Biari, recentemente chegada de Senna Madureira, dando seu primeiro benefício em homenagem ao capitão Fabio Fabrizi. A conhecida artista cantou a contento de todos apesar de se achar um pouco constipada. Auxiliaram-na madame Lily Cadini, Alley (dançarina americana) e Morentina, que foi bastante aplaudida. Emma Biari cantou esplendidamente o tango *A Mulata* e o *Fado Novo*. Bisou três vezes o maxixe *Corta Jaca* e o *Falla-me logo a sahida*. O Bar Acreano esteve à cunha; tendo alli reinado uma animação extraordinária. A pedido geral, é provável que madame Emma dê um novo espectáculo³¹⁰.

Desta vez, os espetáculos ficaram a cargo de mulheres, que chegaram a Rio Branco de diferentes cidades. Emma Biari, de origem francesa³¹¹, havia chegado de Senna Madureira, cidade acreana a, aproximadamente, 150 km de Rio Branco. Ela havia se apresentado em Manaus, entre 1909 e 1910. Após se apresentar nas cidades acreanas, retornou a Manaus para viajar para o Rio de Janeiro³¹².

Além dela, havia a dançarina Alley³¹³, de origem norte-americana. No ano de 1911, apresentou-se no Bar. Outro artista itinerante foi Clementino Santos, que parece ter mobilizado menos o público, tendo apenas “contentado” a plateia, que “foi pequena”³¹⁴.

³⁰⁹ O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 4.

³¹⁰ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 23 abr. 1911, p. 2.

³¹¹ JORNAL DO COMMERCIO. **Chalet Jardim**, Manaus, 31 dez. 1909, p. 2.

³¹² CORREIO DO NORTE. Manaus, 16 dez. 1911, p. 2.

³¹³ Não foi possível precisar de qual cidade havia chegado, apenas sua origem.

³¹⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 12 fev. 1911, p. 2.

Havia espaço, nas apresentações do Bar Acreano, para artistas amadores da cidade, como foi o caso de Antonico e madame Antonia Barrubés³¹⁵. Havia situações em que os artistas itinerantes, que estavam na cidade, juntavam-se para realizar uma apresentação conjunta, como foi a apresentação de Lily Cadini, na qual tomou parte Emma Biari e La Morenita³¹⁶. Assim, eventualmente, mesclavam-se artistas profissionais e amadores, nas apresentações.

O Bar Acreano era um lugar versátil. Durante as noites, oferecia espetáculos, mas, durante o dia, era barbearia e mercearia. Porém, em setembro de 1911, depois de sediar os festejos de 7 de setembro, que, inclusive, contou com a presença do prefeito da cidade³¹⁷, comunicou “ao público e aos artistas teatraes que por motivos independentes de sua vontade, resolveu suspender alli as diversões e espectáculos, não concedendo mais para esse fim a referida casa”³¹⁸.

Entre tantas mudanças, um mês depois de anunciar que não haveria, na casa, apresentações, o dono do Bar Acreano expandiu o negócio para o ramo dos restaurantes, apresentando um “esplendido cardápio”³¹⁹ e oferecendo um baile de inauguração.

Não foi possível precisar os motivos que levaram o dono do bar a tomar a decisão de suspender as apresentações. Mas, no ano seguinte, em 1912, os anúncios expuseram que o local oferecia “restaurante, botequim, bar, bilhar e teatro”, denominando-se como “um ponto de recreio”³²⁰, ou seja, voltado a oferecer apresentações artísticas. Aparentemente, eram eventos com fins lucrativos, visto que se cobrava ingresso de entrada.

Todavia, em 1912 o dono do Bar Acreano, Antonio Floquet falece:

Na manhã de domingo ultimo faleceu na villa Rio Branco o antigo e conhecido commerciante sr. Antonio Toscano Floquet, proprietário do Bar Acreano [...]. Antonio Toscano Floquet era paraense, casado, de cor morena e de 50 anos de idade. Vivia no Acre há 11 anos. A sua família, a quem enviamos condolências, acha-se no Pará, tendo aqui chegado ultimamente o seu filho de nome Antonio Guerreiro Floquet, que assistiu ao triste e doloroso desenlace³²¹.

³¹⁵ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza 02 abr. 1911, p. 3.

³¹⁶ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 07 mai. 1911, p. 3.

³¹⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza 07 set. 1911, p. 1.

³¹⁸ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 17 set. 1911, p. 1.

³¹⁹ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 out. 1911, p. 2.

³²⁰ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 03 mar. 1912, p. 5.

³²¹ FOLHA DO ACRE. Pennapolis, Rio Branco, 09 jun. 1912, p. 3.

Segundo Klein (2013), os credores do bar formaram uma junta e abriram um processo judicial para continuar o administrando, já que Floquet não tinha um herdeiro morando na cidade. O filho de Floquet chegou à cidade em 1913, para quitar as dívidas e, a partir desse momento, a junta de credores foi desfeita.

Durante a administração da junta de credores, ocorreram diversas atividades no bar, como apresentações de amadores teatrais. Porém, em 1913, as atividades do bar se encerram, não havendo mais menção a existência da casa comercial. No jornal eram expostas as aberturas de novos comércios, mas, raramente, mencionavam os fechamentos ou falências.

Os esforços dos credores do bar demonstram a importância do espaço para parte da população. O Bar Acreano se constituía como um local importante do cotidiano da elite e espaço de diferentes eventos e comemorações, de sociabilidades e encontros. Além da sua importância para as experiências divertidas, sobretudo, com as sessões cinematográficas e as apresentações artísticas.

Havia, na cidade, outro bar, o *Pourquoi Pas*³²², que era descrito como “conhecido botequim da elite acreana”. O nome de origem francesa, que, em tradução livre, significa “porque não”, reforça essa característica elitista e a influência dos ideais modernistas na cidade, que se inspirava em tendências francesas. Porém, o botequim foi vendido no início de 1911 e não tinha tanta notoriedade nos jornais, como o Bar Acreano. O encerramento das atividades do *Pourquoi Pas* pode ter dado mais centralidade ao Bar Acreano, durante o período de existência.

De toda forma, os hotéis da cidade ofereciam à população local serviços de bar e bilhares, se configurando, também, como locais de encontros e diversão. Como no almoço oferecido ao prefeito, pelo coronel João Rôla, no Hotel Familiar, do qual participaram “outros homens da elite social”³²³.

De forma semelhante, “um grupo de admiradores do illustre sr. capitão dr. Mario Clementino de Carvalho, ofereceu-lhe, no domingo ultimo, um jantar íntimo, no salão especial do Grande Hotel Pennapolis”³²⁴. Os hotéis, normalmente, contavam com um salão que propiciava serviços de bilhar e se configuravam como bares ou restaurantes.

³²² FOLHA DO ACRE. **Commerciaes**, Cidade da Empreza, 19 mar. 1911, p. 2.

³²³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 mar. 1913, p. 1.

³²⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 jun. 1914, p. 1.

O Club dos Promptos, grupo musical que existiu durante um curto período, ofereceu um baile aos associados no Hotel do Commercio, que, segundo consta, esteve “esfuziante” e “bastante concorrido”³²⁵. Em 1912, o Hotel Republicano anunciou que ofereceria “bilhares e bagatelas”³²⁶³²⁷. Assim como o cinema, os hotéis eram inseridos na programação de festejos da cidade, onde, geralmente, depois das festas públicas, a elite se reunia para desfrutar de banquetes.

Manoel Vasconcellos, dono da fábrica de gelo e cigarros Victoria, em 1918, ampliou os negócios para botequim e salão de bilhares. De acordo com a propaganda, era “um bem montado botequim e um magnífico salão de bilhares”, que ficava na rua Abunã³²⁸, uma das ruas do centro da cidade.

A palavra “diversões” era comumente usada nos anúncios de botequins e hotéis, que serviam bebidas e bilhares. Essas notícias demonstram como os hotéis eram usados como espaços de diversões e reuniões. Oferecer serviços à população local era uma forma de rentabilidade extra.

Historiadores que estudaram as questões econômicas da borracha apontam o ano de 1910 como o início da crise financeira da borracha³²⁹, por ter sido o ano em que o preço da mercadoria começou a cair. Mas, esse não foi um processo imediato. A crise financeira foi se intensificando, ao longo dos anos.

Em Rio Branco, entre os anos de 1910 a 1913, novos lugares foram inaugurados, o que reforça a tendência de uma diversificação comercial. Como o Restaurante Fleuri, de propriedade de Lygia Baptista, inaugurado em 1913³³⁰. Interessante notar que o estabelecimento era gerido por uma mulher. Além deste, também surgiu o botequim do sr. Felício Hajame, inaugurado naquele mesmo ano, situado na praça Tavares de Lyra³³¹, contava com “bilhares e outras diversões”.

A abertura de novos comércios era exaltada no jornal como evidência do progresso que estava em curso, sobretudo quando se abriam novos lugares privados para as diversões:

³²⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 ago. 1912, p. 3.

³²⁶ Parecida com o Pinball, a Bagatela (Bagatelle) é um jogo com o objetivo de somar pontos. Sua versão anterior era uma miniatura de sinuca ou bilhar, inventada no século 18 na França. Ver: <https://negocioselazer.com.br/o-jogo-bagatela>.

³²⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 11 fev. 1912, p. 4.

³²⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 31 jan. 1918, p. 3.

³²⁹ Ver: Klein, 2013; Santos, 1980; Bueno, 2012; Weinstein, 1993.

³³⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 mai. 1930, p. 2.

³³¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1913, p. 3.

Hoje já não estamos mais como no tempo em que o Zé Soares chegou. O Acre já tem o Olympia Cinema, o Restaurante Fleuri, o Pavilhão do Victor Porto, tem a cadeia nova onde se pode guardar os maníacos e desequilibrados, etc. tem enfim, uma Cidade como Rio Branco, onde residem 19 homens formados [...]³³²

Essa nota aponta alguns estabelecimentos como indício das mudanças que ocorriam na cidade e que havia 19 “homens formados”, reforçando a busca por reconhecimento de que era uma cidade que se alterava, em prol do progresso. Nesse sentido, o cinema se estabeleceu com um dos locais privados de diversão mais importantes, nas primeiras décadas do século XX.

Em 1917, foi inaugurado o “Smart Club”, local que se anunciava como “estabelecimento de diversões” e oferecia canja e diferentes tipos de bebidas, além de apresentações musicais, como as apresentações da orquestra do professor J. Scipião. Segundo a propaganda, o Smart Club oferecia “bebidas geladas, leite, coalhada, doces, sandwicks, chá, café e deciliosos charutos”³³³. O local era de propriedade de Antônio Rabello, que, em 1910, era dono do hotel “6 de agosto”³³⁴, e tinha como sócio Neutel Maia, um dos maiores empresários do ramo seringueiro no período³³⁵. O estabelecimento funcionava todos os dias, depois do horário do cinema³³⁶.

O horário de funcionamento do Smart Club demonstra como os estabelecimentos se organizavam para não entrar em concorrência pelo público da cidade. Dessa forma, o local abria as portas, após as sessões do cinema, sendo uma alternativa de diversão para o público.

O Smart Club funcionou por dois anos, mas, antes do encerramento das atividades, ocupou lugar nas páginas do jornal por promover festas carnavalescas, nos anos de funcionamento, e pelo festival artístico organizado pela artista espanhola Maria Alonso, o qual foi destacado, no jornal, como “regular concorrência”³³⁷. Pelo tom da nota, não parece ter alcançado o público esperado.

Outro momento em que o Smart Club ganhou notoriedade, no jornal, foi no episódio de uma batida policial, durante um festival artístico:

³³² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1913, p. 3.

³³³ FOLHA DO ACRE. **Smart Club**, Rio Branco, 31 jan. 1918, p. 3.

³³⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 14 ago. 1910, p. 4.

³³⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 28 fev. 1918, p. 3.

³³⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 nov. 1917, p. 4.

³³⁷ FOLHA DO ACRE. **Folha Social**. Rio Branco, 02 mai. 1918, p. 3.

Conforme havíamos noticiado, naquela noite, nos salões do Smart Club, estabelecimento de diversões, pertencente aos srs. Rebello e C., abriram-se como effectivamente foram abertos para um festival artístico. E, como se tratasse duma festa pública, naturalmente os promotores obtiveram a respectiva licença da polícia. [...] Pois bem, com detrimento da boa educação, com manifesto desrespeito aos presentes, entre os quaes pessoas de reputação firmada na sociedade; enfim, com o sacrifício do seu próprio desprestígio, a polícia invadiu, inesperadamente, o Smart, interrompendo o festival, minutos antes iniciado. [...] se soube mais tarde, tratar-se duma busca naquelle estabelecimento para verificar se os presentes se achavam na prática de... jogos prohibidos por lei³³⁸.

As acusações foram arquivadas pelo juiz municipal³³⁹. Mas, é impossível saber o que realmente ocorreu naquela noite. De toda forma, essa não foi a primeira vez que um estabelecimento de Antônio Rabello foi denunciado por oferecer jogos ilegais³⁴⁰. Em 1911, quando era dono do hotel "6 de agosto", a polícia fez um cerco no local onde funcionava "uma roleta, fazendo a apreensão de todos os utensílios pertencentes a mesma"³⁴¹. O Smart Club findou suas atividades, ao final de 1919.

No fim de 1919, inaugurou-se um estabelecimento chamado High-Life Club, que se caracterizava como uma "casa de diversão", onde a entrada era gratuita. O tenente-coronel Manoel Vasconcellos, que era o dono do estabelecimento, festejou seu aniversário, em janeiro de 1920³⁴². Porém, logo em seguida, as atividades da casa foram suspensas e outra casa de diversão foi inaugurada no prédio.

Em 31 de janeiro de 1920, o jornal anunciou os preparativos para a inauguração do Magestic Club, que era anunciado com características diferentes do estabelecimento anterior, o High-Life Club. Segundo consta, o clube contava com estatuto e associados³⁴³ e as entradas não eram francas³⁴⁴. Os diretores anunciaram que o Magestic Club era "destinado a ser o *rendez-vous* dos nossos *snoobs*". Ou seja, tinha como objetivo ser o ponto de encontro da elite local.

Para a inauguração, foi realizado um "pomposo" baile à fantasia. Com a promessa de mais três bailes para a comemoração do carnaval, do respectivo

³³⁸ FOLHA DO ACRE. **Mais uma façanha policial**, Rio Branco, 02 mai. 1918, p. 1.

³³⁹ FOLHA DO ACRE. **As denúncias não procederam**, Rio Branco, 06 jun. 1918, p. 1.

³⁴⁰ Eram proibidos pela postura municipal jogos de apostas e azar.

³⁴¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 abr. 1911, p. 3.

³⁴² FOLHA DO ACRE. **Almoços íntimos**, Rio Branco, 10 de jan. 1920, p. 2.

³⁴³ FOLHA DO ACRE. **Magestic Club**, Rio Branco, 31 jan. 1920, p. 2.

³⁴⁴ FOLHA DO ACRE. **Magestic Club**, Rio Branco, 21 fev. 1920, p. 2.

ano³⁴⁵. Destes, dois ocorreram e um deles foi cancelado, para não concorrer com a festa do Rio Branco Foot-ball Club.

Durante o tempo de existência, os diretores do Magestic Club realizaram bailes. A última notícia encontrada foi de uma luta de box, realizada entre José Facre e Xico Coringa³⁴⁶. Ambos eram pessoas ligadas as diversões na cidade. José Facre, anos mais tarde, tornou-se um dos donos do cinema Eden e Xico Coringa era maestro e se apresentou na cidade, em diferentes locais.

O Magestic Club teve uma curta duração das atividades, funcionando entre fevereiro a abril de 1920. Logo que encerraram suas atividades, o High Life Club retornou, funcionando até 1922. Durante esse período, realizou diversos bailes, entre eles quatro festas, no carnaval de 1921, com “chorosos tangos executados pela banda da Força policial”³⁴⁷.

Depois do carnaval, a direção do clube passou para José Gabriel Filho, que havia sido da diretoria do Magestic Club. De acordo com uma notícia, com isso, o clube entraria em uma nova fase, “proporcionando aos seus frequentadores horas agradáveis de convívio social”³⁴⁸. A nova fase não durou muito. Em junho de 1922, Manoel Vasconcellos reassumiu a direção do clube social³⁴⁹. A última notícia do High Life Club, foi quanto ao pedido do presidente, solicitando autorização para que a casa funcionasse até depois das 21 horas.

O pedido foi aceito pela Intendência Municipal³⁵⁰, mas, aparentemente, a extensão do horário de funcionamento não foi suficiente para manter o estabelecimento aberto, visto que o ano de 1922 foi um dos mais agudos de crise financeira, derivada do baixo preço da borracha no mercado internacional (Weinstein, 1993).

Em 1924, foi fundado, na cidade, um prédio chamado de Tentamen, que se configurava como um espaço específico para a realização de festas e eventos. Em 1926, o prédio passou a compor uma associação, sendo denominada de Sociedade Recreativa Tentamen, contendo estatuto e associados³⁵¹.

³⁴⁵ FOLHA DO ACRE. **Magestic Club**, Rio Branco, 07 fev. 1920, p. 2.

³⁴⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 abr. 1920, p. 3.

³⁴⁷ FOLHA DO ACRE. **Carnaval**, Rio Branco, 10 fev. 1921, p. 2.

³⁴⁸ FOLHA DO ACRE. **High-Life Club**, Rio Branco, 10 mar. 1921, p. 2.

³⁴⁹ FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 15 jun. 1922, p.3.

³⁵⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 nov. 1922, p. 2.

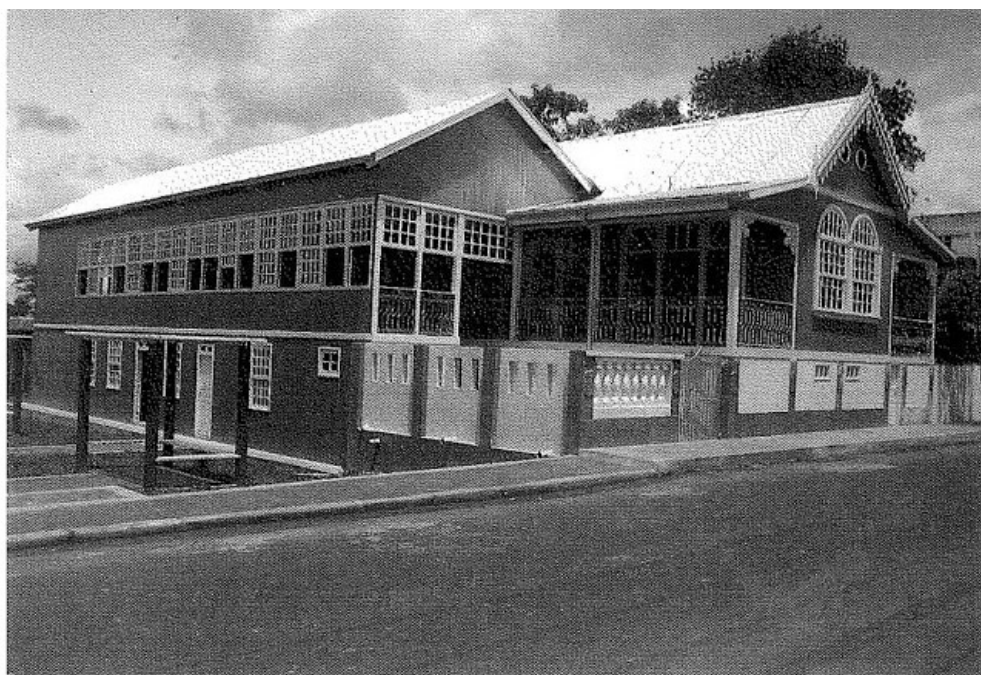
³⁵¹ FOLHA DO ACRE. **Pela Tentamen**, Rio Branco, 20 jun. 1926, p. 4.

O projeto foi encabeçado pelo advogado e empresário Mario de Oliveira, no período, pessoa conhecida no círculo da elite local e assíduo sócio dos clubes esportivos. O projeto da Tentamen durou cerca de oito anos, até se concretizar e foi batizado de Tentamen, que significa tentativa, justamente pela dificuldade de concretização do projeto (Pereira, 2002).

A Tentamen foi fundada para suprir as aspirações modernistas da elite rio-branquense. Ou seja, um local de distinção social, no qual, só faria parte pessoas de elevado nível social. Entre seus associados e frequentadores estavam “seringalistas, autoridades locais, funcionários públicos e comerciantes” (Pereira, 2002, p. 74).

Como é possível notar na imagem abaixo, o prédio destoava das demais construções da cidade, que, em maioria, eram de “casas de madeira com cobertura de telha de barro ou palha, construídas predominantemente de forma conjugada” (Souza, 2002, p. 34).

Segundo Corrêa (2019), em Rio Branco, naquele período, não se produzia tijolos e cimentos, de modo que estes deveriam ser encomendados em outras cidades, o que elevava o custo da construção. Dessa forma, o prédio da Tentamen era moderno para os padrões da época e símbolo de progresso.



Fonte: Alma Acreana.

No prédio da Tentamen, ocorreram desde aniversários infantis a reuniões políticas. Nos primeiros anos de funcionamento, eram comuns os bailes e *soirées* dançantes: “a Tentamen, victorioso centro familiar de diversões, realizou mais uma *soirée á phantasia*, a qual compareceu elevado numero de senhorinhas, senhoras e cavalheiros da nossa sociedade”³⁵². No local, a presença das mulheres e crianças era bem vista e aceita. Como é possível notar no trecho acima, denominava-se de “centro familiar de diversões”.

Nos anos finais da década de 1920, a diretoria da Sociedade Recreativa Tentamen organizava, pelo menos, uma festa mensal para os associados. Essas festas tinham diferentes temas, como os exemplos a seguir: A “Sociedade Tentamen realizou mais uma partida dansante, que decorreu animada e cordial, ao som de jazz-band e excelente orchestra”³⁵³.

Na véspera de Natal do ano de 1927, anunciou-se “uma festa inédita para esta cidade [...] o Cotillon”³⁵⁴. O “Cotillon”, ao qual se se refere à notícia, é uma

³⁵² FOLHA DO ACRE. **A Tentamen**, Rio Branco, 04 abr. 1926, p. 6.

³⁵³ FOLHA DO ACRE. **Sociedade Tentamen**, Rio Branco, 21 abr. 1927, p. 4.

³⁵⁴ FOLHA DO ACRE. **Sociedade Tentamen**, Rio Branco, 09 dez. 1927, p. 4.

dança de origem francesa, dançada em pares³⁵⁵. Em novembro de 1929, realizou-se “nos soberbos salões da Tentamen, um elegante 'Chá-tango’”³⁵⁶. Junto a isso, a “brilhante tertúlia litero-musical”³⁵⁷, que, apesar da forma rebuscada de dizer, é uma reunião, ou ainda, um encontro de pessoas para apresentações literárias e musicais.

Essas notícias demonstram o esforço dos diretores para atrair o público, realizando festas temáticas e com referências internacionais e modernas, provavelmente, para demonstrar, ainda mais, distinção social.

Na Tentamen, destacaram-se, também, os bailes carnavalescos:

Fiel ao seu programma, a Tentamen – o elegante, victorioso e querido centro familiar de diversões-abre, hoje, a série das Tardes Carnavalescas da presente temporada, as quaes tanto sucesso obtiveram o anno passado, grangeando brilhantes louros à novel aggremação. Como daquela vez, a sympathica sociedade instituiu, novamente, as recepções dominicaes, em matinée, a que denominou, com propriedade, Tardes Carnavalescas, e que terão logar hoje e nos sucessivos domingos: 17, 24, 31 de janeiro corrente, e 7 e 14 de fevereiro vindouro, das 15 às 18 horas, em sua séde, cujos vastos e confortáveis salões ficam franqueados aos seus numerosos associados, e exclusivamente a estes.[...] Afim de cohibir alguns abusos, evitando, ao mesmo tempo, decepções e dissabores, a Directoria da Tentamen previne que em seus salões só podem ter ingresso os seus associados e respectivas famílias, ou pessoas expressa e excepcionalmente convidadas pela mesma Directoria³⁵⁸.

Além do caráter exclusivo, deixando explícito, por diversas vezes, a distinção social de seus associados e frequentadores, é possível notar um programa vasto, com uma programação para cinco finais de semanas consecutivos. Algo raro no período, visto que, a maioria dos eventos acontecia de forma esporádica ou intermitente. O cinema era a diversão que mais se aproximava de uma regularidade, na programação. Ainda assim, os eventos da cidade aconteciam em horários e datas distintas, evitando a concorrência de público.

No carnaval de 1926, as festividades foram divididas em quatro bailes e alegorias, segundo a notícia:

Quatro estonteantes, formidolosos e abracadabrantes bailes carnavalescos nos salões da invicta Tentamen, os quaes, graças á arte Magica de uma batuta da gemma, apresentarão uma ornamentação nunca, jamais, em tempo algum sonhada...os effeitos de scenographia são apenasmente

³⁵⁵ Ver: <https://estanciavirtual.com.br/inicial/2018-04-23-bailes-bailongos-e-as-brincadeiras-de-cotillon/>.

³⁵⁶ O ACRE. Rio Branco, 17 nov. 1929, p. 6.

³⁵⁷ O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 1-6.

³⁵⁸ FOLHA DO ACRE. **Sociedade Tentamen**, Rio Branco, 10 jan. 1926, p. 1.

deslumbrantes, merecendo um –ah! Deste tamanho cada uma das engenhosas e bem executadas alegorias³⁵⁹.

Cada alegoria tinha um tema. A primeira foi “Demoiselle”, em homenagem a Santos Dumont. A segunda alegoria foi “Orgia Sideral”, que merece a descrição na íntegra: “Na azulea e etherea amplidão celeste, que El-rei Momo acaba de atravessar no 'Demoiselle', myrades de estrellas e toda uma hallucinação orgíaca de corpos sideraes se emmaranham num labyrintho de amôr cosmogenico”³⁶⁰. A terceira alegoria foi “Pagode Japonez”, em homenagem às gueixas do país, ou seja, em homenagem à delicadeza feminina. A última foi “Os Pingentes”, em homenagem a “astronomia carnavalesca”.

As alegorias demonstram a preocupação com um enredo complexo e moderno e com referências internacionais, mais uma forma de demonstrar o caráter distintivo. Na programação dos bailes, a presença de crianças foi proibida e, por isso, compensada por um baile infantil³⁶¹.

No ano seguinte, em 1927, as notícias sobre o carnaval tiveram um volume e entusiasmo menor, mas, a importância das festas parecia semelhante. Na comemoração do carnaval, ocorreram festas à fantasia e, uma delas, contou com a presença do governador do território, Hugo Carneiro³⁶².

Até 1930, a programação seguiu parecida, com bailes à fantasia, para os adultos, e, para as crianças, as matinês infantis. Apesar de extrapolar o recorte temporal estabelecido para este trabalho, a foto abaixo mostra o baile carnavalesco, na Tentamen, nos anos iniciais da década de 1930. Ela demonstra como as pessoas se vestiam e como o espaço era ornamentado e ocupado. Na ocasião, um grupo de mulheres usavam chapéus e luvas.

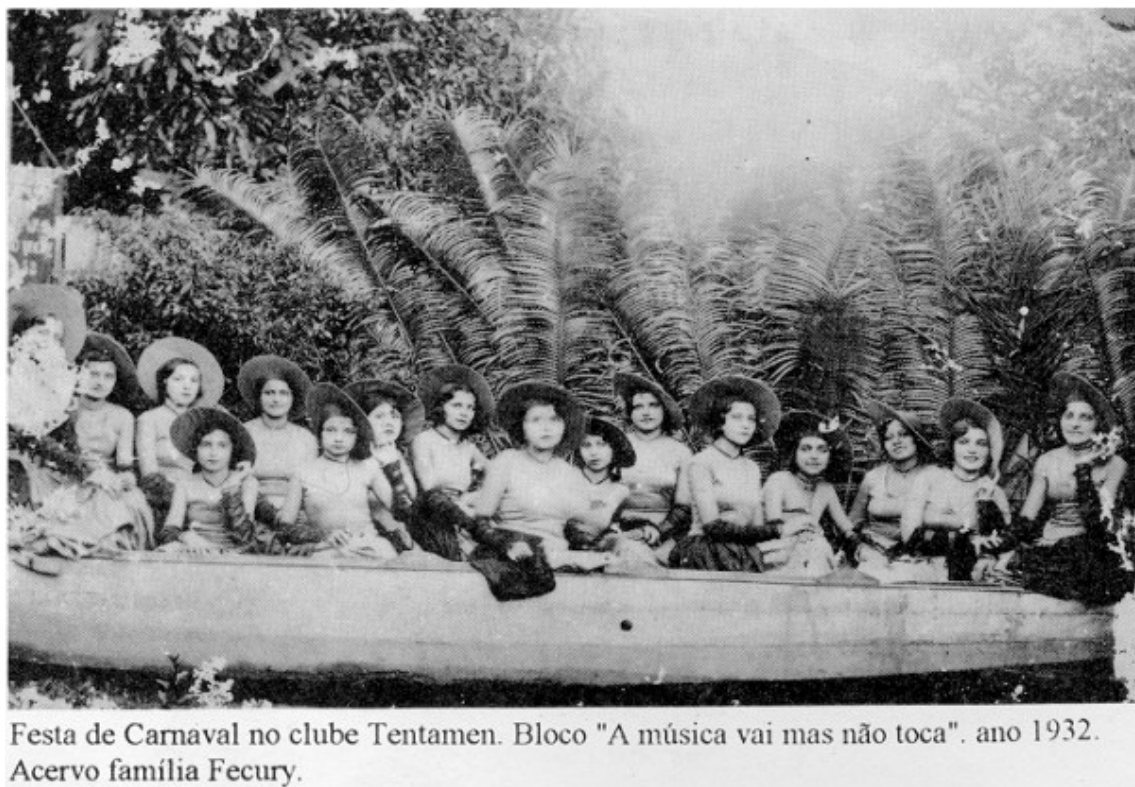
³⁵⁹ FOLHA DO ACRE. **Sociedade Tentamen Carnaval de 1926**. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

³⁶⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

³⁶¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

³⁶² FOLHA DO ACRE. **O carnaval**, Rio Branco, 02 mar. 1927, p. 1.

Figura 12 - Baile carnavalesco da Tentamen, em 1932.



Fonte: Klein (2013).

Mas, não era só no carnaval que a Tentamen se destacava. De forma geral, a associação aparecia nas comemorações ocorridas na cidade. Como é o caso da comemoração de São João, conhecida, também, como festa da roça ou, ainda, como festa junina. Nos festejos de 1926, um “animado grupo de 'tentamistas' travestidos de roceiros, promoveram nos amplos salões da sympathica sociedade uma original festa de arraial”³⁶³.

Havia interação entre os clubes de futebol da cidade e a Tentamen, visto que, alguns dos seus associados, também, eram associados ou jogadores dos times. Em 1927, um grupo de jogadores de diferentes clubes de futebol montou um selecionado para disputar uma partida comemorativa contra o selecionado de jogadores da cidade boliviana de Cobija, que completava mais um ano de existência.

Na partida, o selecionado de jogadores de Rio Branco saiu vencedor e, para comemorar o feito, ocorreu, nos salões da Tentamen, um festival dançante. Na

³⁶³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 jun. 1926, p. 4.

ocasião, “às 9 horas da noite tiveram início animadas danças, que se prolongaram até à madrugada [...]. Foram servidos chá e doces aos presentes”³⁶⁴.

Em 1929, a Associação Athletica Acreana realizou uma *soirée* dançante. Segundo consta, a festa “foi organizada pela 'Legião Feminina' da mesma associação em homenagem às suas adeptas senhorinhas Anayde e Aurea Araújo, respectivamente, 1ª e 3ª collocadas no concurso de beleza instituído pelos confrades da Folha do Acre”³⁶⁵.

O concurso de miss Rio Branco foi noticiado pelo jornal “O malho”, do Rio de Janeiro, devido à participação do governador do Território do Acre, Hugo Carneiro, destacando a presença dos “elementos representativos da sociedade riobranquense”³⁶⁶.

No mês seguinte, o Rio Branco Football Club, realizou um “grande baile” ofertado “às suas gentis torcedoras e lindas Misses”³⁶⁷. Outra notícia apontou que a festa foi “lindíssima” e contou com a presença do “exmo. Sr. governador do Território Dr. Hugo Carneiro, o qual presidiu a sessão solene que procedeu ao baile”³⁶⁸, ocorrendo a entrega do título de campeão daquele ano para a clube mencionado.

Destaca-se que, da inauguração da Tentamen até 1930, três diferentes governadores do Território, em algum momento, participaram de festejos nos salões da associação, demonstrando que seus associados eram pessoas da elite riobranquense, com algum tipo de ligação ou influência política.

A despeito disso, a Tentamen teve importância histórica para a cidade de Rio Branco, sediando diversos eventos, ao longo do século XX. Em 1988, o prédio foi tombado. Segundo consta, a “Sociedade Recreativa Tentamen foi tombada pela Prefeitura Municipal de Rio Branco-AC por sua importância cultural para a cidade”. Esse processo ocorreu a partir da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer Garibaldi Brasil (FGB) e da Coordenadoria de Patrimônio Histórico Cultural (CPC), no uso do decreto nº 713, de 08 de maio de 1988³⁶⁹.

³⁶⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 ago. 1927, p. 4.

³⁶⁵ O ACRE. Rio Branco, 24 nov. 1929, p. 6.

³⁶⁶ O MALHO. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930, p. 41.

³⁶⁷ O ACRE. Rio Branco, 15 dez. 1929, p. 6.

³⁶⁸ O ACRE. Rio Branco, 29 dez. 1929, p. 8.

³⁶⁹ Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/rio-branco-sociedade-recreativa-tentamen/#!/map=38329&loc=-9.98095100000001,-67.808245,17>. Acessado em 13 de dezembro de 2021.



Fonte: Governo do Estado.

Apesar de a Tentamen ter sido tombada pelo poder municipal, após decisão judicial, passou a pertencer ao governo estadual. De acordo com a descrição:

Fundada em 10 de abril de 1924, a Sociedade Recreativa Tentamen, localizada no bairro Seis de Agosto, foi palco de grandes eventos sociais de Rio Branco, tais como formaturas, jantares importantes, aniversários, festas juninas e, principalmente, os famosos bailes carnavalescos que movimentavam toda a cidade, em meados dos anos 1950 e 1960. Seringueiros, comerciantes e seringalistas da época eram o público que mais comparecia nas festas realizadas no local, assim como os jovens das famílias tradicionais da cidade. Com intensa mobilização social, o espaço passou por sua primeira recuperação em 1984, e após o fim da reforma, a administração foi entregue para a então Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto, que em 1999, passou a ser Fundação Elias Mansour³⁷⁰.

³⁷⁰ ACRE, Governo do Estado. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/rio-branco-sociedade-recreativa-tentamen/#!/map=38329&loc=-9.98095100000001,-67.808245,17>. Acesso em: 02 dez. 2021.

Com dinâmicas diversas, mas com público em comum, as casas de diversões foram espaços importantes para diferentes manifestações de diversão, em Rio Branco, no início do século XX. As casas *Smat Club*, *High-Life Club* e o *Magestic Club*, tinham em comum um nome em inglês, que expressava a influência inglesa, algo que era tido como moderno. A Tentamen não tinha um nome inspirado em palavras inglesas, mas expressava, frequentemente, a influência e assimilação de modos e referências internacionais, sobretudo, europeia.

Além disso, estes locais tinham fins lucrativos, mas, talvez, não tanto potencial lucrativo, visto a rápida falência de algumas casas de diversão. Porém, eram uma forma de promover diversão, sociabilidades e reuniões entre seus pares e ter algum ganho financeiro e social.

A vida curta de bares, casas de diversões e associações pode ser explicada pela crise financeira que a população de Rio Branco atravessava, como visto, devido, sobretudo, ao declínio do preço da borracha no mercado internacional, que afetou drasticamente o ramo extrativo.

A princípio, as práticas aconteciam em lugares improvisados, como o Bar Acreano, que, durante o dia, era barbearia e mercearia e, à noite, oferecia espetáculos. Porém, a busca por demonstrar distinção social e modernidade era um elemento presente, desde o início dos anos de 1910. Processo que foi se intensificando, ao longo dos anos, consubstanciado com a construção da Tentamen, que foi a concretização das aspirações da elite.

CAPÍTULO 3 - DIVERSÕES E SOCIABILIDADES: JOGOS, FESTAS E COMEMORAÇÕES

Dos momentos de sociabilidades e práticas de diversão da população de Rio Branco, uma das mais frequentes eram as festas, as quais ocorriam por diversos motivos: aniversários, casamentos, inaugurações de estabelecimentos, comemorações de datas cívicas, festas carnavalescas ou religiosas, entre outras motivações.

As festas aconteciam em diferentes locais da cidade, frequentemente, em espaços privados. Mas, comemorações de carnaval, festas de São João e datas cívicas, como o 7 de setembro, normalmente, aconteciam em espaços públicos, nas praças e ruas. Além das festas, fazia parte do cotidiano da cidade a reunião de pessoas em prol de jogos, ora legais, ora ilegais.

3.1 Festejos e comemorações

As festas, possivelmente, foram a forma mais frequente de diversão e aconteciam por diferentes ocasiões, como aniversários, datas importantes, comemorações religiosas ou arrecadação para manutenção da capela, para a caridade, entre outros motivos.

Era comum, no período, que um programa de diversão fosse variado, com sessões de cinema, apresentações artísticas e que terminasse com uma festa dançante. Da mesma forma, eventos esportivos contavam com um programa de prova ou jogo e, após as disputas, ocorriam festas, sobretudo, entre os anos de 1919 e 1921. Esses eventos ocorriam em diversos locais pela cidade.

As festas religiosas compunham as possibilidades de diversão da população de Rio Branco. Normalmente, eram celebrações que reuniam pessoas de diferentes níveis sociais, em prol da fé. Na cidade, a capela de Nossa Senhora da Conceição era local central na promoção das festas religiosas. A religião católica era popular e mobilizava as pessoas. Segundo Jurkevics (2005, p. 77), “por todo o país, são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular”.

Nossa Senhora da Conceição era tida como padroeira do Acre e, todos os anos, havia a comemoração em homenagem à Santa. No ano de 1910, uma nota

anunciava os preparativos da comissão para a organização dos festejos do referido ano³⁷¹.

No ano seguinte, em 1911, a festa de homenagem à padroeira contou com novenas³⁷² e festejos com diversas barracas, venda de bebidas e sorvetes e apresentações da banda de música, que havia sido contratada para a ocasião e, no dia 8 de dezembro, terminou com uma procissão pelas ruas da cidade³⁷³.

Ainda em 1911, organizaram o novenário em honra a São José, que ocorreu na capela de Nossa Senhora da Conceição, com “grande animação” das famílias residentes na cidade³⁷⁴. De forma similar, foram os festejos de São Francisco, que contaram com uma “belíssima procissão à tarde e ladainha à noite. [...] Os divertimentos do arrayal durante a festividade estiveram animadíssimos”³⁷⁵. A nota não descrevia quais eram os divertimentos deste festejo, mas, normalmente, tratava-se de barracas com venda de comidas e bebidas, prendas e leilões e, em algumas festas, contavam com jogos.

No ano de 1914, ganharam linhas nos jornais, novamente, os festejos de Nossa Senhora da Conceição e de São Francisco. Ambas contaram com “muitas barracas de diversão”, promovidas por pessoas da cidade, que se cadastravam com pedidos de licença, na Intendência Municipal, para montar suas respectivas barracas, no dia do festejo³⁷⁶. Um dos moradores a solicitar a licença para ter uma barraca no festejo de São Francisco foi Antonio Rabello, dono do hotel “6 de agosto”³⁷⁷.

A comemoração da festa de Nossa Senhora da Conceição, do ano de 1917, contou com leilões, orquestra dirigida pelo maestro potiguar Joaquim Scipião, que estava na cidade realizando uma série de apresentações, a presença da banda da Companhia Regional e a oferta de sessões cinematográficas, pelo Olympia Cinema³⁷⁸.

Entre os anos de 1918 e 1921, as notícias referentes aos festejos na capela de Nossa Senhora da Conceição se referiam, em sua maioria, às missas e

³⁷¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 ago. 1910, p. 4.

³⁷² Novenas são momentos de oração, que podem durar 9 dias, 9 horas ou 9 semanas.

³⁷³ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 03 dez. 1911, p. 2.

³⁷⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 12 mar. 1911, p. 2.

³⁷⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco 12 out. 1913, p. 2.

³⁷⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 nov. 1914, p. 1.

³⁷⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 set. 1914, p. 1.

³⁷⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 nov. 1917, p. 2.

novenas, sem grande destaque para as diversões, que, geralmente, eram promovidas nos festejos.

Entretanto, tornou-se comum a presença da banda da Companhia Regional, ou ainda, como também era chamada, da Força Policial. A banda havia sido fundada em 1916 (Quintanna; Fontenele, 2014) e se apresentava em diferentes eventos de diversão que ocorriam na cidade. Entre os anos de 1922 a 1926, os festejos religiosos seguiram a tendência de outras diversões, quase não havendo menções.

Mesmo que não tenha sido tão evidenciada em notícias dos jornais, as festas de São João eram frequentes e tradicionais entre toda a população. De acordo com Klein (2013, p. 1-3),

existentes em quase todo o território nacional, essas festas no Acre são realizadas basicamente nos meses de junho com alguns elementos tais como barracas de comidas típicas, apresentação de quadrilhas e brincadeiras como pau de sebo, fogueira e apresentações musicais [...] folguedos e fogueiras eram feitos nas ruas e praças de Rio Branco desde sua formação inicial.

Entretanto, com a fundação da Tentamen, essas festas ganharam mais visibilidade, por se tornar tradicional, entre seus sócios, a comemoração de São João, no mês de junho, com uma festa de arraial, na qual os participantes se caracterizavam de “roceiros”³⁷⁹. Diferente das festas promovidas pela igreja, que eram abertas para o público em geral, na Tentamen, era realizada uma festa privada, que ocorria em seus salões e restringia a entrada aos associados e, em algumas ocasiões, para convidados.

Se, por um lado, havia as festas de caráter religioso, que seguiam o calendário católico e eram promovidas em homenagem a Santas e Santos, por outro, havia as festas que não tinham, como caráter principal, o religioso, mas, destinavam a arrecadação para a manutenção ou reforma da capela.

Esse foi o caso da festa que recebeu o nome de “Noitada de Arte”, que seria uma “Tertúlia litero-musical”, organizada pelo poeta Barreto Sobrinho, patrocinada pelo professorado da cidade e realizada na Tentamen. Os ingressos

³⁷⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 jun. 1926, p. 4.

custavam 6\$000 (seis mil réis) e parte do produto, que não foi divulgado, foi revertido para a reforma da Capela de Nossa Senhora Conceição³⁸⁰.

A notícia da descrição da festa dedicou várias linhas a elogiar o evento:

Constituiu, talvez, a nota mais disticta de espiritualidade, registrada na sociedade de Rio Branco, a brilhante tertúlia litero-musical de quinta-feira, effectuada na Tentamen, por um grupo de intellectuaes, em homenagem ao festejado belletrista potyguar barreto Sobrinho. Alias, ao significado altamente gentil e justo dessa noitada de fina arte e de pura brasilidade [...] ³⁸¹.

Destacou, ainda, o talento de Barreto Sobrinho e seu ideal cristão. Além de ressaltar que o público do evento era composto de uma “assistência escolhida”, ou seja, de pessoas da elite da cidade.

No mês seguinte, em outubro de 1930, aconteceu outro evento que destinou a arrecadação em prol da reforma da matriz de São Sebastião. A festa contou com o apoio e participação do Governador em exercício, João Cância (1930-1930). Desta vez, as atividades e valores arrecadados foram divulgados. Segundo consta:

O resultado obtido durante as festividades foi o seguinte:

Jogos	510\$000
Bandeja....	304\$200
Sorvete e bolos...	260\$000
Tacacá....	119\$800
Leilão.....	406\$200
Tombola...	100\$00
Total...1:	702\$400 ³⁸²

Dentre as barracas de arrecadação, cabe destacar que a que mais arrecadou dinheiro foi a de jogos. Porém, não foram divulgados quais eram os jogos oferecidos. A segunda barraca que mais arrecadou foi a de leilão. O tombola, que foi o que menos arrecadou, tratava-se de uma espécie de bingo, no qual os participantes deviam completar uma cartela, a partir de números sorteados.

De acordo com Jurkevics (2005, p. 74), as festas religiosas revelam “crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva [...] pela festa, tanto no sagrado quanto no profano, todas as coisas se reconciliam”.

³⁸⁰ O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 1.

³⁸¹ O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 1-6.

³⁸² O ACRE. Rio Branco, 16 out. 1930, p. 4.

Nas festas religiosas, pessoas de diferentes níveis sociais se reuniam em prol de um objetivo comum, que era expressar a fé ou, mesmo, participar e desfrutar de um momento divertido com o coletivo. Ainda que os clubes sociais, como a Tentamen, passassem a promover eventos privados e seletos, a igreja ainda se constituía como um espaço de encontro entre pessoas de diferentes níveis econômicos.

As festas carnavalescas, assim como as religiosas, aconteciam anualmente. Em alguns anos, com maior intensidade e, em outros, com menor. O carnaval acontecia, normalmente, em fevereiro ou março. No Acre, esses meses são marcados por um período chuvoso e, conseqüente, cheia dos rios e igarapés, que contornam a cidade. Em alguns anos, as festas carnavalescas, em Rio Branco, tiveram que ser canceladas, devido às enchentes que acometiam as ruas e devastavam estabelecimentos e casas.

Em 1911, o carnaval em Rio Branco foi animado, com festejos durante os quatro dias. De acordo com a descrição, “vários *bôbos* andaram mascarados pelas ruas da Empreza. Alguns delles cavalgavam estropiados bucephalos. Em compensação, o jogo de confetis entre as famílias, e os lança-perfumes constituíram uma bella e animada folia”³⁸³.

No dia seguinte, saíram às ruas um grupo de mascarados “divertidos de bom gosto”³⁸⁴. Já na terça-feira, “gentis senhorinhas se fantasiaram ostentando galhardas *toilettes*. Varios rapazes do bom tom andaram mascarados, dizendo algumas pilhérias de espírito”³⁸⁵. À noite, ocorreram diversos bailes. No hotel “6 de Agosto”, ocorreu um baile à fantasia, e no Bar Acreano, uma festa dançante.

Na coluna policial, apontavam que o policiamento foi rigoroso, nos diversos “estabelecimentos de diversão”³⁸⁶, para evitar a ação dos perversos. Na ocasião, três indivíduos foram presos por embriaguez. Mas, conclui que o carnaval ocorreu, tendo reinado a melhor ordem e respeito.

No ano 1912, as festas de carnaval foram mais tímidas. Diferente do que havia ocorrido no ano anterior. O motivo era o início da crise financeira, causada pela queda no preço da borracha, principal atividade econômica exercida na cidade. Cabe destaque a nota:

³⁸³ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 26 fev. 1911, p. 2.

³⁸⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 fev. 1911, p. 2.

³⁸⁵ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 05 mar. 1911, p. 2.

³⁸⁶ FOLHA DO ACRE. **Pela Polícia**, Cidade da Empreza, 05 mar. 1911, p. 2.

Estamos em plena época do Carnaval. A Empreza, comquanto ainda não possua fóros de uma cidade completamente dotada dos requisitos e das extravagancias da civilização, não é indiferente às festas de Momo. Assim é que temos visto, em anos anteriores, nesta quadra, a nossa metrópole agitar-se na efusão do prazer que essas festas sempre trazem aos seus apreciadores. O anno passado, assistimos ao entusiasmo com que aqui se realizou o tradicional folguedo. Houve muito confetti, lança-perfumes, etc. As nossas ruas tomaram um aspecto alegre, regurgitando de famílias na mais deliciosa cordialidade. Outro tanto, esperamos ver agora, mas infelizmente nos parece que menos concorridas e animadas serão as nossas festas carnavalescas. Alguns maliciosos acreditam que esse arrefecimento procede da crise, isto é, do baixo preço da borracha. Querem esses pessimistas que não possamos ter agora muito prazer, porque as cousas não andam lá muito para que digamos. Todavia, devemos ser um tanto pholosophos em face dos embates adversos. Rir e folgar, é sempre melhor do que quando superfluamente consumimos o adquirido. Distrahimo-nos em vez de estragarmos. Somos, portanto, de opnião que devemos, agora, mais do que nunca, procurar afogar os nossos prazeres no goso de um divertimento³⁸⁷. [grifos meus].

Era comum encontrar, nas notícias, textos que descreviam eventos bem organizados, bem como, a comparação entre Rio Branco e outras cidades e capitais do país. Essa era uma forma de legitimação da sociedade que se constituía e reafirmava o caráter nacionalista da população.

A notícia do carnaval daquele ano é um exemplo disto. Ainda que as festas carnavalescas fossem retratadas como menos concorridas e animadas, houve carnaval. Ressalta-se que os divertimentos eram vistos e retratados de forma positiva, ou seja, eram bem vistos e incentivados, e, por vezes, vistos como uma forma de suavizar as agruras da situação.

Uma crônica social de 1911 reforça a visão que se tinha sobre os divertimentos:

No decorrer desta anno temos assistido na Empreza a um movimento social digno de nota e que representa um flagrante desmentido ao conceito que nos fazem os que desconhecem a nossa terra com a sua actual florescência. Temos visto que se realizam aqui festas populares eminentemente civilisadas, e que o bom gosto pelas relações sociais se desenvolve com um progresso animador. Ultimamente os espectadores públicos, o pic-nic na praça Rio Branco, a concorrência aos actos religiosos que tem de logar em nossa capela, os saráus familiares e até mesmo o Carnaval, nos têm patenteado um desenvolvimento que nos distancia da apreciação inferior dos que nos olham com indiferença e, por isso mesmo, com injustiça³⁸⁸.

³⁸⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 fev. 1912, p. 2.

³⁸⁸ FOLHA DO ACRE. **Chronica Social**, Cidade da Empreza, 21 mai. 1911, p. 2.

Esse texto evidencia que a mídia queria mudar a ideia que se tinha sobre o Acre e sobre a cidade, que era estigmatizada como atrasada. Para tal, o argumento usado era que a população era civilizada e culta e o se divertir era bem visto e tido como um comportamento moderno.

Porém, a crise financeira que se instalava na cidade influenciou, como em outras diversões, a frequência das festas carnavalescas. Entre os anos de 1913 e 1918, as notícias de festas carnavalescas retratadas nos jornais se referiam a outras cidades, como a cidade acreana de Sena Madureira e Belém do Pará. É provável que, durante estes anos, iniciativas menores tenham acontecido, principalmente, partindo de pessoas que não gozavam prestígio social, mas, não foram consideradas dignas de nota.

As festas carnavalescas na cidade voltaram a ser retratadas em 1918, quando Antonio Rabelo, naquele momento dono da casa de diversão Smart Club, organizou um programa de festas, que aconteceriam no estabelecimento³⁸⁹. O Smart Club “teve os seus salões cheios de animação, hurras!, música, danças, confetis, serpentinas, enfim, cheios de fúria”³⁹⁰ e contou com a apresentação do maestro Scipião, Anival e Plácido, que tocaram, respectivamente, piano, violino e pistom.

Além das festas privadas, no Smart Club, ocorreram festas públicas na Praça Municipal e passeata pelas ruas da cidade, que contaram com pessoas mascaradas. Porém, parte dos programas das festas carnavalescas, públicas e privadas, foram afetadas por torrenciais chuvas, que caíram durante os dias de carnaval.

O colunista do jornal foi taxativo, dizendo que “o carnaval de 1918 em Rio Branco foi desanimado”³⁹¹ e que os festejos foram para as crianças, que estavam em grande número e, caprichosamente, fantasiadas. O que é controverso, pois as notícias mostram que, ainda que o carnaval não tenha correspondido às expectativas do colunista, as festas, no Smart Club, foram animadas e duraram até a madrugada. As festas nas ruas e praças também foram um momento de diversão para os que estavam presentes.

³⁸⁹ FOLHA DO ACRE. **O carnaval**, Rio Branco, 07 fev. 1918, p. 2.

³⁹⁰ FOLHA DO ACRE. **Smart-Club**, Rio Branco, 14 fev. 1918, p. 2.

³⁹¹ FOLHA DO ACRE. **O carnaval**, Rio Branco, 14 fev. 1918, p. 2.

Em 1919, o carnaval foi semelhante ao ano anterior. Ocorreram iniciativas em estabelecimentos privados, como nas casas de diversão, e festas nos espaços públicos, como praça e ruas. Entretanto, as chuvas prejudicaram o andamento dos programas.

No ano de 1920, o carnaval aconteceu em um novo formato, na sede social do clube esportivo. O Rio Branco Football Club ofereceu, aos seus associados, um baile à fantasia, no qual o traje de fantasia era obrigatório e o ingresso para o baile seria o talão do mês anterior quitado. Segundo consta, “levando à sua imponente séde a fina flôr da sociedade elegante da nossa terra”³⁹², ou seja, se tratava de uma festa restrita, dedicada a elite da cidade. A loja “A moda”, de Alfredo Mendes, dono do Eden Cinema, vendia diferentes adereços para o carnaval, como fitas, serpentinas, cetins e mascaras³⁹³.

Além do baile do Rio Branco F.C., o Magestic Club, nova casa de diversão da cidade, que funcionou no mesmo prédio do High Life Club, iria realizar sua inauguração, com quatro bailes carnavalescos, entre os dias 14 a 17. Todavia, o baile do dia 16 foi cancelado, para não concorrer com o baile à fantasia do Rio Branco F.C.³⁹⁴. O Magestic Club, como outros clubes da cidade, era destinado “ao *rendez-vous* dos nossos *snobs* e *rastas*”, isto é, para o encontro de pessoas da elite social.

Como havia acontecido em anos anteriores, os festejos em honra à “chegada do Deus Momo, que desta vez vem completamente molhado, mas bem disposto para a esfuziante recepção que lhe preparam os nossos *smarts*”³⁹⁵. Uma nota, logo abaixo da do carnaval, avisava que o rio Acre estava enchendo e ameaçava uma inundação, situação que era recorrente.

Em 1921, o High Life Club voltou a funcionar e proporcionou, aos seus frequentadores, quatro noites de baile de carnaval. Mais uma vez, a notícia sobre o carnaval foi controversa. Começava dizendo que: “Não houve carnaval! Sim, porque o que vimos esteve muito aquém do que o que poderia esperar o mais desanimado pessimista. E tudo por cauza da crise!”. Termina, descrevendo as diversas iniciativas de carnaval que aconteceram na cidade:

³⁹² FOLHA DO ACRE. **Carnaval**, Rio Branco, 07 fev. 1920, p. 2.

³⁹³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 fev. 1920, p. 2.

³⁹⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1920, p. 2.

³⁹⁵ FOLHA DO ACRE. **Magestic Club**, Rio Branco, 14 fev. 1920, p. 2.

O High-Life, abriu os seus salões e proporcionou aos seus frequentadores quatro noites alegres, ao som de chorosos tangos executados pela banda da Força policial; Os *Aguiães* fizeram a mesma coisa, ao som da própria orquestra; Máscaras e cordões, quebraram a flagelada monotonia da cidade; na terça-feira, percorreu as ruas majestoso carro alegórico, representando – Deus Flagello. Os componentes não se cansavam de criticar O Recenseamento, A coacção as mulheres de vida fácil e Os estatutos dos clubs fechados³⁹⁶.

A notícia mostra que houve iniciativas em locais privados e desfile de carros alegóricos na rua, que, provavelmente, era proposto por pessoas de menor prestígio social, como crítica aos estatutos dos clubes sociais e esportivos, que eram fechados, seleccionando seus associados.

O carnaval de 1922 seguiu a tendência de anos anteriores. O governador em exercício, Epaminondas Jacome (1921-1922), ofereceu, às famílias, um baile no palacete oficial. Na sede social do Rio Branco F.C, a presidência promoveu uma festa para os seus associados, que, “ao som da música, deliciaram-se dançando chorosos tangos”³⁹⁷.

Pelas ruas da cidade, algumas pessoas desfilaram com suas máscaras e, na praça Tavares de Lyra, no domingo, à noite, a banda da Força Policial se apresentou. Na segunda-feira, novamente, houve apresentação da banda da Força Policial, “chamando áquelle ponto algumas famílias. Ali vimos muitas creanças a brincarem no jardim, logradouro publico que dá vida a nossa *urbs*”³⁹⁸.

As notícias sobre o carnaval e sobre o futebol evidenciam a praça, enquanto local público importante na promoção de experiências de diversão para a população da cidade.

No carnaval de 1923, a nota no jornal ressaltou o impacto da crise para a população e apontou que o carnaval, “devido à crise, foi pouco festejado nesta capital”³⁹⁹. Nas ruas, desfilaram alguns mascarados. Nos clubes esportivos, o Rio Branco F.C. ofereceu um baile; o Acreano S. C, de forma semelhante, ofereceu um baile aos associados e convidados. No Aguiães, bar que oferecia noites dançantes, ocorreram festas, durante as noites de carnaval.

³⁹⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 fev. 1921, p. 2.

³⁹⁷ FOLHA DO ACRE. **O carnaval**, Rio Branco, 02 mar. 1922, p. 1.

³⁹⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 mar. 1922, p. 1.

³⁹⁹ FOLHA DO ACRE. **O carnaval**, Rio Branco, 15 fev. 1923, p. 2.

Entre os anos de 1924 e 1925, a crise foi mais severa, o que impactou, fortemente, a promoção das diversões na cidade. Isso fez com que clubes esportivos, assim como, casas de diversão encerrassem as atividades. Nenhum evento carnavalesco, sobretudo privado, foi retratado no ano de 1924. O que não quer dizer, porém, que não houve os tradicionais desfiles de mascarados, pelas ruas, e música, na praça. Entretanto, em 1925, com a inauguração da Tentamen, ocorreram as tradicionais tardes carnavalescas em seus salões, restritas aos sócios e suas respectivas famílias.

A inauguração da Tentamen foi importante para a promoção de festas na cidade, sobretudo as carnavalescas, que passaram a ser frequentes, entre os associados. Em 1926, as festas carnavalescas voltaram a ser retratadas com bastante entusiasmo. As comemorações começaram com antecedência.

Em janeiro, aconteceu, na Tentamen, uma encantadora “Tarde Carnavalesca Infantil”, em comemoração ao aniversário da filha do comerciante Vamude Sakur⁴⁰⁰. O programa de carnaval daquele ano propôs, aos associados, matinês, que foram nomeadas de “Tardes Carnavalescas”, que ocorreram durante cinco finais de semanas consecutivos (17, 24 e 31 de janeiro e 07 e 14 de fevereiro).

As festas começavam às 15 horas e encerravam às 18 horas. A diretoria, para evitar dissabores, advertiu que “em seus salões só podem ter ingresso os seus associados e respectivas famílias, ou pessoas expressa e excepcionalmente convidadas pela mesma Directoria”⁴⁰¹. Reforçando, repetidamente, seu caráter seleto e elitista.

Além das matinês, durante os quatro dias oficiais de carnaval (13 a 16 de fevereiro), a diretoria da Tentamen preparou bailes carnavalescos com “uma ornamentação nunca, jamais, em tempo algum sonhada... os efeitos de scenographia são apenas deslumbrantes”⁴⁰².

Em cada um dos dias, foi preparada uma alegoria temática. Como já apresentado anteriormente, a primeira, ““Demoiselle””, pensada em homenagem a Santos Dumont, apontada como a mais movimentada. A segunda, nomeada de “Orgia Sideral”, era uma “myrades de estrellas e toda uma hallucinação orgíaca de

⁴⁰⁰ FOLHA DO ACRE. **Anniversarios**. Rio Branco, 03 jan. 1926, p. 4.

⁴⁰¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 jan. 1926, p. 1.

⁴⁰² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

corpos sideraes”⁴⁰³ e teria, como objetivo, emanar amor “cosmogênico”⁴⁰⁴. A terceira alegoria era “Pagode Japonez”, em homenagem à delicadeza e “a mimosura de lindas geishas, filhas do paiz do sol nascente, dos chryzantemos”⁴⁰⁵ e cerejeiras”⁴⁰⁶. E por fim, a quarta alegoria, ““Os Pingentes” em referência ao brilho do carnaval.

As comemorações do carnaval de 1926, na Tentamen, foram encerradas com um baile infantil, “para compensar a rigorosa proibição da presença de creanças aos bailes acima annunciados”⁴⁰⁷. Os temas das alegorias mostram o grande esforço em tornar os programas das festas carnavalescas atraentes e distintos, com referências bastante elaboradas.

As notícias daquele ano se ocuparam com as atividades da Tentamen, não mencionando outros locais privados e os comuns desfiles nas ruas da cidade. A foto abaixo ilustra um dos bailes ocorridos na Tentamen, na década de 1930.

⁴⁰³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

⁴⁰⁴ Cosmogênico: Recriar; Transmutar em cosmos o que antes era desordem.

⁴⁰⁵ Crisântemos: uma flor amarela que, na Ásia, tem significado de felicidade e vida longa.

⁴⁰⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

⁴⁰⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.

Figura 14 - Baile de carnaval na Tentamen.



Fonte: Site Jorge Viana.

O carnaval de 1927 foi comemorado em diferentes locais da cidade. Nas ruas, o desfile de mascarados, com “lança perfumes, confettis e atmosfera de franca alegria e cordealidade”; na praça, tocou a orquestra da banda da Força Policial. Um grupo de moços de “elementos da nossa sociedade alegre e juvenil”⁴⁰⁸ promoveu um baile.

Na Tentamen, ocorreram as “costumeiras tardes carnavalescas”⁴⁰⁹ e bailes a fantasia noturnos. Desta vez, sem o esforço do ano anterior de criar enredos complexos. Um destes bailes contou com a presença do governador do Território, Alberto Diniz (1926-1927), e “distintas famílias da elite social”⁴¹⁰. As comemorações foram finalizadas com um baile à fantasia infantil, que contou com um concurso de vestimentas. No Eden Cinema, a programação contou com projeções de filmes e “bailes públicos”⁴¹¹, isto é, aberto ao público em geral, que adquirisse o bilhete de entrada.

⁴⁰⁸ FOLHA DO ACRE. **O carnaval**, Rio Branco, 16 jan. 1927, p. 4.

⁴⁰⁹ FOLHA DO ACRE. **S.R. Tentamem**, Rio Branco, 13 fev. 1927, p. 1.

⁴¹⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 mar. 1927, p. 1.

⁴¹¹ FOLHA DO ACRE. **No Eden**, Rio Branco, 02 mar. 1927, p. 1.

Entre os anos de 1927 e 1930, o Acre foi administrado pelo Governador Hugo Carneiro, que tinha aspirações modernistas e queria causar transformações físicas e sociais em Rio Branco. Durante a sua gestão, ocorreram mudanças estruturais na cidade, com a construção do Mercado Municipal, do Quartel da Força Policial e o Palácio do Governador.

Destaca-se, também, a abertura de uma agência do Banco do Brasil e, com isso, as verbas federais passaram a ir diretamente para o Acre, o que, até tal mudança, eram enviadas para a mesa de rendas do Amazonas, para, só então, serem enviadas ao Acre. Com essa burocratização, havia demora e alguns valores se perdiam no caminho. Além disso, a instalação de um sistema novo de radiotelegrafia, para uma melhor comunicação com outras cidades (Souza, 2002).

Hugo Carneiro também editou o Código de Posturas e Higiene, focado, sobretudo, nas novas construções, que deveriam ser em alvenaria e telha de barro, e não mais em madeira e palha, como a maioria das construções, naquele momento. Além disso, as construções não poderiam mais ser conjugadas, devendo obedecer a uma distância mínima, entre uma e outra. Havia a preocupação com a estética e a assepsia da cidade.

Dessa forma, ocorreram transformações de ordem física e social na cidade de Rio Branco. Segundo Souza (2002), as mudanças impostas por Hugo Carneiro geraram contradição, entre a aceitação e apoio e tensões e resistências, por parte da população. Como aponta Velho (1995, p. 227), a questão urbana “tem sido apresentada ora como fonte inesgotável de problemas, ora como notável progresso na evolução social, mas sempre com um grande desafio”.

Uma das primeiras ações de Carneiro foi a publicação de um novo código de postura, no qual determinava medidas enérgicas contra a embriaguez, os jogos ilegais, os doentes e os padrões sanitários. Dessa forma, as festas promovidas pela elite, que, antes, ofereciam cervejas, vinhos e champanhes, passaram a oferecer sucos e doces.

Houve grande repressão às festas dançantes das pessoas mais pobres. Era comum, durante o período de carnaval, que, na Folha Policial, exibissem os nomes das pessoas que haviam sido presas por embriaguez. Durante o governo Carneiro, as notícias de embriaguez desaparecem, assim como, a divulgação de bebidas alcoólicas em festas.

Na Tentamen⁴¹², o carnaval continuou parte da agenda de festas, com seus tradicionais bailes carnavalescos. Porém, durante esse período, outros locais, que detinham menos notoriedade, não ganharam espaço de nota nos jornais. Isso demonstra que as noções de modernidade e assepsia de Carneiro influenciavam o que seria publicado nos jornais, não dando mais visibilidade a locais que iam contra as noções de comportamento em voga.

Depois da saída do Hugo Carneiro, assumiu o governo, temporariamente, João Cândia (1930-1930), este incentivava e apoiava a organização das diversões na cidade, inclusive sendo figura constante em diferentes eventos esportivos e sociais. Durante a gestão de Cândia, ficou nítido como as ocorrências de diferentes modalidades se intensificaram nos jornais, bem como, a volta da divulgação de bebidas alcoólicas em festas.

As festas de carnaval, em Rio Branco, fizeram parte da história da cidade, tanto as festas de rua, quanto as festas nos clubes sociais. Mesmo que a população passasse por dificuldades, como a crise financeira, e anos em que o rio Acre alagou a cidade, as festas carnavalescas aconteciam, em maior ou menor animação e intensidade. Nesse sentido, a Tentamen se tornou um local importante na promoção de festas para a elite.

As notícias no jornal se dedicavam a falar sobre as festas ocorridas em clubes sociais ou esportivos da elite social. As festas, nesses locais, deixaram mais evidências. Entretanto, bares menos renomados, também, constituíram-se como espaços de diversão e festas, ainda que não ganhassem destaque na folha social do jornal. Pelo contrário, apareciam na folha policial.

Estes locais eram expostos por situações que desagradavam ao poder público, como ocorreu com o bar dos Aguires, que era tido como “a bagunça dos Aguires”. Nas vezes em que apareceu no jornal, foi por ter frequentadores presos por embriaguez. O estabelecimento, decerto, reunia pessoas sem prestígio social.

Por outro lado, ainda que pouco evidenciado nos jornais, o carnaval de rua de Rio Branco era uma tradição, acontecendo desde os primórdios da cidade. Segundo o professor Jorge Viana⁴¹³, esses blocos eram conhecidos como “blocos

⁴¹² O ACRE. Rio Branco, 02 mar. 1930, p. 6.

⁴¹³ Jorge Viana é Engenheiro Florestal pela Universidade de Brasília (UnB), professor da faculdade IDP no Acre e político brasileiro.

de sujo” e se formaram ao longo dos anos, nos bairros mais tradicionais da cidade, e mobilizavam “grande número de foliões”⁴¹⁴.

Além das festas carnavalescas e religiosas, faziam parte do cotidiano da cidade as festas particulares e públicas. As festas particulares, normalmente, aconteciam por alguma ocasião especial, como aniversários e datas importantes. Eram realizadas em locais privados, como casas, hotéis, bares ou casas de diversão. As festas públicas, por sua vez, eram abertas ao público geral e aconteciam, geralmente, em datas cívicas ou para a caridade. Eram realizadas nas praças.

Porém, no ano de 1910, a comemoração da data da Revolução Acreana, 6 de agosto, foi feita no hotel "6 de agosto", de propriedade de Antonio Rabello, que ofereceu uma festa aos seus amigos e fregueses, com bebidas e chocolates, regida ao som de piano e, segundo o jornal, “mereceu as honras da presença de todas as auctoridades locais e de cavalheiros da nossa mais escolhida sociedade”⁴¹⁵.

Ainda que a comemoração fosse de uma data que marca a história do Acre, a comemoração aconteceu de forma privada e com público selecionado. A nota evidencia um movimento que acontecia na região acreana. De acordo com Quintanna e Fontenele (2014, p. 3), após a Revolução Acreana, “surgia uma classe burguesa que consumia as músicas importadas de Belém, Manaus e Rio de Janeiro e chegavam pianos em vários municípios do Estado do Acre”. Em Rio Branco, diversos estabelecimentos de diversão ofereciam apresentações de piano.

Novamente, no hotel "6 de agosto", em comemoração ao aniversário do capitão Fabio Fabrizzi, foi oferecido um banquete e, para a comemoração, o salão do hotel foi ornamentado com luzes e flores e, do lado externo, houve queima de foguetes. A festa ainda contou com a apresentação da orquestra da Força Policial e apresentação da pianista Beatriz⁴¹⁶.

Semelhante ao que acontecia em outros ramos de diversão, as festas eram promovidas em homenagem a pessoas de prestígio social ou segmento, como forma de legitimação e de atrair ao público que estimava tais pessoas ou segmentos sociais.

⁴¹⁴ Ver: <https://jorgeviana.com.br/historia-carnaval-acre/#>. Acesso em: 22 mar. 2024.

⁴¹⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 ago. 1910, p. 4.

⁴¹⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 abr. 1911, p. 1.

No Bar Acreano, Emma Biari e Lily Candini, artistas itinerantes que estavam na cidade, realizaram festas em homenagem ao jornal “Folha do Acre”, à Colônia Síria, estabelecida na cidade, e ao comércio da Empresa, antigo nome da cidade de Rio Branco. Dessa forma, prestigiou diversos segmentos da sociedade, principalmente, a imprensa, visto que o jornal “Folha do Acre”, no período, era o único jornal, em circulação, dedicado à cidade.

Pierio Cordeiro, artista que esteve na cidade entre 1911 e 1913, realizou, no Bar Acreano, uma festa artística dedicada à Queda da Bastilha e à comunidade Maçônica da cidade, a qual era representativa, nas primeiras décadas do século XX. Na cidade, havia dois estabelecimentos maçônicos: a Igualdade Acreana e a Loja Maçônica. Além de Cordeiro, também cantou a artista Ema Biari⁴¹⁷. Mais um exemplo da estratégia usada, principalmente, por artistas itinerantes, de homenagear pessoas ou segmentos sociais, como forma de atrair o público e, provavelmente, de ser mencionado na imprensa, ganhando, dessa forma, visibilidade.

Entre os anos de 1910 a 1913 o Bar Acreano e o Hotel 6 de agosto se constituíram como locais importantes de encontro da elite local e promoção de festas privadas. Entretanto, festas privadas aconteciam em diferentes locais, como na casa do aniversariante. Esse foi o caso da comemoração do aniversário da filha do coronel José Augusto Maia que para celebrar reuniu “em sua residência os seus amigos numa esplendida festa”⁴¹⁸.

Os seringais, também, eram espaços de festas. No seringal Riosinho, ocorreu uma festa para comemorar o primeiro aniversário de casamento do coronel João de Oliveira Rôla, proprietário do seringal, que contou com “esplendido pic-nic”, para o qual os convidados se deslocaram do centro da cidade rumo ao seringal, a cavalo⁴¹⁹.

No ano seguinte, na comemoração do segundo aniversário de casamento, novamente, o coronel João Rôla promoveu uma festa, com uma ceia para “76 seringueiros com suas famílias”. Para o deslocamento dos convidados que moravam no centro da cidade, a prefeitura disponibilizou uma embarcação, que levou vários convidados, inclusive o Prefeito e o diretor do jornal “Folha do Acre”. A

⁴¹⁷ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 jul. 1911, p. 3.

⁴¹⁸ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 06 ago. 1911, p. 2.

⁴¹⁹ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 30 jul. 1911, p. 3.

feita contou com um banquete, uma orquestra regida por Anibal Souza e danças, até o dia seguinte⁴²⁰.

Outra característica das festas em Rio Branco é que, assim como outros ramos de diversão, em diversas ocasiões, faziam parte de um programa mais amplo que contava com outras diversões. Na comemoração do aniversário da República Portuguesa, a colônia lusa estabelecida na cidade organizou um programa de comemorações, que contou com desfile, queima de foguetes, salva de tiros, almoço no Hotel Madrid, sessão cívica no Bar Acreano, baile na casa do coronel Victor Porto e corridas hípias, realizadas pelo Sport Acreano⁴²¹.

As inaugurações de novos estabelecimentos eram celebradas, normalmente, com um baile. Assim foi a inauguração do Hotel Chicarelli, de propriedade de José Chicarelli. De acordo com uma nota, “realizou um esfuziante baile no vasto salão do mesmo estabelecimento, o qual ficou repleto de convidados”⁴²². A festa foi animada por uma banda de música, que tocou maxixe⁴²³, “exibindo-se garbosamente alguns pares”⁴²⁴.

Em homenagem ao prefeito, os habitantes do centro da cidade organizaram um programa de festividades, que contou com uma homenagem ofertada pela firma N&Maia, de propriedade de Neutel Maia, que ofereceu, ainda, aos convidados, champanhe, no Hotel do Comercio.

Os associados do “Sport Club Acreano” realizaram “explendidas corridas” e, por fim, um “sumptuoso baile”, nos salões da prefeitura, que teve uma banda com repertório diversificado, tocando “walsa”, “quadrilha”, “polka” e “schotisch”⁴²⁵, ou seja, com diferentes influências de músicas e danças.

De acordo com Quintanna e Fontelele (2014, p. 4):

A identidade cultural do estado do Acre se deu como resultado de uma mescla resultante das práticas culturais ligadas ao contexto da cidade e do seringal. Atividades de lazer, como cinema mudo, teatro musicado, e as músicas de origem europeias ligadas à dança de salão, ocorriam também nos cassinos e nas casas de mulheres vindas de Belém, Manaus e até da Europa. Como represália às práticas musicais em locais não tão adequadas às moças da sociedade, em 1920, foi fundado em Rio Branco o Clube Social Tentâmen, o clube das elites.

⁴²⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 ago. 1912, p. 2.

⁴²¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 out. 1911, p. 1.

⁴²² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 dez. 1911, p. 2.

⁴²³ Maxixe ou tango brasileiro é um tipo de dança de salão surgido no Rio de Janeiro no século XIX.

⁴²⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 dez. 1911, p. 2.

⁴²⁵ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1912, p. 1.

A partir de 1917, surgiram as primeiras casas de diversão, isto é, estabelecimentos dedicados, exclusivamente, as diversões e clubes esportivos, que continham sede social. Nesse contexto, durante a curta existência, o Smart Club era um local de reuniões da elite, no qual, todos os dias, depois do cinema, oferecia-se serviço de bar e orquestra liderada pelo maestro Scipião. Na comemoração do Ano Novo, de 1917 para 1918, o estabelecimento ofereceu, aos seus frequentadores, “uma bella festa artística” organizada pelo maestro⁴²⁶.

O Magestic Club, dito “importante e frequentado centro de reunião dos nossos rastas”, também oferecia, aos finais de semana, festas dançantes e bailes aos associados, ao som de uma orquestra⁴²⁷. Similarmente, o High Life Club, outra casa de diversão que existiu na cidade, oferecia, aos frequentadores, noites com dança e, igualmente, bailes. Na reinauguração, ocorreu um baile em homenagem ao regresso do coronel Manuel Vasconcellos a cidade⁴²⁸.

O Eden Cinema, local que se destacava como espaço de diversão, na oferta de sessões cinematográficas, teve momentos de diversificação, ao longo dos anos, contando com apresentações teatrais, reuniões esportivas e, em 1927, anunciou: o Eden “agora tem festas lindas, lindíssimas”⁴²⁹. Diferente da Tentamen, que era um local restrito a elite, o Eden Cinema era abrangente quanto ao público, bastava adquirir a entrada.

Em Rio Branco, diferentes locais foram abertos, no decorrer dos anos, com intuito de promover momentos de diversão. Contudo, o que ganhou mais destaque foi a Tentamen, que foi fundada com o objetivo de ser um local de reunião e diversão da elite social e se dedicava, exclusivamente, a promover festas de diferentes gêneros, como festas de aniversário, carnavalescas e bailes temáticos. A exemplo, a festa denominada de “Chocolate tango”, que aconteceu em homenagem a Mario de Oliveira, o idealizador do projeto da Tentamen⁴³⁰.

De forma semelhante, os clubes esportivos, em suas respectivas sedes sociais, constituíam-se como espaços de festas e comemorações. O Acreano

⁴²⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 jan.1918, p. 2.

⁴²⁷ FOLHA DO ACRE. **Na tela e nos salões**, Rio Branco, 06 mar. 1920, p. 2.

⁴²⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 abr. 1920, p. 3.

⁴²⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 mar. 1927, p. 2.

⁴³⁰ FOLHA DO ACRE. **Esparsas**, Rio Branco, 02 mai. 1926, p. 4.

Sporting Club ofereceu aos seus sócios uma festa de Ano Novo, com animadíssimo *the tango*, na qual as danças se prolongaram por horas⁴³¹.

Em outra oportunidade, o Acreano S.C. “abriu os seus salões e offeceu à família rio-branquense, uma soiré dançante que correu animadíssima”. Essa nota terminou elogiando a diretoria da associação pelo que estava fazendo em “prol da sociabilidade”⁴³².

O Rio Branco Football Club, outro clube esportivo da cidade, também propiciava aos sócios festas dançantes. Na homenagem a José de Mello, o baile organizado pela diretoria contou com danças, que se prolongaram até a madrugada, ao som da banda da Força Policial⁴³³. O esporte em Rio Branco, a princípio, era uma prática legítima apenas para os homens, dessa forma, era apenas no momento das festas que mulheres podiam desfrutar de experiências de diversão e sociabilidade.

Além das festas já citadas, havia festas temáticas, como a festa que foi organizada para comemorar o aniversário da esposa do prefeito da cidade, em 1920. A festa ocorreu no Grupo Escola “24 de março” e foi chamada de “soirré Blanche”⁴³⁴. Nesse baile, inspirado em festas francesas, os convidados deveriam se vestir de forma elegante, usando trajes brancos⁴³⁵. Assim como acontecia com peças teatrais, eventualmente, o espaço do Grupo Escolar era utilizado para sediar festas.

As embarcações, ocasionalmente, constituíam-se como espaço de festas. Como ocorreu no convés do “Cidade de Fortaleza”, que foi cedido pelo seu proprietário, coronel Raymundo Vieira Lima, para a confraternização, após uma disputa de regatas. A embarcação estava cheia de “senhoras, senhoritas e cavalheiros” que dançaram por algumas horas ao som da banda da Força Policial⁴³⁶.

O “Cidade de Teffé” também foi palco de uma “soirée dansante”, promovida por diversos “rapazes da elite” e contou com muitas senhorinhas. A festa teve a apresentação da banda de música da Força Policial, “tendo sido durante a mesma, servidos finos doces e licores”⁴³⁷.

⁴³¹ FOLHA DO ACRE. **Acreano Sporting Club**, Rio Branco, 03 de jan. 1920, p. 2.

⁴³² FOLHA DO ACRE. **Acreano Sporting Club**, Rio Branco, 31 jan. 1920, p. 2.

⁴³³ FOLHA DO ACRE. **O Baile**, Rio Branco, 24 fev. 1923, p. 3.

⁴³⁴ FOLHA DO ACRE. **Soirée Blanche**, Rio Branco, 23 set. 1920, p. 1.

⁴³⁵ Ver: soireeblanche.fr. Acesso em: 03 de abril de 2024.

⁴³⁶ FOLHA DO ACRE. **A festa de domingo ultimo a bordo do “Cidade de Fortaleza”**, Rio Branco, 27 out. 1921, p. 2.

⁴³⁷ FOLHA DO ACRE. **Festa**, Rio Branco, 30 mar. 1922, p. 2.

Majoritariamente, as festas retratadas no jornal eram da elite da cidade e recebiam apreciação e comentários elogiosos. Entretanto, havia as festas que não eram organizadas pela elite. Estas apareciam na Folha Policial do jornal. Em 1911, o chefe de polícia anunciou que tomaria providencias mais enérgicas contra certos indivíduos, que “em dias de festas divertem-se em disparar tiros de rifle na zona urbana da cidade”⁴³⁸. O anúncio dizia que estes seriam presos e perderiam suas armas. Era comum, nesse período, que pessoas possuíssem armas. Mas, já circulava, na região, ideais modernistas e esse comportamento, além de perigoso para a população, destoava da imagem que queriam imprimir para o restante do país, de uma população culta e ordeira.

O baile ocorrido na casa do marinho Neu ganhou destaque na “Folha Policial”, por ter acabado com uma briga generalizada entre “marinheiros, guardas e outros convidados”⁴³⁹. Acontecimento que foi, fortemente, criticado pelo jornal. Por outro lado, ainda que não tenha relato de brigas ou confusões, o bar chamado de “bagunça dos Aguires”, local que ganhava destaque durante os dias de carnaval por promover festas, recebeu uma intimação da polícia para só dar bailes aos sábados⁴⁴⁰.

Marcelino Borges, que realizava festas dançantes em sua casa, do mesmo modo, foi intimado a “a não fazer o seu forró sem licença da polícia”⁴⁴¹. As festas de pessoas mais pobres não recebiam o mesmo tratamento no jornal. Pelo contrário, eram coibidas.

Se, por um lado, havia as festas privadas, por outro, havia as festas públicas, que aconteciam nas praças da cidade e, normalmente, tinham como motivação a caridade, a comemoração de datas cívicas ou homenagens. Em 1911, o prefeito do Departamento, Deoclaciano Souza, ofereceu à população em geral um *pic-nic*, em homenagem a Gentil Noberto, fundador do Partido Construtor⁴⁴².

A homenagem aconteceu na praça Rio Branco, que havia sido construída há poucos meses, no bairro de Pennapolis. A festa contou com “brilhante ornamentação e uma esplendida orchestra”. O convite à população destacava a profusão do evento:

⁴³⁸ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 25 jun. 1911, p. 3.

⁴³⁹ FOLHA DO ACRE. **Em Porto Acre**, Rio Branco, 07 fev. 1918, p. 2.

⁴⁴⁰ FOLHA DO ACRE. **As bagunças**, Rio Branco, 01 set. 1921, p. 3.

⁴⁴¹ FOLHA DO ACRE. **Pela polícia**, Rio Branco, 10 ago. 1922, p.3.

⁴⁴² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 set. 1921, p. 1.

Às 10 horas será servido um farto churrasco à riogrande, que será regado a vinhos finos. Haverá em abundância várias bebidas, doces, etc., O sr. dr. Deocleciano de Souza pede-nos convidemos o povo em geral para essa sympathica diversão, esperando o comparecimento de todas as pessoas que poderem dispensar-lhe essa gentileza⁴⁴³.

Além da fartura de comidas e bebidas, foi disponibilizado, para a população, embarcações para que pudessem atravessar o rio Acre, para chegar ao bairro de Pennapolis. O evento ainda contou com a queima de foguetes e grande “concorrência” da população, destacando-se a presença de “senhoras e senhoritas”⁴⁴⁴.

As festas, entre os anos de 1910 e 1913, eram mais fartas. Nos anúncios, dizia-se ter chocolates, champanhes, licores, cervejas e banquetes. O panorama, contudo, mudou, ao longo dos anos, principalmente, a partir de 1921, quando as festas passaram a acontecer de forma mais regrada, sem anúncio de ornamentações especiais, foguetes ou comidas e bebidas finas. O que coincide com o momento de maior flagelo da crise financeira.

Em outubro de 1921, senhoras da elite se juntaram para promover a “festa das creanças pobres”, que aconteceu na praça Tavares de Lyra, que, semanas antes, tinha sido reformada e transformada em um “aprazível logradouro público”⁴⁴⁵. Na festa, foram distribuídas roupas e outros objetos a “petizes necessitados”.

Uma nota destacava a tão altruísta manifestação de amor e carinho⁴⁴⁶ daqueles que contribuíram para a ação. A festa contou com a presença do Governador do Território, Epaminondas Jácome, e “700 crianças foram agraciadas com presentes”⁴⁴⁷. Durante a festa, ocorreram diferentes brincadeiras. Naquele momento, a região acreana passava pela crise da borracha, que se aprofundava. Ao longo da década de 1920, ocorreram outras iniciativas de doação de roupas e comida.

As praças eram espaços importantes na promoção de momentos de diversão, ao longo dos primeiros anos do século XX. Comumente, durante as tardes

⁴⁴³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 abr. 1911, p. 1.

⁴⁴⁴ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 30 abr. 1911, p. 1.

⁴⁴⁵ FOLHA DO ACRE. **A praça**, Rio Branco, 11 ago. 1921, p. 1.

⁴⁴⁶ FOLHA DO ACRE. **Festa das creanças pobres**, Rio Branco, 22 set. 1921, p. 2.

⁴⁴⁷ FOLHA DO ACRE. **A festa de caridade**, Rio Branco, 06 out. 1921, p. 1.

de domingo, diversas famílias iam às praças para caminhar e fazer *pic-nic*. Era comum, nesses momentos, que a banda da Força Policial ensaiasse, tocando para as pessoas que ali estavam presentes.

As festas eram uma forma de diversão frequente. Diferente de outras diversões que tinham dia fixo para acontecer ou aconteciam, mais frequentemente, aos finais de semana, esse tipo de evento acontecia em qualquer dia da semana e em diferentes locais. Geralmente, eram anunciadas na “Folha social”. Mas, os eventos das casas de diversão eram anunciados na coluna “Na tela e nos salões”, junto à programação do cinema. As programações das casas de diversões, regularmente, estavam integradas ao cinema.

As festas tinham algumas características em comum. Normalmente, era um espaço onde a presença de mulheres era legítima. Dessa forma, as festas se constituíam em momentos importantes, que oportunizavam que mulheres se divertissem. Frequentemente, os organizadores dos eventos locavam a banda da Força Policial, que, recorrentemente, estava presente nas festas da elite. Pessoas de diferentes níveis sociais ou prestígio social festejavam, ainda que a representação no jornal fosse diferente. As festas da elite eram evidenciadas, no jornal, de forma apreciativa, já as festas de pessoas mais pobres eram coibidas.

3.2 Jogos legais e ilegais

Os jogos eram uma forma comum de diversão, em Rio Branco, no início do século XX, principalmente, os jogos de cartas, jogos de azar, jogos de aposta e os bilhares. Atraiam pessoas de diferentes níveis econômicos e, por diferentes razões, ganhavam espaço nas páginas dos jornais.

Em fevereiro 1911, o prefeito do Departamento do Alto Acre, do qual Rio Branco fazia parte, determinou que a força policial agisse, energicamente, contra os jogos de azar, como é possível ver na notícia abaixo:

De acordo com o Código Penal de República, o emx sr. dr. Prefeito do Departamento acaba de dar ordens terminantes a esta delegacia afim de proceder energicamente, contra qualquer jogo de azar, como sejam: roletas, rifas, cartas, etc., promovendo a punição dos delinquentes. E para

conhecimento de todos mandei afixar o presente Edital nos logares mais públicos desta cidade e publicá-lo pela imprensa⁴⁴⁸.

O código penal ao qual se referia a nota era o Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890, que definia como jogos de azar aquele em que “o ganho e a perda dependem exclusivamente da sorte” e excluía “as apostas de corridas a pé ou a cavalo, ou outras semelhantes”, visto que as corridas eram populares, nesse período e, dessa forma, bem vistas e legais (Soares, 2004).

O decreto sofreu alterações, ao longo dos anos, sobretudo pela Lei n.º 2.321, de 30 de dezembro de 1910; e os decretos n.º 8.597, de 8 de março de 1911, e n.º 8.598, de 8 de março de 1911. Estas legislações alteraram a cobrança de impostos, modificaram o tipo penal, a regulamentação e fiscalização (Krelling, 2010).

Cabe ressaltar que o jogo de azar “nunca foi tratado como crime, e sim como contravenção [...] alcançada pela legislação penal e não pela civil” (Krelling, 2010, p. 3). O artigo 369, ainda destacava que os utensílios utilizados para os jogos poderiam ser recolhidos e os jogadores presos ou multados entre 50\$000 (cinquenta mil réis) a 100\$000 (cem mil réis).

As legislações sobre os jogos de azar giravam em torno de duas questões: primeiro, principalmente, a financeira, para evitar a concorrência com as loterias, das quais o governo federal estipulava cobrança de impostos; e a segunda era as noções morais da época, que tinham como influência os ideais modernistas, que ditavam as noções de moralidade e os comportamentos.

Dois meses após a veiculação da informação de que a polícia agiria com mais vigor para reprimir a prática dos jogos ilegais, uma notícia narrou um ocorrido no hotel “6 de agosto”, de propriedade de Antonio Rabello. Na ocasião, a polícia fez uma batida policial onde ocorria o funcionamento de uma roleta, apreendendo os utensílios utilizados no jogo. As pessoas que jogavam fugiram pelos fundos do hotel, não ocorrendo prisões⁴⁴⁹.

Ainda em 1911, outras duas notas retratam os aspectos negativos do jogo. A primeira dizia que o jogo “é o manancial do vício”⁴⁵⁰. A segunda, mais longa, discorreu sobre como o jogo afetava a vida dos jogadores:

⁴⁴⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 fev. 1911, p. 3.

⁴⁴⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 abr. 1911, p. 3.

⁴⁵⁰ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 02 jul. 1911, p. 1.

A iniciativa tomada pelo prefeito deste departamento, afim de extinguir a desenfreada jogatina que de um modo assustador se alastrava nesta cidade, deve ser calorosamente applaudida e entusiasmamente acolhida. É muito verdade que o jogo sendo para alguns um passa-tempo agradável e inofensivo, é para outros a causa de grandes males e é justamente nestes que se desenrolam fatalmente as consequências funestas e irremediáveis do mais terrível de todos os vícios. Aplaudamos qualquer medida contra a jogatina, porque aplaudimos assim um acto de elevada administração, creando para a sociedade homens uteis e bons e afastando da família, do lar, o seu mais terrível inimigo, que tirando-lhe o pão leva-lhe a miséria, o soffrimento e a dor. Acolhamos com entusiasmo esta iniciativa do dr. Prefeito, porque uma medida de saneamento moral e diretamente quase, concorrer para o engrandecimento e progresso local⁴⁵¹ [grifos meus].

A notícia acima expõe questões interessantes sobre os comportamentos pretendidos e como a imprensa tinha um papel fundamental na conformação de tais comportamentos. A nota evidencia que os jogos se alastravam pela cidade, ou seja, ocorria em diferentes locais e, provavelmente, atraía pessoas de todos os níveis econômicos.

Trechos, como “homens uteis e bons” e “saneamento moral”, expressam um discurso moralizante, segundo o qual, os jogos de azar e os jogos de aposta eram apontados como destoantes de um comportamento pretendido e iam contra “padrões higienistas e sanitários de modernização em voga” (Krelling, 2010, p. 3).

Um comunicado publicado, no Rio de Janeiro, e replicado, no jornal “Folha do Acre”, reforça o discurso contrário ao jogo e os males que ele poderia causar:

Diathese cancerosa das raças amenizadas pela sensualidade e pela preguiça, elle entorpece, calleja, desviriliza os povos, nas fibras de cujo organismo insinuou o seu germe, proliferante, inextirpável [...] Só o jogo não conhece remissão: com a mesma continuidade com que devora as noites do homem ocupado e os dias do ócio, os milhões do opulento e as migalhas do operário, tripudia uniformemente sobre a sociedade nas quadras de fecundidade e de penúria, de abastança e de forma, de alegria e de luto. É a lepra do vivo, é o verme do character⁴⁵².

Tanto o comunicado de Ruy Barbosa, quanto a notícia anterior, demonstram que havia noções sobre as práticas de diversão ou “passatempo”, que eram vistos como agradáveis e inofensivas, assim como o “ócio”. Por outro lado, havia práticas que eram mal vistas e reprimidas, como os jogos ilegais.

⁴⁵¹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 mai. 1911, p. 1.

⁴⁵² FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 mar. 1913, p. 2.

Ao longo dos anos, dentro do recorte temporal da pesquisa, a maior parte das notícias encontradas sobre os jogos são notas de repressão da imprensa ou descrições de ocorrências de batidas policiais.

Assim como ocorreu, em 1912, quando a polícia recebeu uma denúncia de que, no estabelecimento de Manoel Joaquim Pereira, todas as noites, havia uma “desenfreada jogatina”. Para averiguar, a força policial foi ao local e encontraram “os jogadores em plena função, prendendo os de nomes Miguel Martins, Francisco Fernandes, José Moraes e Joaquim Marcellino, além do dono da casa de tavolagem”⁴⁵³.

De forma semelhante, em 1921, Analia dos Santos foi intimada pela polícia, para não continuar com suas reuniões “offencivas a moral, em sua casa; senhoritas Nobre e Silvy de tal para não continuar com o jogo e depravações na casa à rua Alagoas”⁴⁵⁴. Essa notícia se destaca por expor o discurso moralizante e sanitarista, e pelos ocorridos terem sido protagonizados por mulheres, algo raro no período. Mas, os jogos atraíam as mais diversas pessoas, pobres, ricos, homens e mulheres.

No ano seguinte, mais uma batida policial. Desta vez, no botequim situado na Avenida Epaminondas Jacome, do qual o nome não foi mencionado. Porém, os nomes das pessoas presas, que estavam na prática de “jogos proibidos”, foram expostos: “Simão Antonio Ferreira, João Miranda da Silva, Francisco Simão, José Claudino, João Pinheiro Barbosa, José Correia Filho e Hermenegildo Baptista Gomes. Todos passaram a noite na hospedaria do posto policial”⁴⁵⁵. A notícia foi exibida na coluna policial do jornal, denominada de “Pela Policia”.

Ainda em 1922, outra nota escrita na coluna policial do jornal informava que foram presos, em uma cumbuca de jogo, “Antonio Gomes da Silva, dono da cumbuca, Irineu Cordeiro da Silva e João Antonio de Lima”⁴⁵⁶. Pelas informações, é possível perceber que se tratava de pessoas que não gozavam de prestígio social, pois foram tratados apenas pelo nome e sobrenome, sem pronomes de tratamento como “senhor” ou “doutor”. Uma notícia de 1912, ainda que seja sobre um programa

⁴⁵³ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 mar. 1912, p. 2.

⁴⁵⁴ FOLHA DO ACRE. **Pela polícia**, Rio Branco, 22 set. 1921, p. 2.

⁴⁵⁵ FOLHA DO ACRE. **Pela polícia**, Rio Branco, 09 mar. 1922, p. 2.

⁴⁵⁶ FOLHA DO ACRE. **Pela polícia**, Rio Branco, 02 nov. 1922, p. 2.

de corridas hípicas e pedestres, demonstra como o tratamento do nome importava e distinguia o nível social da pessoa.

O juiz da comarca que assistia à corrida e fez um “escândalo” por não ter sido chamado de “digníssimo doutor”, chamando o redator do jornal “Folha do Acre” de bandido. Ao ser confrontado pelo redator do jornal, ele fugiu, correndo pelos fundos da estrutura da corrida, assustando as pessoas que assistiam ao programa⁴⁵⁷.

Dias e Souza (2020, p. 470) apontam que “as formas de se divertir ampliaram suas funções sociais como indicadores públicos do grau de civilidade e respeitabilidade de um indivíduo”. Além da distinção de tratamento na descrição dos nomes, majoritariamente, as notícias sobre os jogos, ou ainda, sobre os jogos proibidos, eram publicadas na coluna policial do jornal. Por outro lado, quando se tratava de pessoas que faziam parte da elite social de Rio Branco, a forma como o ocorrido era exposto mudava.

Em 1913, o Sr. coronel Neutel Maia, que era o maior empresário e seringalista da cidade, obteve, junto à Intendência Municipal, um alvará de licença, mediante o pagamento da taxa, no valor de 100\$000 (cem mil réis), para ocorrer, no estabelecimento denominado de Empreza Club, do qual era dono, jogos “permitidos por lei”⁴⁵⁸. Após a autorização municipal, não houve acontecimentos relevantes que fizeram o estabelecimento ser retratado nos jornais, até o seu desaparecimento, em 1915.

No ano de 1918, a polícia fez uma batida policial no Smart Club, casa de diversão que tinha como sócias pessoas de destaque social na cidade. A notícia foi intitulada de forma irônica de “mais uma façanha policial” e, em suas linhas, dizia que “os assistentes duma festa artística, realizada num dos salões do Smart Club, nesta cidade, foram victimas duma verdadeira chantage, á guisa de deligencia policial”.

O estabelecimento era de Antonio Rabello, que, nos anos anteriores, era dono do hotel “6 de Agosto”, o qual ganhou espaço no jornal por uma apreensão de pessoas, jogando roleta. Segundo consta, ocorria, no local, uma festa artística com a devida autorização da polícia, “que naquela noite, os iluminados salões do Smart abriram-se para um festival publico não proibido”. Porém, com manifesto

⁴⁵⁷ FOLHA DO ACRE. **Um juiz provocador**, Pennapolis, 24 jul. 1912, p. 1.

⁴⁵⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 jun. 1913, p. 3.

“desrespeito aos presentes, entre os quaes pessoas de reputação firmada na sociedade; enfim com o sacrifício do seu próprio desprestígio, a polícia invadiu inesperadamente, o Smart, interrompendo o festival” para verificar se os presentes estavam a praticar “jogos proibidos por lei”⁴⁵⁹.

O tom, desta vez, foi completamente diferente, expressando, inclusive, que a ação causou desprestígio da força policial. Entretanto, a notícia termina sem dizer se havia ou não pessoas jogando jogos proibidos.

Em 1926, o chefe de polícia reafirmou a proibição municipal da prática de jogos de azar em clubes e “bagunças”⁴⁶⁰. Porém, foi durante a gestão do governador Hugo Carneiro (1927-1930) que a repressão aos jogos e a embriaguez foi mais intensa na cidade.

Carneiro ficou conhecido por ser um governador que queria remodelar Rio Branco e torná-la uma vitrine para o restante do Território do Acre, inspirado pelos ideais modernistas em voga. Durante seu governo, publicou um novo código de posturas municipais, que incluía a assepsia da cidade, isolando os doentes do centro urbano, a construção de prédios em alvenaria, mais modernos e com padrões de higiene, e a repressão à embriaguez e aos jogos proibidos (Souza, 2002).

Ao final do mandato de Carneiro, uma nota que fazia o balanço do governo apontava as transformações comportamentais ocorridas:

Para quem conheceu o Acre de outrora, mesmo para quem o viu há muito pouco tempo, as suas cidades com a sua vida nocturna de jogatina desenfreada e bebedices constantes, para a intranquilidade e tormento das poucas famílias que a habitavam, é incontestemente a grande modificação de costumes de seus habitantes actuaes, máxime nos três últimos anos, período em que não se tem dado tréguas nem ao vício, nem ao ódio, nem ao crime⁴⁶¹.

É notável mudanças, principalmente, nos anúncios de festas, que, antes, anunciavam cervejas e champanhes. Durante a gestão de Carneiro, nas festas, eram oferecidas balas, doces e sucos gelados. Outra nota elogiosa apontava, como bem feitorias do governador, a “repressão ao alcoolismo e combate a jogatina”⁴⁶², reforçando o caráter modernista e higienista de Carneiro.

⁴⁵⁹ FOLHA DO ACRE, Rio Branco, 02 mai. 1918, p. 1.

⁴⁶⁰ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 ago. 1926, p. 1.

⁴⁶¹ O ACRE. Rio Branco, 15 jun. 1930, p. 5.

⁴⁶² O ACRE. Rio Branco, 22 jun. 1930, p. 3.

Dentre os jogos permitidos por lei, estavam os bilhares, que são jogos de mesa com bolas e tacos, que eram uma forma de diversão bem frequente, ofertada por diversos locais da cidade, como bares e hotéis. Após a reforma do batalhão de polícia, foi construído um “cassino dos officiaes”, que continham um “luxuosíssimo salão onde os officiaes podem se distrahir na pratica de jogos de salão como sejam: bilhar, ping-pong, gamão, dama, ect.”⁴⁶³.

O Bar Acreano, lugar importante nas diversões da cidade, oferecia, aos frequentadores, “botequim, bilhares e teatro”⁴⁶⁴. Em 1912, o Grande Hotel Republicano oferecia bagatelas⁴⁶⁵ e bilhares⁴⁶⁶. Anos mais tarde, o Sport Bar, que teve duração curta, anunciava a oferta de “bebidas geladas, doces, chocolates, bilhares”⁴⁶⁷.

Em 1918, a fábrica de gelo e cigarros Victoria, de propriedade de Manuel Vasconcellos, oferecia, também, “bem montado botequim e um magnífico salão de bilhares”⁴⁶⁸. Em 1927, os donos do Eden Cinema, Moleiros e Esteves, que, também, eram proprietários do Hotel Madrid, ofereciam, no espaço do hotel, “botequim e bilhares”⁴⁶⁹. Em 1930, foi anunciada a inauguração do estabelecimento “Café Leão do Norte”, de propriedade de João Saldanha Braga, que dizia possuir “2 esplendidos bilhares e manterá completo serviço de café”⁴⁷⁰.

Os anúncios citados apareciam na parte de propaganda do jornal e, frequentemente, a oferta de bilhares estava atrelada ao serviço de botequim, além disso, estes locais se denominavam como centros de diversão. De acordo com as disposições do orçamento de 1922, os estabelecimentos que ofertavam “jogos tolerados” pagariam 200\$000 (duzentos mil réis) e os que ofereciam os jogos de bilhar uma taxa de 20\$000 (vinte mil réis)⁴⁷¹. Ou seja, os estabelecimentos que ofereciam bilhares pagavam menos impostos dos que os estabelecimentos que ofereciam jogos legais.

Os jogos eram populares e atraíam o interesse de pessoas de diferentes níveis sociais, desde a elite até os mais pobres, mulheres e homens. Quando se

⁴⁶³ O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 1.

⁴⁶⁴ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 jul. 1911, p. 4.

⁴⁶⁵ Bagatela é um jogo de tabuleiro jogado na mesa de bilhares.

⁴⁶⁶ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 fev. 1912, p. 4.

⁴⁶⁷ FOLHA DO ACRE. Cidade da Empresa, 28 mar. 1915, p. 3.

⁴⁶⁸ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 31 jan. 1918, p. 3.

⁴⁶⁹ FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 jan. 1927, p. 3.

⁴⁷⁰ O ACRE. Rio Branco, 23 fev. 1930, p. 8.

⁴⁷¹ FOLHA DO ACRE. **Lei 77**, Rio Branco, 10 nov. 1921, p. 3.

tratava de jogos permitidos por lei, não parecia haver diferença de tratamento entre os jogadores mais pobres e os mais endinheirados.

Era um passatempo estimado e estava inserido no cotidiano da cidade, assim como na cidade de São Paulo, na gênese dos divertimentos, o jogo estava ligado “aos adultos, eram eles que jogavam, e o desejo era que eles fossem mesmo os únicos a se divertirem jogando” (Santos, 2019, p. 265). Em Rio Branco, os bilhares eram facilmente encontrados, nos mais diversos estabelecimentos, como botequins, bares e hotéis e compunha a gama de possibilidades de diversão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Rio Branco, entre os anos de 1910 e 1930, era, relativamente, nova. A partir de 1890, com o aumento da ocupação, chegou a uma população de 23.340 pessoas, no ano de 1910⁴⁷². A dinâmica econômica, da época, era completamente voltada para a produção extrativista da borracha. Dessa forma, a cidade não apresentava características de industrialização ou intensa urbanização. Mas, ainda assim, experimentou o surgimento de novas práticas de diversão e a organização esportiva.

Aparentemente, as mudanças sociais ocorridas, no período, estavam associadas a uma escala de valores. Dessa maneira, os ideais modernistas levaram a assimilação de novos hábitos, valores e padrões de civilidade. Assim, as transformações ocorridas foram mais de ordem social, isto é, comportamentos e valores, do que física ou estrutural.

Naquele contexto, as diversões apareciam como uma manifestação dos novos hábitos modernos. Outro fator importante, no desenvolvimento das diversões, foi o capital humano, ou seja, a influência e capacidade de mobilização de determinadas pessoas que foram importantes nesse processo, como Alfredo Mendes, Mario de Oliveira e José de Melo.

Nesse sentido, a penúria financeira pela qual atravessou a população rio-branquense, quando o preço da borracha caiu, foi um fator, a princípio, de diversificação econômica, momento em que abriram-se novos empreendimentos comerciais. Entretanto, ao longo dos anos, isso foi se tornando um fator de instabilidade. Algo que ocorreu porque os moradores da cidade eram os grandes responsáveis pela promoção das diversões.

Nos anos iniciais da década de 1910, a cidade parecia fazer parte de uma rota de artistas itinerantes, que se deslocavam pela região norte do Brasil, principalmente, pelas capitais da região norte, Manaus e Belém. Com o avanço da crise, sobretudo, a partir de 1922, parece que a cidade deixou de fazer parte de tal rota, não atraindo mais artistas para a região. Consequentemente, a promoção de momentos de diversão e a organização esportiva ficaram a cargo dos próprios moradores.

⁴⁷² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1927.

Durante o período, houve ocasiões pontuais de intervenção governamental ou apoio financeiro de instituições públicas ou privadas, para a promoção das diversões na cidade. Diferente, por exemplo, da cidade de São Paulo (Decca, 1983), onde a indústria patrocinava e apoiava práticas de diversão e organizações esportivas, sobretudo, os clubes de futebol. Em Rio Branco, a população ficava a cargo das próprias iniciativas.

As festas eram uma das formas mais frequentes de diversão. Elas aconteciam em diferentes dias da semana e em diversos locais pela cidade, destacando-se os hotéis e as casas de diversão, como espaço de reuniões, sociabilidades e eventos festivos. Aquelas de natureza pública aconteciam em ruas e praças, como as comemorações de dias de carnaval, a data de 7 de setembro e dias religiosos. Esses momentos reuniam pessoas de diferentes níveis sociais, gêneros e idades.

As festas privadas, que, normalmente, aconteciam em bares e casas de diversão, eventualmente, estabeleciam o pagamento de entradas para os que participavam, mas sempre selecionavam o público presente. Houve, durante as primeiras décadas, um esforço grande da elite para estratificar os locais e privatizar as práticas, tornando-as, cada vez mais, restritas a determinado grupo social. Esse processo pôde ser visto no cinema, no futebol e na Tentamen.

O cinema, a princípio, não tinha distinção de lugares. Porém, com a reforma de 1925, passou a ter setores diferentes, como camarotes, cadeiras e gerais - lugar no qual as pessoas assistiam ao filme em pé ou sentadas no chão.

No futebol, os jogos aconteciam na praça Rodrigues Alves, espaço público e aberto. A construção do estádio proporcionou uma organização estratificada, similar ao do cinema, com arquibancada e camarotes para as pessoas que desfrutavam de prestígio social e dinheiro, além da cobrança de entradas com valores diferentes para cada espaço.

As casas de diversão foram um movimento inicial de criação de espaços destinados à elite da cidade. A construção da Tentamen, que, logo após a inauguração, tornou-se um clube social, foi a concretização das aspirações da elite. No local, pessoas endinheiradas da cidade poderiam se reunir com seus semelhantes, para desfrutar de momentos de diversão e distinção social.

Com a criação oficial da banda da Força Policial, em 1916, esta se tornou presença frequente em festas, principalmente, as da elite. Porém, aos domingos, ela ensaiava na praça, na qual famílias se reuniam para caminhar e fazer *pic-nics*.

As festas da elite eram evidenciadas no jornal de forma apreciativa, na coluna “Folha Social”. As festas de pessoas mais pobres eram, normalmente, coibidas e só apareciam na “Folha Policial”. Esses eventos evidenciam mudanças sociais que estavam em curso e a repercussão de novos hábitos e valores no cotidiano da população.

Os jogos de cartas, jogos de azar, jogos de aposta e, principalmente, os bilhares se constituíram como uma forma popular de diversão. A prática atraía o interesse de pessoas de diferentes níveis sociais, tornando-se comum em diversos estabelecimentos da cidade, como hotéis, botequins e bares. O bilhar era um jogo permitido por lei e um dos mais populares, a ponto de conter um bilhar no “cassino” oficial dos militares.

A primeira organização esportiva se constituiu para a organização de corridas hípicas, recebendo o nome de Sport Acreano. A associação teve vida curta, mas, sua criação marcou o início da organização esportiva na cidade. As corridas hípicas tiveram dois momentos: o primeiro, por volta de 1910, e o segundo, por volta de 1930.

Com exceção das corridas organizadas pelo Sport Acreano, as corridas hípicas aconteciam de forma esporádica e sem o amparo de associações esportivas. As corridas a pé e de bicicleta marcaram menos o cotidiano da cidade, aparecendo por volta de 1910 e, depois, sem mais evidências de seu acontecimento.

As corridas hípicas, a pé e de bicicleta, tinham características parecidas. Normalmente, aconteciam de forma esporádica e costumavam ocorrer durante festividades da cidade, sobretudo, nas comemorações de 7 de setembro (Independência do Brasil) e 6 de agosto (Revolta Acreana). Era comum que as corridas integrassem um programa mais amplo de comemorações. Durante o período estudado, não logrou êxito em ter um local específico para a prática, acontecendo, de forma improvisada, nas praças ou no estádio de futebol.

A prática esportiva, de forma geral, passou a compor a dinâmica social da cidade, sendo comportamentos exaltados, sobretudo, nas páginas dos jornais, por evidenciar a assimilação de novos hábitos modernos. A presença de militares na

cidade influenciou a organização esportiva, principalmente, nos jogos atléticos e no futebol. As primeiras décadas do século XX foram de assimilação e legitimação das práticas esportivas, concretizando-se com a inserção destas no currículo escolar primário.

A princípio, a prática esportiva era restrita a homens adultos, que compunham a elite social. Porém, por volta de 1929, com a criação da Associação Atlética Acreana, aconteceu uma mudança de dinâmica representativa, com a possibilidade de vivência dos esportes ampliada para crianças e mulheres, com times infantis de futebol e times femininos de vôlei.

O futebol era uma das práticas esportivas mais populares, no período. Os primeiros clubes surgiram em 1919 e os primeiros torneios ocorreram entre os anos de 1920 e 1921. Esses anos marcaram a primeira fase do futebol, em Rio Branco, com grande mobilização de pessoas e apoio da imprensa. Porém, a intensificação da crise afetou, drasticamente, o incipiente esporte, causando um hiato das atividades, entre os anos de 1923 a 1925. Em 1926, o esporte ganhou novos esforços em prol da sua reorganização.

Em 1929, surgiu um novo movimento esportivo, com a inauguração de novos clubes de futebol e a fundação de novos espaços para a prática. O futebol alterou o cotidiano da cidade e modificou aspectos físicos, como o campo construído na praça Rodrigues Alves e a construção do primeiro estádio de futebol da cidade, o “Estádio José de Melo”. Além da construção das sedes sociais dos clubes, que se configuravam como espaços de reuniões e festas.

Em Rio Branco, o futebol não tinha público consumidor, como em outras cidades, como o Rio de Janeiro, que, no mesmo período, já contava com diversos times e com a organização de campeonatos. A população da cidade, em 1920, era de, aproximadamente, 20 mil pessoas, entre ricos e pobres. O que a cidade tinha de população, alguns jogos, no Rio de Janeiro, tinham de público (Santos, 2010). Além disso, o acesso a materiais esportivos era um impeditivo, visto que deveriam ser encomendados na capital federal.

Futebol e cinema eram as diversões que mais atraíam ao público da cidade e ganhavam destaque nos jornais. As primeiras exhibições cinematográficas aconteceram de forma improvisada, no Bar Acreano, e ao ar livre, nas praças. O

primeiro cinema de Rio Branco foi fundado em 1913, o Olympia Cinema, que existiu entre os anos de 1913 e 1920.

O segundo cinema fundado na cidade, que, a princípio, chamava-se Ideal Cinema, foi inaugurado em 1916, teve - e tem - grande valor cultural para a população. O prédio que, em 1920, quando adquirido por Alfreindo Mendes e Leonel Vinagre, recebeu o nome de Eden Cinema, viveu tempos áureos, entre os anos de 1920 e 1921. Ao longo da década de 1920, ele passou por diferentes donos e mudou de nome, por diversas vezes. Atualmente, chama-se Popular Cinema e foi tombado pelo IPHAN, pelo seu valor histórico e cultural.

Diferente do cinema, que contava com local específico e regularidade nas atividades, as peças teatrais aconteciam de forma esporádica e em diferentes locais da cidade, como no Bar Acreano, no Eden Cinema e no Grupo Escolar. O teatro, em Rio Branco, diferia-se de outras cidades brasileiras, como São Paulo, que, desde a virada do século XIX para o XX, contava com teatros em prédios monumentais, além de ter sido um divertimento pioneiro entre as diversões (Santos, 2017). Em Rio Branco, esse ramo de diversão não obteve tal feito. Na cidade, o teatro se consolidou com grupos teatrais e um teatro, apenas por volta dos anos de 1970.

A legitimidade da prática esportiva e dos momentos de diversão vieram primeiro para a elite. As primeiras associações esportivas e clubes sociais foram da elite e, ao longo do tempo, foram se difundindo para pessoas menos abastadas. Nesse sentido, a mudança de hábitos, valores e comportamentos foi vivenciada e imposta por esse grupo social. Suas experiências eram, fortemente, evidenciadas e incentivadas na imprensa, que cumpria o papel social de difusão dos novos ideais, que circulavam na cidade e no Brasil.

Rio Branco tinha singularidades e aproximações com outras cidades brasileiras, na organização das diversões. Assim como em São Paulo (Decca, 1983), as práticas mais populares, entre a população rio-branquense, eram o cinema, as festas e o futebol. As corridas, sobretudo, as hípicas, também se assemelhavam, na forma de organização, ao que acontecia em Manaus (Souza, 2017). Porém, sem a concretização de um prado.

No desenvolvimento do futebol e na construção dos espaços esportivos, na cidade, tanto a praça esportiva da Associação Atlética Acreana, quanto o Estádio José de Melo, do Rio Branco Football Club, foram construídos de forma privada,

pelas respectivas associações. Diferente de estádios de futebol construídos pelo Brasil, com iniciativa pública. O futebol, em Rio Branco, organizou-se de forma singular, sem a formação de um mito fundador ou influência de estudantes, que haviam retornado da Europa. Ele permaneceu amador até a década de 1940.

A maior singularidade da organização das diversões, em Rio Branco, vem da adversidade. O isolamento político e geográfico e a crise financeira eram impeditivos. Dessa forma, organizar e promover as diversões dependia, majoritariamente, do empenho da população. Essa dinâmica fazia com que a frequência e o desenvolvimento das diversões oscilassem. Mas, ainda assim, em Rio Branco, houve diferentes práticas de diversão.

FONTES

COMMERCIO DO ACRE. Xapury, 11 nov. 1917, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 12 ago. 1917, p. 4.

CORREIO DO NORTE. Manaus, 16 dez. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza 02 abr. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza 07 set. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 02 jul. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 04 jun. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 05 mar. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 06 ago. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 07 mai. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 08 out. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 11 jun. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 12 fev. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 12 mar. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 13 nov. 1910, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 14 ago. 1910, p. 4.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 16 jun. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 16 out. 1910, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 17 set. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 18 jun. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 19 mar. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 ago. 1910, p. 4.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 21 mai. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 jan. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 nov. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 22 out. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 23 abr. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 24 set. 1911, p. 1.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 25 jun. 1911, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 26 fev. 1911, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 28 mar. 1915, p. 3.

FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 29 out. 1911, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 30 abr. 1911, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Cidade da Empreza, 30 jul. 1911, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 06 abr. 1912, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 09 jun. 1912, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 12 mai. 1912, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Pennapolis, 24 jul. 1912, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 fev. 1923, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 jul. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 mai. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 01 set. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 dez. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 jun. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 mai. 1918, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 mai. 1926, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 mar. 1922, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 mar. 1927, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 nov. 1922, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 02 set. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 abr. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 ago. 1922, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 jan. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 dez. 1911, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 fev. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 jan. 1926, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 jan. 1918, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 mai. 1928, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 mar. 1912, p. 5.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 03 mar. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 abr. 1918, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 abr. 1926, p. 6.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 ago. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 jul. 1926, p. 4.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 mai. 1913, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 04 nov. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 05 ago. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 06 ago. 1911, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 06 jul. 1922, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 06 jun. 1918, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 06 mar. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 06 out. 1921, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 abr. 1921, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1918, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 fev. 1926, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 jul. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 jun. 1928, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 nov. 1926, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 07 set. 1913, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1913, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1922, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 mai. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 nov. 1914, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 out. 1911, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 08 set. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 abr. 1911, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 dez. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 jul. 1911, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 jul. 1911, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 jun. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 mar. 1922, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 nov. 1922, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 09 out. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 ago. 1922, p.3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 jan. 1920, p. 2.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 dez. 1921, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 fev. 1921, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 jan. 1926, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 jan. 1927, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 mar. 1921, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 10 nov. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 abr. 1918, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 ago. 1921, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 11 fev. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 ago. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 jul. 1914, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 12 out. 1913, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 fev. 1927, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 jan. 1929, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 jun. 1913, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 13 out. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 ago. 1910, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 ago. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 set. 1922, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 dez. 1922, p.1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 fev. 1918, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 fev. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 fev. 1926, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 jul. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 mar. 1927, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 out. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 14 set. 1927, p. 8.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 ago. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 ago. 1926, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 fev. 1923, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 jul. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 jun. 1913, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 jun. 1922, p.3.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 15 nov. 1917, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jan. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jul. 1911, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jun. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 jun. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 mar. 1922, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 16 out. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 17 dez. 1921, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 abr. 1918, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 ago. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 fev. 1912, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 mai. 1930, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 18 set. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 19 ago. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 19 mai. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 jul. 1913, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 jul. 1922, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 jun. 1926, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 mai. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 nov. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 20 set. 1914, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 abr. 1912, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 abr. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 abr. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 ago. 1927, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 fev. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 jun. 1914, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 mar. 1915, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 21 nov. 1926, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 22 ago. 1926, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 22 jul. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 22 jun. 1913, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 22 set. 1921, p.2.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 abr. 1911, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jul. 1911, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 jun. 1912, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 mai. 1918, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 set. 1920, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 23 set. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 abr. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 dez. 1921, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 fev. 1921, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 fev. 1923, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 jan. 1926, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 jul. 1927, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 mar. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 24 mar. 1913, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1912, p. 1.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 ago. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 26 mai. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 abr. 1922, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 jul. 1913, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 jul. 1921, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 jul. 1922, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 mai. 1920, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 nov. 1927, p. 4.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 out. 1921, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 27 set. 1927, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 28 fev. 1918, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 28 mar. 1918, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 29 nov. 1914, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 29 set. 1912, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 jun. 1912, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 jun. 1921, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 jun. 1927, p. 4.

FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 mai. 1918, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 mar. 1922, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 30 out. 1910, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1922, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 31 jan. 1918, p. 3.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 31 jan. 1920, p. 2.
FOLHA DO ACRE. Rio Branco, 31 mar. 1921, p. 3.
JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 05 abr. 1910, p. 2.
JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 16 ago. 1910, p. 2.
JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 19 mai. 1906, p. 3.
JORNAL DO COMMERCIO. Manaus, 31 dez. 1909, p. 2.
O ACRE. Rio Branco, 01 jun. 1930, p. 3.
O ACRE. Rio Branco, 02 mar. 1930, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 03 nov. 1929, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1929, p. 4.
O ACRE. Rio Branco, 07 set. 1930, p. 1.
O ACRE. Rio Branco, 08 jun. 1930, p. 8.
O ACRE. Rio Branco, 10 ago. 1930, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 10 nov. 1929, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 13 jun. 1930, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 14 dez. 1930, p. 1.
O ACRE. Rio Branco, 14 set. 1930, p. 1.
O ACRE. Rio Branco, 15 dez. 1929, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 15 jun. 1930, p. 5.
O ACRE. Rio Branco, 16 out. 1930, p. 4.
O ACRE. Rio Branco, 17 nov. 1929, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 18 ago. 1929, p. 2.
O ACRE. Rio Branco, 19 out. 1930, p. 4.
O ACRE. Rio Branco, 20 abr. 1930, p. 6.
O ACRE. Rio Branco, 20 jul. 1930, p. 4.
O ACRE. Rio Branco, 21 set. 1930, p. 4.
O ACRE. Rio Branco, 22 jun. 1930, p. 3.
O ACRE. Rio Branco, 23 fev. 1930, p. 8.

- O ACRE. Rio Branco, 23 nov. 1930, p. 3.
- O ACRE. Rio Branco, 24 ago. 1930, p. 6.
- O ACRE. Rio Branco, 24 nov. 1929, p. 6.
- O ACRE. Rio Branco, 25 ago. 1929, p. 4.
- O ACRE. Rio Branco, 25 mai. 1930, p. 6.
- O ACRE. Rio Branco, 27 abr. 1930, p. 6.
- O ACRE. Rio Branco, 27 jul. 1930, p. 4.
- O ACRE. Rio Branco, 27 out. 1929, p. 1.
- O ACRE. Rio Branco, 28 set. 1930, p. 5.
- O ACRE. Rio Branco, 29 dez. 1929, p. 8.
- O ACRE. Rio Branco, 29 jun. 1930, p. 6.
- O ACRE. Rio Branco, 30 mar. 1930, p. 8.
- O ACRE. Rio Branco, 31 ago. 1930, p. 1.
- O ALTO PURÚS. Sena Madureira, 18 abr. 1915, p. 3.
- O ALTO PURÚS. Sena Madureira, 25 abr. 1915, p. 2.
- O MALHO. Rio de Janeiro, 22 fev. 1930, p. 41.
- O PHAROL. Juiz de Fora, 21 ago. 1924, p. 2.

REFERÊNCIAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Meio Ambiente Cultural político. **Memórias, identidades e territorialidade**. ZEE/AC, fase II. Programa Estadual de Zoneamento Ecológico-Econômico do Acre. Rio Branco: SEMA, 2010.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BRASIL. **Estudo Geográfico do Território do Acre**. Brasília: Senado Federal, 2004.
- BRASIL. Ministerio da Agricultura, Indústria e Comércio. **Recenseamento do Brazil 1920**. Typ. Da estatística, Rio de Janeiro, 1927.
- BUENO, Ricardo. **Borracha na Amazônia**: as cicatrizes de um ciclo fugaz e o início da industrialização. Porto Alegre: Quattro Projetos, 2012.
- CAMARGO, Angélica. Território do Acre. **MAPA**. Memória da Administração Pública Brasileira. Arquivo Nacional, 2022. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-primeira-republica/1157-territorio-do-acre>. Acesso em: 04 mai. 2024.
- CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **'A fundação do Acre'**: um estudo sobre comemorações cívicas e abusos da história. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- COELHO, Geraldo. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo olhares. **Escritos** (Fundação Casa de Rui Barbosa), Rio de Janeiro, v. 5, 2011.
- CORREIA, Joyce. **História das diversões em Rio Branco, 1918-1927**. Dissertação (mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- CUNHA, Euclides. **À margem da história**. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. São Paulo: Ministério da cultura, 2015.
- DECCA. Maria Auxiliadora. **A vida fora das fábricas**: cotidiano operário em São Paulo 1927-1934. Tese (Doutorado). UNICAMP. Campinas, 1983.
- DIAS, Cleber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la historia del deporte**, n. 10, 2012.
- DIAS, Cleber; SOUZA, Eliza. Ciclismo e comércio em Manaus, 1898-1907. **Revista de História Regional**, 2020.
- FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ACRE. **Revista da Federação de Futebol do Acre**. Edição Histórica, Rio Branco, 2010.
- FONSECA, Cassio. **A economia da borracha**: aspectos internacionais e defesa da produção brasileira. Comissão executiva de defesa da borracha. Rio de Janeiro, 1950.

FREIRE, Vanda. A Máginca: Um gênero Musical esquecido. **OPUS**, v. 6, p. 77-86, 1999.

FREIRE, Vanda. Magia no cenário teatral: As mágicas e o teatro musical do século XIX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 174, n. 460, p. 209-222, 2013.

GAMBETA, Wilson. **A bola rolou**: O velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

GOMES, Leonardo; MORAES, Letícia; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Recorde: Revista de história do esporte - um cenário dos seus 13 anos de publicações. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 14, n. 2, 2021.

HOFFBAUER, Daniela; PESSOA, Gláucia. **Francisco Pereira Passos**. Memória da administração pública brasileira. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes2/70-biografias/762-francisco-pereira-passos>. Acesso em: 13 ago. 2020.

IANNI, Octavio. A Ideia de Brasil Moderno. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 19-38, jul./dez. 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil, 1908/1912**. Rio de Janeiro: Ministerio da Agricultura, Indústria e Comércio. Diretoria Geral de Estatística, v.1, t.3, 1927. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1908_1912_v3.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário Estatístico do Brasil, 1936**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estatística, v.2, 1936. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1936.pdf. Acesso em: 10 abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Biblioteca IBGE**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=41010&view=detalhes>. Acesso em: 02 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais - 1872/2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> —. Acesso: 10 mai. 2024.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates, Curitiba**, v. 43, n. 2, p. 73-86, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863/5544>. Acesso em: 02 dez. 2021.

KLEIN, Daniel da Silva. A Amazônia no Ciclo da Borracha: populações e economia no Acre, Amazonas e Pará entre 1880 e 1920. **Revista Estudos Amazônicos**, v. 8, n. 2, p. 165-189, 2012.

KLEIN, Daniel da Silva. **A borracha no Acre: economia, política e representações** (1904 - 1945). Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KRELLING, Carolina. Os jogos de azar na legislação penal brasileira. **Ius Commune – UFSC**, Santa Catarina, 2010. Disponível em: <https://iuscommune.paginas.ufsc.br/files/2020/07/Comunica%C3%A7%C3%A3o-Carolina-Malagoli-Krelling.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2024.

LESSA, Priscila; SOARES, Carmen Lúcia; SILVA, Marcelo. Passeios de bicicleta, corridas esportivas: novos divertimentos na cidade de São Paulo (1896-1925). **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 52, p. 311-334, 2023.

MALAIA, João Manuel. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro** (1915-1934). Tese de (Doutorado). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MALAIA, João Manuel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, v. 13, p. 125-155, 2008.

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Victor Serpa e a “Mania Foot-Ball”: O Mito Fundador do Esporte Bretão na Cidade de Belo Horizonte/MG (1904-1905). **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 3, n. 1, p. 50-60, 2014.

MELO, Elderson. **Teatro de Grupo no Estado do Acre: trajetória, prática e a inserção do estilo regional** (1970-2010). Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual de Campinas, 2010.

MELO, Hildete; MARQUES, Teresa. Imigrantes portugueses no Brasil a partir dos recenseamentos populacionais do século xx: um estudo exploratório de gênero. **Revista Gênero**, v. 9, n. 1, 2008.

MELO, Victor. O esporte: uma diversão no Rio de Janeiro do Século XIX. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. p.49–66, 2016.

MELO, Victor. Sobre o conceito de lazer. **Sinais sociais**. Sesc. v. 8, n. 23, 2013.

MELO, Victor. Um hipódromo suburbano: a experiência do Club de Corridas Santa Cruz (Rio de Janeiro-1912/1918). **Topoi** (Rio de Janeiro), v. 20, p. 157-184, 2019.

MELO, Victor; PERES, Fábio. Lazer, esporte e cultura urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro. **Logos**, v. 12, n. 1, p. 75-92, 2005.

MENEZES, Maria Lucia Pires Menezes; FERNANDES, Nelson da Nobrega. As capitais do acre: a cidade e os poderes. **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. 9, n. 194, 2005.

PEREIRA, Micheline. **No escurinho do cinema?** Uma abordagem sobre o cinema em Rio Branco na década de vinte. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

PONTES, Carlos. O primeiro ciclo da borracha no acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Acre**, v.1, n.1, p. 107-123, 2014.

QUINTANNA, Ciro; FONTENELE, Ana Lúcia. Música popular urbana no Estado do Acre: décadas de 30 e 40 do século XX. **XXIV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**. São Paulo, 2014.

RIBEIRO, Jean Carlo. **A capital dos esportes:** poder, idealismo e hábitos físico-esportivos no surgimento de Goiânia (1930-1945). Tese (doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

RODRIGUES, Marilita. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade:** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Flávia. Divertimentos paulistanos (1828-1867). **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.3, 2019.

SANTOS, Flávia. **Uma história do conceito de divertimento na São Paulo do século XIX (1828-1889)**. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. Vol. 3. São Paulo: TA Queiroz, 1980.

SILVA, Francisco. **Acre, a “pátria dos proscritos”:** prisões e desterramentos para as regiões do Acre em 1904 e 1910. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

SOARES, Oscar. **Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil**. Ed. fac. simile 1910. Brasília: Senado Federal: Superior Tribunal de Justiça, 2004.

SOUZA, Eliza. **Panorama do esporte em Manaus - 1897 a 1911**. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Sergio. **Fábulas da modernidade no acre:** a utopia modernista de Hugo Carneiro na década de 1920. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Revista Estudos Históricos**, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

VILHENA, Kellen. Teatro, cinema e outras diversões nos primórdios de Belo Horizonte. In: DIAS, Cleber; ROSA, Maria Cristina (org.). **Histórias do lazer nas Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência** (1850-1920). Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.